



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GABRIEL CORREIA DE SOUZA

**ALTERNÂNCIA DO [b] E [v] NAS CAPITALS NORDESTINAS
A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Londrina
2025

GABRIEL CORREIA DE SOUZA

**ALTERNÂNCIA DO [b] E [v] NAS CAPITALS NORDESTINAS
A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Londrina - UEL, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino

Londrina
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Souza, Gabriel.

Alternância do [b] e [v] nas capitais nordestinas a partir dos dados do Projeto ALiB / Gabriel Souza. - Londrina, 2025.
128 f.

Orientador: Fabiane Cristina Altino.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Dialetoлогия - Tese. 2. Fonologia - Tese. 3. Português brasileiro - Tese. I. Altino, Fabiane Cristina. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

GABRIEL CORREIA DE SOUZA

**ALTERNÂNCIA DO [b] E [v] NAS CAPITALS NORDESTINAS
A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Universidade Federal de Santa
Catarina - UFSC

Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 27 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder forças e sabedoria em todos os desafios ao longo desta jornada.

À minha mãe, Viviane Gomes Correia de Souza, e ao meu avô, Isaltino Franco Correia, por incentivarem desde a infância minha paixão pela Língua Portuguesa.

Ao meu pai, Rogério Cáceres de Souza, pelo amor incondicional e pelo apoio desde os primeiros passos da minha formação.

À minha companheira, Mariana Andrade Miyamoto, pelo incentivo constante e por ser minha fonte diária de inspiração.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Fabiane Cristina Altino, pela dedicação, paciência e por iluminar meu caminho da Dialetologia e na vida acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento concedido por meio da bolsa de estudos, viabilizando o desenvolvimento desta pesquisa e minha formação acadêmica.

*"Le langage est notre élément comme l'eau est
l'élément des poissons."*

MERLEAU-PONTY

"La llengua és l'ànima de tot un poble."
*"Añe'ě peteĩ ñe'ě avei itujaitereíva, che ñe'ě
teete. "*

RESUMO

SOUZA, Gabriel Correia de. **Alternância do [b] e [v] nas capitais nordestinas a partir dos dados do Projeto ALiB**. 2024. 86 p. Dissertação em Estudos da Linguagem – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

A alternância entre [b] e [v] é um fenômeno linguístico com raízes no latim vulgar que se manifesta nas línguas românicas, incluindo o português brasileiro. Sua persistência e variação regional o tornam relevante para os estudos de Dialetoлогия e Geolinguística, contribuindo para a compreensão das identidades linguísticas no Brasil. Apesar disso, há uma lacuna nos estudos geolinguísticos sobre suas manifestações no português brasileiro, especialmente nas variantes regionais. Pesquisas como as de Alves (2017) sobre hispanófonos em Brasília, Araújo (2021) acerca de mudanças fonológicas ligadas a essa alternância, e os trabalhos de Reis Altino (2019) e Reis Kailer (2019) nas regiões Centro-Oeste e Sul fornecem o embasamento teórico para esta investigação. Neste contexto, a dissertação analisa a alternância de [b] e [v] nas capitais do Nordeste brasileiro, buscando compreender suas manifestações fonológicas e as variações entre os falantes da região. A pesquisa utilizou dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), abrangendo 401 respostas de 72 informantes nas nove capitais nordestinas, extraídas das questões 008 (travesseiro), 018 (varrer) e 149 (assobio) do Questionário Fonético-Fonológico, e 049 (vagem), 108 (sovaco), 109 (sovaqueira) e 170 (vaso-sanitário) do Questionário Semântico-Lexical. A metodologia, fundamentada na dialetologia, combinou análises qualitativas e quantitativas, com catalogação dos dados em tabelas e elaboração de mapas linguísticos para visualização das variações dialetais. Os resultados revelam que o fenômeno, longe de estar em declínio, mantém-se ativo como um traço histórico e panocrônico. Em “vaso”, a prevalência quase total de [v] indica baixa alternância com [b], enquanto em “varrer” as ocorrências de [b] são raras, sugerindo influências socioculturais ou contextuais. Já em “assobiar” e “assobio”, observa-se um equilíbrio entre [b] e [v], inclusive em nível idioletal, sem hierarquia clara de prestígio, apontando para uma variação estável e flexível. O estudo também destaca a relevância de “vagem”, cujo equilíbrio entre [b] e [v] demanda maior investigação, e de “vaso”, cuja estabilidade em [v] sugere sua utilidade para confirmar padrões fonológicos. Essas observações contribuem para os próximos volumes do ALiB, orientando a decisão sobre a cartografia de formas específicas. Assim, a pesquisa evidencia a complexidade do fenômeno no Nordeste, reforçando sua natureza panocrônica e indicando que a alternância entre [b] e [v] reflete tanto uma herança linguística quanto a manutenção de formas concorrentes, influenciadas por fatores socioculturais e pragmáticos. Os achados abrem caminho para estudos futuros a fim de aprofundar o entendimento das dinâmicas dialetológicas e fonológicas do português brasileiro.

Palavras-chave: dialetologia; fonologia; português brasileiro; ALiB.

ABSTRACT

SOUZA, Gabriel Correia de. **Alternation of [b] and [v] in the capitals of the Northeast based on data from the ALiB Project**. 2024. 86 p. Dissertation for qualification in Language Studies – Center for Letters and Human Sciences, State University of Londrina, Londrina, 2024.

The alternation between [b] and [v] is a linguistic phenomenon with roots in Vulgar Latin that manifests in Romance languages, including Brazilian Portuguese. Its persistence and regional variation make it relevant to Dialectology and Geolinguistics studies, contributing to the understanding of linguistic identities in Brazil. Nevertheless, there remains a gap in geolinguistic studies regarding its manifestations in Brazilian Portuguese, particularly in regional varieties. Research such as Alves (2017) on Spanish speakers in Brasília, Araújo (2021) on phonological changes related to this alternation, and the works of Reis Altino (2019) and Reis Kailer (2019) in the Central-West and South regions provide the theoretical foundation for this investigation. Within this context, this dissertation analyzes the [b] and [v] alternation in the capitals of Northeastern Brazil, seeking to understand its phonological manifestations and variations among speakers in the region. The study utilized data from the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB), covering 401 responses from 72 informants across the nine Northeastern capitals. The data were extracted from the Phonetic-Phonological Questionnaire (questions 008 travesseiro 'pillow', 018 varrer 'to sweep', and 149 assobio 'whistle') and the Semantic-Lexical Questionnaire (questions 049 vagem 'green bean', 108 sovaco 'armpit', 109 sovaqueira 'armpit odor' and 170 vaso-sanitário 'toilet'). The methodology, grounded in dialectology, combined qualitative and quantitative analyses, cataloging the data in tables and creating linguistic maps to visualize dialectal variations. The results reveal that the phenomenon, far from being in decline, remains active as a historical and panchronic feature. In vaso ('toilet'), the near-total prevalence of [v] indicates minimal alternation with [b], while in varrer ('to sweep'), occurrences of [b] are rare, suggesting sociocultural or contextual influences. In assobiar ('to whistle') and assobio ('whistle'), a balanced distribution between [b] and [v] is observed, even at the idiolectal level, with no clear prestige hierarchy, indicating stable and flexible variation. The study also highlights the relevance of vagem ('green bean'), where the equilibrium between [b] and [v] warrants further investigation, and vaso ('toilet'), whose stability with [v] suggests its utility in confirming phonological patterns. These observations contribute to future volumes of ALiB, guiding decisions on the cartographic representation of specific forms. Thus, the research underscores the complexity of the phenomenon in the Northeast, reinforcing its panchronic nature and indicating that the alternation between [b] and [v] reflects both a linguistic heritage and the maintenance of competing forms, influenced by sociocultural and pragmatic factors. The findings pave the way for future studies to deepen the understanding of dialectological and phonological dynamics in Brazilian Portuguese.

Key-words: Dialectology; Phonology; Brazilian Portuguese; Linguistic Atlas of Brazil (ALiB). word 4; word 5.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carta 1 – Travesseiro.....	63
Figura 2 – Carta 1a – Travesseiro (sexo).....	64
Figura 3 – Carta 1b – Travesseiro (idade).....	65
Figura 4 – Carta 1c – Travesseiro (escolaridade).....	66
Figura 5 – Carta 2 – Varrer.....	70
Figura 6 – Carta 2a – Varrer (sexo).....	71
Figura 7 – Carta 2b – Varrer (idade)	72
Figura 8 – Carta 2c – Varrer (escolaridade).....	73
Figura 9 – Carta 3 – Assobio/assobiar.....	77
Figura 10 – Carta 3a – Assobio/assobiar (sexo).....	78
Figura 11 – Carta 3b – Assobio/assobiar (idade).....	79
Figura 12 – Carta 3c – Assobio/assobiar (escolaridade).....	80
Figura 13 – Carta 4 – Vagem.....	84
Figura 14 – Carta 4a – Vagem (sexo).....	85
Figura 15 – Carta 4b – Vagem (idade)	86
Figura 16 – Carta 4c – Vagem (escolaridade)	87
Figura 17 – Carta 5 – Sovaco.....	91
Figura 18 – Carta 5a – Sovaco (sexo).....	92
Figura 19 – Carta 5b – Sovaco (idade).....	93
Figura 20 – Carta 5c – Sovaco (escolaridade).....	94
Figura 21 – Carta 6 – Sovaqueira.....	98
Figura 22 – Carta 6a – Sovaqueira (sexo).....	99
Figura 23 – Carta 6b – Sovaqueira (idade).....	100
Figura 24 – Carta 6c – Sovaqueira (escolaridade).....	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALM	Atlas Lingüístico de México
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
QFF	Questionário Fonético-fonológico
QSL	Questionário Semântico-lexical
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA	24
2.2	A DIALETOLOGIA	26
2.2.1	A Dialetoologia no Brasil.....	31
2.2.2	O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).....	36
2.2.2.1	Questionários linguísticos.....	39
2.2.2.2	Rede de pontos e informantes.....	39
2.2.2.2.1	Sexo dos informantes.....	40
2.2.2.2.2	Nível de escolaridade.....	40
2.2.2.2.3	Faixa etária.....	40
2.2.2.2	Considerações adicionais.....	41
2.3	A ALTERNÂNCIA DE [B] E [V]: UMA REVISÃO DA LITERATURA	41
2.3.1	Latim Vulgar.....	41
2.3.2	A Alternância do [v] e do [β] na Língua Portuguesa	45
2.3.2.1	A Alternância do [b] e do [β] no português brasileiro	47
3	METODOLOGIA DE COLETA	55
4	ANÁLISE DOS DADOS	61
4.1	Travesseiro	61
4.2	Varrer	69
4.3	Assobio/assobiar	75
4.4	Vagem	82
4.5	Sovaco	90
4.6	Sovaqueira	96
4.7	Sovaco e sovaqueira	103
4.8	Vaso	106
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107

REFERÊNCIAS..... 108

ANEXOS 112

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é “nosso elemento como a água é o elemento dos peixes” (Merleau-Ponty, 2001, p. 21). Ela é essencial para a nossa humanidade e, muitas vezes, nem percebemos sua presença constante. A língua e a linguagem são heterogêneas e estão em contínua variação e mudança. Para a maioria dos falantes, pode parecer que o português atual é “inferior” ao de tempos passados; é comum ouvir opiniões que lamentam a ‘corrupção’ do idioma, sugerindo que ele deveria permanecer intacto, ou mais próximo possível da norma padrão.

A linguística, como estudo científico da linguagem, transformou essa perspectiva. Ao emergir, a linguística buscou primeiramente descrever a língua tal como é, distinguindo-se dos estudos normativos que prescrevem formas de uso. Essa área do saber procura descrever esse fenômeno humano em toda a sua complexidade e diversidade.

Antes do surgimento da linguística moderna, já se observavam mudanças nas línguas. No século XIX, os comparativistas exploravam as mudanças nos idiomas visando a reconstruir uma língua-mãe. Esse campo, conhecido como Linguística Histórica ou Filologia, buscava tanto reconstruir línguas ancestrais a partir das línguas descendentes quanto descrever e documentar as mudanças que ocorrem ao longo do tempo (Campbell, 2013).

As mudanças fonéticas nas palavras são estudadas na linguística histórica e denominadas metaplasmos, que são mudanças fonéticas que consistem na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta de fonemas (Dubois, 2014). A linguística histórica explora essas alterações ao longo do tempo, sendo considerada um estudo diacrônico.

Tendo como um dos grandes precursores William Labov, a partir da década de 1960, a variação linguística passou a ser investigada não através do tempo, mas em um recorte sincronizado dessa diacronia, com a sociolinguística. A sociolinguística revela a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais (Dubois, 2014) em uma sincronia, tendo, portanto, como interesse principal explicar por que há variação em diferentes contextos (Holmes e Wilson, 2022). Além disso, a língua pode ser estudada por outra ótica: a dialetologia pluridimensional, que investiga a natureza e a distribuição da variação na língua no espaço geográfico - horizontal - e nos estratos sociais – vertical (Thun, 1998). As diferentes abordagens da dialetologia bem como

os objetivos do presente trabalho serão mais detalhadamente abordados nas páginas a seguir.

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo geral investigar como ocorre alternância entre [b] e [v], nas capitais do Nordeste brasileiro. Este objetivo busca compreender as características fonéticas e fonológicas desse fenômeno inserindo-se no contexto dos estudos da dialetologia.

Para alcançar esse objetivo amplo, foram delineados os seguintes objetivos específicos, cada um dos quais se relaciona de maneira direta à metodologia e à relevância teórica do trabalho:

1. **Quantificar os dados coletados pela equipe do ALiB com relação à alternância entre [b] e [v].** Este objetivo visa a determinar a frequência e a distribuição das ocorrências desse fenômeno nos dados linguísticos obtidos, permitindo estabelecer padrões quantitativos que sejam consistentes e que reflitam a variação linguística observada.
2. **Mapear os dados coletados.** Por meio da criação de mapas linguísticos, busca-se ilustrar espacialmente a distribuição da alternância entre [b] e [v], possibilitando a visualização das áreas de maior e menor ocorrência nas capitais nordestinas. Essa abordagem contribui para a análise geolinguística, ao demonstrar como o fenômeno se relaciona com fatores regionais e sociais.
3. **Analisar os dados coletados.** A análise qualitativa e quantitativa desses dados permitirá a identificação de padrões linguísticos e sociais subjacentes ao a esse fenômeno, incluindo possíveis correlações com variáveis como faixa etária, sexo, nível de escolaridade e contextos fonológicos específicos.

Esses objetivos estão conectados à relevância da pesquisa, que busca preencher lacunas no campo da dialetologia brasileira e contribuir para um entendimento mais aprofundado das variações linguísticas regionais. Além disso, o estudo visa oferecer subsídios para futuras investigações nessa área, reforçando a importância de dados empíricos para a Linguística. Esta dissertação parte do princípio de que a língua é variável e explora o percurso que levou ao desenvolvimento da Dialetologia Pluridimensional, base teórica deste trabalho.

Propõe-se investigar a alternância entre [b] e [v] – frequentemente analisada na Linguística Histórica – sob a perspectiva dialetológica, descrevendo sua ocorrência nas capitais do Nordeste brasileiro. A análise será realizada a partir da fala de oito informantes de cada capital, com foco em dados sincrônicos.

Embora a variação linguística no Brasil tenha sido amplamente estudada, esse fenômeno ainda carece de investigações detalhadas em contextos regionais. Há lacunas significativas na literatura, especialmente no que diz respeito a estudos sistemáticos em grandes centros urbanos. Essa carência justifica a relevância de explorá-lo nas capitais nordestinas.

O estudo abrange nove cidades: Aracaju (SE), Maceió (AL), Recife (PE), João Pessoa (PB), Natal (RN), Fortaleza (CE), Teresina (PI), São Luís (MA) e Salvador (BA). O foco será a análise de lexias em que os sons [b] e [v] ocorrem em posição intervocálica, delimitando-se geográfica e fonologicamente para captar as nuances regionais do fenômeno.

A pesquisa é relevante tanto para a Dialectologia, que estuda a variação geográfica da língua, quanto para a Geolinguística, que utiliza mapas para representar dados linguísticos, ampliando o conhecimento sobre as variedades do português brasileiro. Além disso, os resultados poderão subsidiar práticas pedagógicas voltadas ao ensino do português regional e contribuir para políticas públicas de preservação do patrimônio linguístico. Ao preencher lacunas na literatura, o estudo também reforça a importância de documentar a diversidade linguística em contextos socioculturais específicos.

A proposta busca analisar a alternância entre [b] e [v] no Nordeste brasileiro, promovendo avanços na compreensão das dinâmicas linguísticas regionais e seu impacto na formação identitária. Dada a centralidade desse fenômeno para a Geolinguística e a Dialectologia, é essencial uma abordagem metodológica que permita uma análise detalhada e fundamentada. A escolha por dados orais coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) justifica-se por sua abrangência e representatividade, oferecendo uma base sólida para investigar padrões de variação nas capitais nordestinas.

Assim, a metodologia adotada reflete o compromisso com a articulação entre teoria e prática, permitindo a identificação de aspectos linguísticos específicos da alternância entre [b] e [v] no contexto estudado.

Esta dissertação está organizada em cinco seções. A introdução apresenta o tema, sua relevância para a Linguística, os objetivos e a contribuição para a Dialetologia e a Sociolinguística. A seção 2 expõe o embasamento teórico-metodológico, dividido em quatro eixos. A seção 3 detalha a metodologia, com a abordagem pluridimensional baseada no ALiB e o número de informantes por capital. A seção 4 discute os dados, mapas linguísticos e resultados. Por fim, a seção 5 apresenta as conclusões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fundamentos teóricos e metodológicos da alternância entre [b] e [v]

Esta seção aprofunda os fundamentos teóricos e metodológicos do estudo da alternância entre [b] e [v], contextualizando-a dentro da dinâmica linguística, influenciada por fatores sociais e históricos. São exploradas diferentes perspectivas teóricas – como formalismo, estruturalismo e funcionalismo –, demonstrando como cada abordagem contribui para a compreensão dos fenômenos linguísticos e suas variações. Em seguida, discute-se o arcabouço teórico da Sociolinguística e da Dialetoлогия, com ênfase nos estudos brasileiros, além de uma revisão da literatura sobre o fenômeno em questão.

A linguagem humana é um sistema complexo que transcende a comunicação verbal, abrangendo expressões simbólicas intrincadas nas dinâmicas sociais e culturais. Para compreendê-la plenamente, é essencial explorar conceitos como língua e linguagem, bem como a influência de fatores históricos e sociais na variação linguística.

Possenti (2001) distingue duas posturas fundamentais nos estudos linguísticos: a prescritivista e a descritivista. A primeira, de caráter normativo, concebe a língua como um código fixo, cujas regras devem ser seguidas rigidamente. Essa visão, associada a manuais de etiqueta linguística (como os de Gentleman, 1844), tende a desvalorizar variantes não padrão, considerando-as "erradas". No entanto, essa não é a perspectiva adotada pela Linguística científica.

Na ciência, não há juízos de valor sobre "certo" ou "errado". O linguista não prescreve normas, mas investiga por que a língua funciona de determinada maneira. Assim, variações como "preguntar" em vez de "perguntar" não são vistas como desvios, mas como fenômenos dignos de análise.

A língua pode ser definida como um sistema de signos arbitrariamente associados a significados (Saussure, 2021), compartilhado por uma comunidade linguística. Sua estruturação por regras gramaticais e padrões fonológicos, ela se consolida como um dos mais sofisticados instrumentos de comunicação humana (Dubois, 2014).

Diferentes abordagens teóricas lançam olhares distintos sobre a língua. Como afirma Saussure (2021, p. 52), "o ponto de vista cria o objeto", ou seja,

a perspectiva adotada define o próprio objeto de estudo.

- **Formalismo:** Centra-se na forma e na estrutura interna da língua, desconsiderando contextos sociais. Os formalistas russos, por exemplo, analisam padrões sonoros e gramaticais em si mesmos, sem vinculá-los a funções comunicativas.
- **Estruturalismo:** Influenciado por Saussure, enfatiza as relações entre os elementos linguísticos dentro de um sistema. Diferentemente dos formalistas, os estruturalistas veem a língua como uma rede de interdependências, em que cada unidade adquire significado em contraste com as demais.
- **Funcionalismo:** Foca no uso prático da língua em contextos sociais, analisando como fatores como classe, gênero e região influenciam a variação linguística. Para os funcionalistas, a linguagem é um recurso dinâmico, moldado pelas necessidades comunicativas dos falantes.

Enquanto o formalismo isola a forma linguística e o estruturalismo estuda suas relações internas, o funcionalismo amplia a análise para o papel social da língua. Essas três perspectivas complementares permitem uma compreensão mais abrangente dos fenômenos linguísticos.

A partir da década de 1960, os estudos funcionalistas impulsionaram pesquisas sobre variação sincrônica, consolidando metodologias que deram origem à Sociolinguística. Pioneiros como William Labov destacaram a relação entre fatores sociais e variação linguística, oferecendo novas perspectivas sobre o uso da língua em contextos reais.

o 2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA

Na perspectiva sociolinguística, a língua é um fenômeno socialmente construído, cujo uso e significado são moldados por fatores sociais, culturais e históricos. A variação linguística reflete as dinâmicas de diferentes grupos sociais, revelando hierarquias e identidades coletivas. Estudos pioneiros, como os de Labov (2008) em Martha's Vineyard e em lojas de departamento de Nova York, demonstraram como normas sociais influenciam diretamente o uso linguístico. Como destaca o autor, é essencial considerar "a vida social da comunidade em que [a variação] ocorre" (Labov,

2008, p. 21).

A alternância entre [b] e [v] não é um mero fenômeno fonético, mas carrega significados sociais e identitários (Romaine, 2000). Holmes (2013) reforça essa ideia, mostrando como variações consonantais estão associadas a fatores como idade, gênero, classe social e contexto situacional. Assim, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um marcador de identidade e pertencimento.

Mesthrie (2009) amplia essa discussão, destacando que a sociolinguística permite analisar a alternância entre [b] e [v] como um fenômeno dinâmico, influenciado por processos sociais que determinam sua manutenção ou mudança. Normas linguísticas são constantemente negociadas e reafirmadas nas interações cotidianas, evidenciando a relação entre língua e sociedade.

As três ondas da sociolinguística variacionista

Eckert (2012) traça um panorama das três ondas da sociolinguística variacionista:

- Primeira onda (Labov, 2008): Focada em correlações entre variáveis linguísticas e macrocategorias sociais (classe, gênero, etnia). Labov introduziu o conceito de vernáculo — a forma mais espontânea de fala, ligada à identidade social. Nessa fase, mulheres tendiam a adotar mais a norma padrão, associada a prestígio.
- Segunda onda (Milroy, 1980; Cheshire, 1982): Incorporou métodos etnográficos para explorar categorias locais, mostrando como o vernáculo expressa identidades de classe e comunidade.
- Terceira onda (Eckert, 2012): Passou a entender a variação como prática estilística ativa, integrada a um sistema semiótico mais amplo. O estilo tornou-se central para analisar como os falantes constroem identidades fluidas e multifacetadas.

Este estudo investiga a alternância entre [b] e [v] nas capitais nordestinas,

combinando métodos da Sociolinguística, Dialetoлогия e Linguística Histórica. Enquanto a tradição acadêmica prioriza análises históricas, nossa proposta enfoca dados orais contemporâneos, coletados em cada capital da região.

A escolha do Nordeste justifica-se por dois fatores:

- **Diversidade interna:** Maior número de estados em comparação a outras regiões brasileiras, permitindo mapear nuances regionais.
- **Isolamento relativo:** Ausência de influência direta de países hispanofônicos, diferentemente do que ocorre em fronteiras sulistas.

Como afirma Romaine (2000), um dialeto não é delimitado apenas por fronteiras geográficas, mas também por barreiras sociais. Assim, a análise considerará não apenas a distribuição geográfica do fenômeno, mas também seus correlatos socioculturais.

2.2. DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия constitui um campo fundamental da Linguística, dedicado ao estudo das variações linguísticas em sua complexidade e diversidade, bem como à preservação dos idiomas em seus contextos regionais e sociais. Sua relevância vai além da simples identificação e documentação de diferenças linguísticas; busca-se compreender as forças sociais, culturais e históricas que moldam essas variações, especialmente no espaço geográfico. Dessa forma, a Dialetoлогия serve como um elo entre a análise estrutural da língua e seu contexto de uso, proporcionando uma visão integral da língua como fenômeno dinâmico e em constante transformação.

Antoine Meillet, renomado linguista, destacou em sua contribuição ao *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* que "não há história da língua sem uma dialetoлогия e, sobretudo, sem uma geografia linguística completa e bem estabelecida" (1929, p. 200 apud Pop, 1950). Essa afirmação reforça a Dialetoлогия como um componente indispensável da Linguística Histórica, essencial para uma compreensão sólida das mudanças e transformações linguísticas. Meillet enfatiza a necessidade de análises detalhadas e mapeamentos geolinguísticos que capturem as nuances das

variações, permitindo uma interpretação mais rica das influências e evoluções ao longo do tempo.

Chambers e Trudgill, em *Dialectology* (1998), iniciam sua discussão abordando a complexidade de definir o termo "dialeto". Eles observam que, no senso comum, um dialeto é frequentemente visto como uma variedade linguística de baixo prestígio, associada a grupos rurais ou à classe trabalhadora: "No uso comum, é claro, um dialeto é uma forma de linguagem subpadronizada, de baixo status, frequentemente rústica, geralmente associada ao campesinato, à classe trabalhadora ou a outros grupos sem prestígio" (1998, p. 3). Embora essa concepção esteja carregada de estereótipos sociais, ela serve como ponto de partida para uma análise sociolinguística mais ampla.

Os autores destacam que a noção de contínuo dialetal – a variação gradual e ininterrupta entre diferentes falares – nem sempre foi bem compreendida, levando muitos estudos a tratar dialetos como entidades isoladas e discretas. Além disso, a Dialectologia não se limita ao mapeamento de variações, mas também examina as atitudes e percepções dos falantes em relação aos seus próprios dialetos, que frequentemente refletem hierarquias sociais e relações de poder. Essa dimensão sociolinguística é crucial, pois revela como certas variedades são marginalizadas ou estigmatizadas, erroneamente consideradas "formas inferiores" da língua padrão. A Dialectologia contemporânea busca desconstruir essa visão, reafirmando o valor e a legitimidade de todas as variedades linguísticas.

Ao abordar essas questões, a Dialectologia não apenas amplia o entendimento das línguas em seus contextos regionais, mas também apoia o desenvolvimento de políticas linguísticas inclusivas e a valorização da diversidade linguística. Como campo de estudo, promove uma visão mais democrática e abrangente da língua, considerando tanto suas variações internas quanto os fatores socioculturais que as sustentam. Essa abordagem permite que a Linguística reconheça plenamente a importância das variedades dialetais como elementos legítimos e enriquecedores da identidade linguística de uma comunidade. Como define Dubois (2013), "o dialeto social é um sistema de signos e de regras sintáticas usado num dado grupo social ou em referência a esse grupo" (p. 175).

Um aspecto central da Dialectologia, em sua interface com a Geolinguística, é a elaboração de mapas linguísticos, ferramentas essenciais para representar a complexidade dos fenômenos linguísticos de forma objetiva. Segundo Pop (1950),

"somente os mapas linguísticos podem mostrar a complexidade dos fatos do idioma livres de qualquer convenção, bem como a última fase do desenvolvimento muitas vezes secular dos falares locais" (p. X). Esses mapas são fundamentais para ilustrar a história das palavras, as influências culturais, econômicas e sociais sobre o léxico, e a adaptação das línguas às transformações da sociedade.

A prática dialetológica exige rigor metodológico. Pop afirma que "a teoria sem prática não é nada neste domínio" (p. XII), destacando a importância de investigações de campo minuciosas. Chambers e Trudgill (1998) ressaltam as dificuldades inerentes a pesquisas que utilizam questionários complexos, os quais, embora demandem esforço dos informantes, são necessários para a coleta de dados precisos.

Historicamente, a Dialectologia passou por diferentes fases: inicialmente monodimensional (focada apenas na distribuição geográfica), depois bidimensional e, atualmente, pluridimensional. Essa evolução reflete a ampliação de seu escopo, integrando-se de maneira mais profunda a outras áreas da Linguística (Pelkey, 2011).

A Dialectologia não é uma tarefa simples. Requer coleta contínua de dados, análise detalhada e metodologias refinadas. Como campo de estudo, é vital para a Linguística contemporânea, oferecendo insights valiosos sobre a mudança linguística e suas variações internas. Para compreender plenamente sua trajetória, é essencial examinar a evolução dos atlas linguísticos até sua configuração pluridimensional atual.

Os atlas linguísticos podem ser classificados conforme o número de variáveis analisadas em suas pesquisas, evoluindo desde modelos simplificados até abordagens complexas que refletem a realidade multifacetada da variação linguística.

1. Atlas unidimensionais

Os primeiros atlas linguísticos limitavam-se a uma única dimensão de análise: a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos. Nessa abordagem pioneira, os dados eram mapeados sem considerar características sociais ou demográficas dos informantes, representando um retrato estático e limitado da variação dialetal.

2. Atlas bidimensionais

Uma evolução significativa ocorreu com a incorporação de uma segunda variável: o gênero dos falantes. Nesses atlas, cada ponto de pesquisa passou a incluir obrigatoriamente um informante masculino e outro feminino, permitindo comparações preliminares sobre como o sexo biológico poderia influenciar os padrões de fala. Este modelo representou um avanço metodológico ao reconhecer que a variação linguística não se distribui uniformemente entre todos os membros de uma comunidade.

Atlas pluridimensionais

A etapa mais sofisticada de desenvolvimento trouxe a incorporação simultânea de múltiplas variáveis sociais. Além da distribuição geográfica (herdada dos modelos anteriores) e do gênero (presente nos bidimensionais), passou-se a considerar:

- Faixas etárias distintas
- Níveis de escolaridade
- Classes sociais
- Outros marcadores sociodemográficos

Essa abordagem multidimensional permite capturar a complexidade real da variação linguística, reconhecendo que diferentes grupos sociais dentro de uma mesma comunidade geográfica podem apresentar padrões distintos de fala.

Apesar de ser uma conquista recente na metodologia dialetológica, a ideia de uma análise multidimensional tem raízes profundas:

- Dante Alighieri já destacava em *De Vulgari Eloquentia* (século XIV) a necessidade de estudar variações conforme gênero, idade e profissão.
- Projetos pioneiros como o *Atlas Lingüístic de Catalunya* (1923) e o AIS (Itália e Suíça) ensaiaram abordagens multidimensionais, ainda que de forma limitada pela complexidade operacional.
- Manuel Alvar produziu trabalhos complementares nas Canárias, demonstrando na prática a necessidade de integrar perspectivas geolinguísticas e sociolinguísticas.

Alguns marcos importantes nessa trajetória incluem:

- Atlas ibéricos como o ALPI e o ALEA, que começaram a incluir notas marginais sobre variações por gênero, idade e nível cultural.
- Trabalhos monográficos como os de Winkelmann (1989) e Boller (1995), que aplicaram sistematicamente a análise pluridimensional em estudos regionais.
- Iniciativas americanas como o Atlas Lingüístico de México e o Atlas Lingüístico do Paraná (Brasil), este último pioneiro na América Latina ao incorporar sistematicamente a variável de gênero.

A transição para a pluridimensionalidade enfrentou (e ainda enfrenta) obstáculos metodológicos significativos:

- Complexidade logística na coleta de dados
- Dificuldade em estabelecer critérios uniformes para classificação social
- Volume exponencial de dados a serem processados

No entanto, como demonstra o trabalho de pesquisadores como Moreno Fernández e García Mouton (2003), a superação desses desafios tem permitido retratos cada vez mais fiéis da realidade linguística, fundamentais tanto para a pesquisa acadêmica quanto para o desenvolvimento de políticas linguísticas adequadas.

Esta evolução metodológica preparou o terreno para o desenvolvimento da dialetologia brasileira, que herdou e adaptou essas abordagens para estudar a complexa realidade linguística do país.

o 2.2.1. A DIALETOLOGIA NO BRASIL

Destaca-se que o início dos estudos dialetais no Brasil remonta à contribuição de Domingos Borges de Barros (CARDOSO; MOTA, 2013), Visconde de Pedra Branca, um baiano de Santo Amaro da Purificação, em 1826. A pedido do geógrafo Adrien Balbi, o Visconde de Pedra Branca elaborou um breve estudo comparando o português do Brasil e de Portugal, abordando diferenças lexicais. Ele identificou termos exclusivos do português brasileiro e termos portugueses que adquiriram novos significados no Brasil. No total, ele catalogou oito palavras que mudaram de significado e cinquenta formas usadas apenas no Brasil.

Esse trabalho marcou o início dos estudos dialetais no Brasil, que passaram por várias fases, conforme observado por Nascentes (1952, 1953), Cardoso e Ferreira (1994) e Mota e Cardoso (2006). A história dos estudos dialetológicos brasileiros foi dividida em duas fases principais (NASCENTES, 1952, 1953): a primeira de 1826 a 1920, e a segunda de 1920 em diante. Em 1994, Cardoso e Ferreira propuseram uma divisão tripartida, destacando três tendências dominantes em diferentes épocas, sugerindo que a proposta de Nascentes foi limitada pela data de sua formulação.

Na primeira fase (1826-1920), os estudos focaram no léxico do português brasileiro. Exemplos incluem o Glossário de vocábulos brasileiros do Visconde de Beaurepaire-Rohan e o Dicionário de brasileirismos de Rodolfo Garcia. Essa fase também contou com o primeiro estudo gramatical abrangente comparando o português do Brasil e de Portugal, intitulado *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, por José Jorge Paranhos da Silva (1879). Silva observou as diferenças linguísticas entre os dois países e reconheceu, implicitamente, a existência de duas regiões dialetais distintas, mesmo que não as denominasse explicitamente.

Silva dedicou sua obra aos jovens brasileiros que, após estudar em Portugal, retornavam com influências linguísticas europeias. Ele reconheceu essas diferenças e suas implicações para a identidade linguística brasileira. O livro de Silva foi dividido em partes que abordavam a pronúncia e a expressão do pensamento, levantando questões relevantes sobre o português falado no Brasil e em Portugal naquela época.

Em resumo, Cardoso e Mota (2013) mostram como os estudos dialetais brasileiros evoluíram desde o século XIX, com contribuições significativas que ajudaram a moldar a compreensão das variações linguísticas no Brasil.

Cardoso e Mota (2013) apontam que o segundo momento dos estudos dialetais no Brasil ocorre entre 1920 e 1952. Esse período começa com a publicação de *O dialeto caipira* por Amadeu Amaral e se estende até os primeiros esforços sistemáticos para o desenvolvimento da Geolinguística no Brasil em 1952. Durante essa fase, os estudos focaram na observação direta de áreas específicas, aplicando metodologias de campo para examinar a realidade linguística local. Entre os primeiros trabalhos monográficos destacados estão os de Amaral, Nascentes e Marroquim, que trouxeram uma nova perspectiva para o estudo da língua no Brasil.

Em *O dialeto caipira* (1920), Amaral expressa a necessidade de observadores imparciais e metódicos para estudar o português brasileiro em campo, eliminando hipóteses não verificadas. Ele destacou a falta de clareza sobre o que constituía a dialeção do português brasileiro, apesar de sua existência ser evidente.

Outro estudo importante é *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes. Nascentes procurou definir o falar brasileiro e situar o linguajar carioca dentro desse contexto. Ele apresentou uma divisão dos falares brasileiros baseada em suas viagens pelo país, propondo uma classificação linguística que é a base da Dialectologia brasileira até hoje. A terceira obra relevante é *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim. Marroquim enfatizou a necessidade de estudos regionais para definir a diferenciação dialetal brasileira, devido à vasta extensão geográfica e às peculiaridades de cada região. Seu estudo detalhado focou nas línguas de Alagoas e Pernambuco.

Além dessas obras, a segunda fase inclui outros estudos divididos em quatro grupos: léxicos e glossários regionais, obras de caráter geral, estudos regionais específicos e estudos sobre a contribuição africana (Cardoso e Ferreira 1994). Essa fase culminou com a publicação do Decreto n.º 30.643 em 1952, que estabeleceu a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa e a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil como seu principal objetivo.

Hampejs (1958) comentou que, apesar da iniciativa para criar um atlas linguístico no Brasil, faltava apoio governamental adequado. A verdadeira transformação nos estudos dialetais no Brasil veio com pioneiros como Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, que impulsionaram a Geografia Linguística no país. Nascentes publicou as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958 e 1961), enquanto Silva Neto enfatizou a necessidade urgente de estudar os falares brasileiros e incentivou a criação do atlas linguístico do

Brasil. Celso Cunha defendeu a execução do atlas nacional, mas reconheceu a importância de atlas regionais.

O primeiro passo concreto na Geolinguística foi dado por Nelson Rossi, que, juntamente com Carlota Ferreira e Dinah Isensee, publicou o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), em 1963. Rossi destacou a natureza contextual da Dialetoologia, reforçando a importância do estudo do contexto linguístico para a compreensão das variações dialetais.

Convém destacar que a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil foi marcada pelo advento dos atlas linguísticos regionais. Durante o período de 1952 a 1996, foram desenvolvidos cinco atlas significativos, cada um refletindo avanços metodológicos e teóricos distintos, como descrito por Cardoso e Mota (2013).

O APFB, elaborado por Nelson Rossi entre 1960 e 1963, foi o pioneiro, abrangendo 50 localidades na Bahia e contando com 100 informantes. Utilizando um questionário extenso, essa obra resultou em 209 cartas linguísticas, complementadas por dados etnográficos, ilustrando a rica diversidade cultural e linguística da região (Cardoso & Mota, 2013).

O Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), embora publicado apenas em 1987, teve seus dados coletados desde 1973 pelo grupo de pesquisadores da Bahia. Coordenado por Carlota Ferreira e Nelson Rossi, o ALS mapeou 15 pontos com 30 informantes, representando um avanço na metodologia bidimensional dos atlas linguísticos brasileiros (Cardoso & Mota, 2013).

O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, iniciado em 1977, foi concebido em quatro volumes, com o primeiro publicado neste ano. Coordenado por José Ribeiro e outros, o atlas utilizou inquéritos locais e por correspondência para mapear 116 municípios, resultando em 73 cartas detalhando aspectos lexicais e fonéticos distintos da região (Cardoso & Mota, 2013).

O Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), publicado em três volumes a partir de 1984, apresentou um conjunto de 149 cartas focadas em aspectos lexicais e fonéticos, coletados de um mínimo de três informantes por localidade (Cardoso & Mota, 2013).

Finalmente, o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), publicado em 1994, trouxe uma ampla rede de 65 localidades com dados analisados de forma detalhada, incluindo informações sobre isoglossas e variáveis sociolinguísticas como sexo dos informantes (Cardoso & Mota, 2013).

Os atlas regionais mencionados incluem teses de doutorado como o Atlas Linguístico do Amazonas, defendido por Maria Luíza de Carvalho Cruz na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004; o Atlas Fonético do entorno da baía de Guanabara, por Luciana Gomes de Lima na mesma universidade em 2006; o Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar por Maria das Neves Pereira em 2007; o Atlas Linguístico do Paraná II por Fabiane Cristina Altino na Universidade Estadual de Londrina em 2007; o Micro atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro por Fabiana da Silva Campos Almeida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2008; e o Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar por Moisés Batista da Silva na Universidade Federal do Ceará em 2012.

Essa fase marca a transição para princípios sociolinguísticos a partir da segunda metade do século passado, abandonando a visão monodimensional predominante na Geolinguística tradicional.

Esses atlas não apenas consolidaram a Geografia Linguística no Brasil, mas também evidenciaram a complexidade e diversidade dos falares regionais, marcando a transição para uma nova fase dos estudos dialetais no país, conforme observado por Mota e Cardoso (2006).

Analisando o crescimento da atividade nesta área, observa-se que, geralmente, há uma estreita conexão com o Projeto ALiB. Isso se deve tanto ao caráter institucional do Projeto quanto à ação deliberada dos membros do Comitê Nacional que o coordenam, visando aumentar o interesse pela Geolinguística e atrair mais pesquisadores, superando assim as dificuldades típicas de um projeto nacional (Mota e Cardoso 2006: 21).

Referente aos atlas regionais, até 1996 havia apenas cinco publicados. Desde então, esse número tem crescido, alcançando um total de dez publicações em 2012, cinco a mais do que naquela época, conforme descrito a seguir:

O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), desenvolvido por Walter Koch, Cléo Altenhofen e Mário Klassmann, teve dois volumes publicados em 2002 - v. 1 — Introdução e v. 2 — Cartas fonéticas e morfossintáticas (1ª edição). Em 2011, foi publicado o volume de Cartas semântico-lexicais. O atlas inclui uma rede de 275 localidades rurais e 19 urbanas, com informantes de ambos os sexos em cada ponto. O questionário utilizado reserva um conjunto de perguntas para aplicação em todos os pontos, além de outras destinadas a regiões de colonização não-portuguesa.

Edição em CD organizada por Abdelhak Razky em 2004, o Atlas Linguístico Sonoro do Pará é o primeiro atlas sonoro do português do Brasil. Apresenta dados de 10 localidades com resultados de inquéritos utilizando o questionário fonético-fonológico do Projeto ALiB, aplicado a 40 informantes de duas faixas etárias e ambos os sexos com instrução até a 4ª série do Ensino Fundamental.

O Atlas Linguístico de Sergipe - II (ALS-II), publicado por Suzana Alice Marcelino Cardoso em 2005, abrange dados de 15 localidades sobre o campo semântico HOMEM, parte de um corpus específico para o estado de Sergipe e ainda não incluído no ALS original. Apresenta 108 cartas multidimensionais, destacando variações geográficas e de sexo. Consiste em dois volumes, um com cartas linguísticas e outro com análises e comentários sobre as cartas, além das introduções.

O Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), coordenado por Dercir Pedro de Oliveira e publicado em 2007, apresenta resultados de pesquisa em 32 municípios, com um total de 125 informantes divididos por faixas etárias, sexos e níveis de escolaridade. Inclui 217 cartas linguísticas abrangendo fonética, semântico-lexical e morfossintaxe.

O Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), coordenado por José Rogério Fontenele Bessa e publicado em 2010, cobre 69 pontos e conta com dados de 268 informantes entre 30 e 60 anos, de ambos os sexos e com níveis de analfabetismo ou instrução até a 4ª série. Inclui 240 cartas com informações fonéticas e semântico-lexicais.

Esses atlas regionais são complementados por teses de doutorado, como o Atlas Linguístico do Amazonas, defendido por Maria Luíza de Carvalho Cruz em 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e outros projetos que contribuem para a expansão e diversificação da Geolinguística no Brasil.

Essa quarta fase coincide com a adoção dos princípios da Sociolinguística a partir da segunda metade do século XX, levando a um enfoque pluridimensional e abandonando a visão monodimensional que predominava na Geolinguística tradicional. Essa mudança representa a superação de crises percebidas na Geolinguística contemporânea, não apenas no Brasil, mas também em outras áreas de estudo linguístico. A criação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi um divisor de águas para o ramo da dialetologia brasileira, pois seriedade, robustez e rigor sempre nortearam os pesquisadores desse projeto.

o 2.2.2. O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALIB)

Esta dissertação investiga a alternância do [b] e do [v] baseado nos dados coletados pelo projeto Atlas Linguístico do Brasil. Do que se trata, afinal, esse projeto? No início do século XX, surgiu oficialmente a necessidade e a ideia de se existir um Atlas que retratasse como os brasileiros falavam. Conforme já introduzido no início desta dissertação, em 1952, pelo decreto 30643 de 20 de março, o governo brasileiro determinou como principal finalidade da comissão de filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (1952a):

A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Lingüístico do Brasil". (Brasil, 1952)

Serafim da Silva Neto estabeleceu no seu Guia para Estudos Dialectológicos (1957) um objetivo claro: fazer-se um inquérito nacional, a ser realizado por questionário uniforme e distribuir cartograficamente os dados recolhidos.

Criar um atlas linguístico nacional nesse período consistia em tarefa hercúlea. O território brasileiro era vasto demais para que se abrangesse o país inteiro. Grande parte da população era ruralizada, e as estradas, precárias. Tendo isso em mente, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros — realizado em Lisboa, em 1957 — Celso Cunha e Silva Neto defenderam a necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais no Brasil sem perder de vista o objetivo final: a criação de um atlas linguístico nacional. Foram então criados atlas regionais pelo Brasil.

O Brasil se urbanizou, novas rodovias foram criadas e, com o tempo, os obstáculos ressaltados por Cunha e Silva Neto foram superados. Com o auxílio de Michel Contini — diretor do Centro de Dialectologia da Universidade Stendhal Grenoble 3 e do Atlas Linguístico Românico — reuniram-se linguistas brasileiros no Instituto de Letras da UFBA nos dias 04 a 06 de novembro de 1996, para o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Dialectologia no Brasil.

O evento, coordenado por Suzana Alice Marcelino Cardoso, enfatizou a importância da retomada da construção de um atlas linguístico. Nele se definiram as metas a serem cumpridas, a linha metodológica a ser seguida e foi produzida a Carta de Salvador, documento que oficializou essas etapas. Os pesquisadores se

dividiram em grandes áreas de pesquisa pelo Brasil e estabeleceram os objetivos do projeto, dentre os quais se destacam:

- descrever a realidade linguística do Brasil, fornecendo dados linguísticos atualizados da diversidade diatópica, diageracional, diastrática, diagenérica e diafásica;
- disponibilizar via internet ou CD o acesso aos dados coletados, possibilitando a audição das realizações de cada área linguística
- analisar a variação linguística sob diversos pontos de vista, contemplando os níveis fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático-discursivo
- oferecer aos interessados em estudos linguísticos e, especialmente, aos estudiosos da língua portuguesa, um significativo volume de dados, ampliando consideravelmente as informações hoje disponíveis
- contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (Cardoso et al, p. 23-24)

Segundo Cardoso e Mota (2013), o projeto ALiB tem quatro objetivos principais: a descrição da realidade espacial e a definição de áreas dialetais por isoglossas; o fornecimento de dados que contribuam para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna; a exploração da interface entre os estudos geolinguísticos e outros ramos do conhecimento, esclarecendo questões científicas; e a apresentação do português brasileiro como um instrumento social de comunicação diversificado, com várias normas de uso, mas dotado de unidade sistêmica.

Para alcançar esses objetivos, foi adotada uma metodologia detalhada. O Projeto ALiB é coordenado por um Comitê Nacional composto por um Diretor Presidente, um Diretor Executivo e Diretores Científicos. Foi estabelecida uma rede de 250 pontos distribuídos por todo o Brasil, considerando a extensão de cada região, aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento. Diferentemente de outros trabalhos dialetais, não foram priorizados critérios como antiguidade e grau de isolamento; foram incluídas cidades de grande e médio porte, bem como todas as capitais, exceto Brasília e Palmas.

Os informantes selecionados para o projeto são filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, controlando variáveis sociais como idade, sexo e escolaridade. Ao todo, são 1.100 informantes distribuídos igualmente entre duas

faixas etárias e os dois sexos. Nas capitais, foram acrescentados quatro informantes universitários. Eles devem ser alfabetizados, ter cursado no máximo até a quarta série do ensino fundamental e possuir uma profissão definida, enquadrada social local.

Para a coleta de dados, reiteram Mota e Cardoso, foram desenvolvidos três tipos de questionários linguísticos: fonético-fonológico, com 159 perguntas; semântico-lexical, com 202 perguntas; e morfossintático, com 49 perguntas. Além desses, há questões de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

A execução do Projeto ALiB abrange todo o território brasileiro, uma área de 8.511.000 km², sem se prolongar excessivamente no tempo. Seguindo a Geolinguística pluridimensional contemporânea, o projeto adota a "nouvelle géolinguistique" de Thun, que amplia o campo de observação para incluir não apenas os dialetos rurais, mas também as áreas urbanas e as variáveis sociolinguísticas como dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e diafásica.

A rede de pontos do Projeto ALiB inclui áreas urbanas e rurais, considerando a densidade demográfica e a importância de cada localidade. Os informantes são estratificados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. O confronto entre fala monitorada e elocuições espontâneas permite examinar a variação diafásica, e seis questões metalinguísticas, com um texto para leitura, ampliam as considerações diafásicas.

Assim, o Projeto ALiB não se restringe às áreas rurais, mas volta-se também para as áreas urbanas, oferecendo uma visão abrangente e detalhada da variação linguística no Brasil. Não se pode dimensionar a importância do projeto Atlas Linguístico do Brasil: trata-se de um marco histórico na linguística da língua portuguesa. Pop (1950) explica que Edmond, um dos precursores da dialetologia, mesmo não sendo estudioso das línguas, se diferenciava dos acadêmicos porque ia *in loco* e, segundo o autor, "é preciso conhecer a realidade das coisas" (p. 76). O inquérito realizado pelos linguistas do ALiB demonstrou na prática essa importância. Esses pesquisadores percorreram os 8.515.767,049 km² do Brasil para que brasileiros, linguistas ou não, possam desfrutar desse esforço. Visando à uniformidade, foram estabelecidas as perguntas dos Questionários Linguístico, utilizado nas entrevistas.

2.2.2.1. Questionários Linguísticos

Para o desenvolvimento das pesquisas do ALiB, foram elaborados três tipos de questionários linguísticos detalhados e abrangentes, destinados a captar diversas dimensões do uso linguístico entre os informantes. Esses questionários são:

1. **Fonético-fonológico:** Contendo 159 perguntas, este questionário visa analisar os aspectos fonéticos e fonológicos da fala dos informantes. As perguntas abordam a pronúncia, entonação, ritmo e outros aspectos sonoros que caracterizam a fala.
2. **Semântico-lexical:** Composto por 202 perguntas, este questionário foca nas variações semânticas e lexicais presentes na linguagem dos informantes. Ele examina o vocabulário utilizado e as diferentes acepções que certas palavras podem ter em distintas localidades.
3. **Morfossintático:** Incluindo 49 perguntas, este questionário investiga as estruturas morfológicas e sintáticas da língua falada pelos informantes. Ele observa como as palavras são formadas e combinadas para criar frases e sentenças.

Além desses três principais questionários, também foram incorporadas questões voltadas para a pragmática, que exploram o uso contextual da linguagem e as normas sociais que regem a comunicação. Para enriquecer a coleta de dados, foram incluídos temas para discursos semidirigidos, permitindo que os informantes falem de maneira mais livre sobre tópicos sugeridos, o que ajuda a capturar a espontaneidade e naturalidade da fala.

Questões metalinguísticas foram adicionadas para que os informantes pudessem refletir e comentar sobre sua própria linguagem, oferecendo *insights* sobre a consciência linguística dos falantes. Por fim, um texto para leitura foi utilizado, fornecendo uma base comum para a análise comparativa das habilidades de leitura e interpretação dos informantes.

▪ 2.2.2.2. Rede de Pontos e Informantes

A rede de pontos do Projeto ALiB foi estrategicamente estruturada para incluir tanto áreas urbanas quanto rurais, garantindo uma amostra representativa da diversidade linguística da região Nordeste. A seleção das localidades considerou a densidade demográfica e a importância socioeconômica e cultural de cada área, assegurando que todos os perfis de falantes fossem contemplados.

Os informantes foram estratificados com base em critérios específicos, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Esta estratificação foi essencial para garantir que as variações linguísticas observadas fossem analisadas de maneira sistemática e precisa. A diversidade dos informantes permitiu uma compreensão mais ampla de como diferentes grupos sociais utilizam a língua de maneiras distintas.

Para assegurar a precisão e a representatividade dos dados coletados, foi adotado um rigoroso sistema de identificação e classificação dos informantes em cada localidade do estudo. A numeração dos informantes seguiu uma lógica específica, destinada a facilitar a organização e a análise dos dados, respeitando critérios de sexo, nível de escolaridade e faixa etária.

▪ 2.2.2.2.1. Sexo dos informantes

Os informantes foram numericamente identificados de acordo com seu sexo, com os homens recebendo números ímpares e as mulheres, números pares. Essa divisão permitiu uma análise equilibrada e comparativa entre os sexos. A seguir, detalhamos a distribuição:

- Homens: números 1, 3, 5 e 7
- Mulheres: números 2, 4, 6 e 8

▪ 2.2.2.2.5. Nível de Escolaridade

Para refletir a diversidade educacional dos participantes, os números atribuídos também consideraram o nível de escolaridade. Informantes com nível de escolaridade fundamental foram designados com os números de 1 a 4, enquanto aqueles com nível universitário receberam os números de 5 a 8. Esta distinção é essencial para analisar como diferentes níveis educacionais podem influenciar as variações linguísticas.

- Nível de escolaridade fundamental: números 1 a 4
- Nível universitário: números 5 a 8

▪ 2.2.2.2.6. Faixa Etária

A classificação etária dos informantes foi dividida em duas faixas, cada uma representando diferentes grupos etários, visando a investigar as variações linguísticas ao longo do tempo e entre diferentes gerações. Esta divisão é fundamental para entender como a linguagem muda e se adapta entre diferentes grupos de idade. As faixas etárias foram definidas da seguinte forma:

- Primeira faixa etária: 18 a 30 anos

- Números: 1, 2, 5 e 6
- Segunda faixa etária: 50 a 65 anos
 - Números: 3, 4, 7 e 8
- 2.2.2.7. Considerações Adicionais

Ao adotar esse sistema de numeração, garantimos que a coleta de dados fosse sistemática e representativa da população estudada. A combinação dessas categorias permite uma análise detalhada das interações entre sexo, nível de escolaridade e faixa etária, proporcionando uma compreensão mais profunda das dinâmicas linguísticas em cada localidade.

Este método estruturado facilita não apenas a coleta e organização dos dados, mas também a sua análise posterior, permitindo identificar padrões e variações linguísticas com maior clareza e precisão. Assim, os dados obtidos serão robustos e confiáveis, contribuindo significativamente para o campo da sociolinguística e para a compreensão das variações linguísticas no contexto estudado.

Os dados coletados nas pesquisas do ALiB entre 2001-2002, nas capitais do Nordeste, são a força motriz deste trabalho. Em especial, destacam-se as respostas que contêm palavras com [b] ou [v] iniciais e intervocálicos, sons que tendem a se revezar.

○ 2.3. A ALTERNÂNCIA DE [B] E [V]: UMA REVISÃO DA LITERATURA

A alternância de pronúncia de [b] – oclusiva - e [v] - fricativa - por vezes causa variações na pronúncia de palavras, pois ela nem sempre é estável. Esse fenômeno está presente no grego, no hebraico e em muitas línguas românicas: napolitano (Russo e Ulfsbjorninn, 2020), sardo, espanhol, catalão, galego, português, dentre outras. A grande quantidade de línguas oriundas do Latim que apresentam essa alternância não é coincidência: já no Latim Vulgar era possível notar esse fenômeno.

▪ 2.3.1. Latim vulgar

O Latim Vulgar, também denominado *sermo vulgaris*, refere-se às diversas formas vernaculares do latim faladas pelas populações do Império Romano, em contraste com o latim clássico, usado em textos literários, jurídicos e administrativos. Estas variações regionais do latim vulgar não constituíam uma língua padronizada,

mas sim um conjunto de dialetos que mudaram de acordo com fatores geográficos, sociais e culturais específicos de cada região.

Ao longo dos séculos, o latim vulgar desempenhou um papel crucial na formação das línguas românicas, como o português, o espanhol, o francês, o italiano e o romeno. Diferente do latim clássico, cuja forma era rigidamente prescrita, o latim vulgar era dinâmico, refletindo as práticas linguísticas cotidianas e as interações sociais das classes populares.

Estudos sobre o latim vulgar revelam uma linguagem rica em variações fonéticas, morfológicas e sintáticas, o que contribuiu para o desenvolvimento de características linguísticas distintas nas línguas românicas subsequentes. A análise dessas variações tem sido fundamental para entender o processo de romanização e as transformações linguísticas que ocorreram no pós-Império Romano.

A grande dificuldade em se lidar com o Latim Vulgar existe pois não havia forma padronizada escrita desse aglomerado de idiomas. No entanto, existe um documento importantíssimo que demonstra como se falava de fato à época: o *Appendix Probi*. O *Appendix Probi* é um documento do século IV d.C., de autoria anônima, que consiste em uma lista de correções linguísticas, destacando as formas corretas de palavras em latim literário em contraste com as formas consideradas erradas ou vulgares da língua falada.

Apesar de seu nome, o texto não está relacionado a Marco Valério Probo, um gramático romano anterior. O *Appendix Probi* é de grande importância para o estudo do latim vulgar, pois reflete as variações e tendências linguísticas da época, documentando a divergência entre o latim clássico e o latim vulgar, que mais tarde deu origem às línguas românicas

Väänänen (2006) ressalta que desde a época do Latim Vulgar se confundem [b] e [w]. Falava-se “baliat” em vez de “valeat”; “Berus” em vez de “Vërus”; “Vivia” em vez de “Vibia”. O filólogo finlandês demonstra que já no *Appendix Probi* havia exemplos de palavras nas quais essa instabilidade de pronúncia já era presenciada: *vaclus* em vez de *baculus*; *baplo* em vez de *vapulo*; *plevis* em vez de *plebes*; *tavis* em vez de *tabes* e *toleravilis* em vez de *tolerabilis*. Williams (1962) explica que o som do *v* mudou de [w] para [v] no latim vulgar. O grafema <v> equivalia a dois sons no Latim: [w] e [u] — curiosamente não equivalia a [v].

Mendez (2014) afirma que especialistas debatem se a não-distinção gráfica entre e <v> já havia se estabelecido no século XVI ou se foi mais tardio, no século

XVII. A autora espanhola demonstra sistematicamente o que ocorreu na passagem do latim clássico para o vulgar (castelhano primitivo):

Quadro 1 – Evolução¹ das bilabiais

Evolução das bilabiais		
Latim clássico		Latim vulgar Castelhano primitivo
B-	/b/	/b/ > /β/
V-, u- -V- intervoc. -V- poscons. → /β/	/w/	> /β/
-B- intervoc. /b/ → /β/ -BB- intervoc. /b/ → /β/	/b/ /b/	> /β/ > /β/
-P- intervoc.	/p/	/b/ > /β/

Fonte: Mendez (2014)

a alternância do [b] e do [v] acontece mais sistematicamente em línguas como espanhol, catalão (alguns dialetos), galego, e napolitano que no português. Mouton (1994) demonstrou como, nas áreas catalanófonas onde se distinguem /v/ e /b/, esse idioma minoritário influencia na fala do espanhol: “Nas áreas catalãs que distinguem entre /b/ e /v/, pode ocorrer uma falsa distinção em espanhol, baseada na grafia [vino], [váca], [veráno] por [bino], [báka], [beráno].” No napolitano, por exemplo, a palavra “barba” é pronunciada [ˈvarvə] (Russo e Ulfsbjorninn, 2020). Mattos (1989) reforça a

¹ Optou-se aqui por traduzir o título do quadro da maneira mais fiel possível. No original, vê-se “Evolución de las bilabiales”. Não é intuito de forma alguma associar “evolução” com aprimoramento. Nas entradas consultadas em dicionários, como Houaiss e Michaelis, existem tanto definições que associam “evoluir” a uma melhora, quanto as que definem essa palavra como simplesmente “transformações”.

“correspondência etimológica na seleção dos grafemas u e b” (p. 96), que pode ser resumida, segundo a autora, em:

Quadro 2 – Correspondência Etimológica na seleção dos grafemas

Português	Latim
v-	u-
b-	b-
-v-	-b-, -f-
-b-	-p-

Fonte: Mattos (1989)

Mattos defende que essa correspondência gráfica possivelmente indica que havia distinção b:v, mas foi neutralizada em alguns dialetos portugueses. Segundo Nunes "...por cousas que hi aquiã de desembargar, e el lhes deu cõ sa mão huũ barril pequeno de madeyro cheio de vïho que *beuessẽ* pela carreyra que os podia abastar a huũ jantar." (Nunes, 1925, p. 247)

A troca do [b] pelo [v] é um fenômeno há muito tempo observado em diversos idiomas. Perdih (2007) ressalta que esse fenômeno ocorre em diversas partes do Mediterrâneo e da Europa Central:

No mundo helênico, essa tradição continua desde os tempos micênicos e homéricos, passando pelas reencarnações clássicas, romanas e bizantinas. Ela se manifesta no Império Romano do século III até os dias atuais na Itália e na Península Ibérica, especialmente entre os bascos. Até certo ponto, também é encontrado na antiga Índia. Isso é significativo, pois os arianos da Índia se separaram de suas raízes indo-europeias/proto-eslavas cerca de 8000 anos atrás. (Perdih, 2007, p. 9)

Perdih destaca ainda a importância desse fenômeno no dialeto de Tolmin, na Eslovênia. Dizem alguns falantes /bilə/ e /bil/ para as palavras “vile” e “vil”, e /bi.tsə/, /bits/ para as palavras “vice” e “vic”

Aprile e Russo (2001), por exemplo, dedicaram um artigo inteiro para o esse fenômeno e rotacismo na língua napolitana. Bafile (2014) tratou desse fenômeno nas línguas regionais meridionais da Itália, dentre as quais se destacam o napolitano e o calabrés.

2.3.2 A Alternância do [b] e [v] na Língua Portuguesa

Não é de hoje que se estuda a alternância do [b] e do [v] na língua portuguesa. De autores basilares do estudo linguístico do português, como Vera (1631), Fonseca (1710), Barreto (1971) e Duarte Nunes de Leão (1576), até os clássicos da dialetologia e linguística histórica, como Amaral (1920), Nascentes (1922), Marroquim (1996), Teyssier (2014), Coutinho (1976) e Viaro (2011) se debruçaram no assunto, seja para descrever o fenômeno, seja para levantar hipóteses das motivações de sua ocorrência. Esta dissertação surge visando expandir esses estudos para a dialetologia do português brasileiro, por meio dos dados coletados no projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Nascentes, em sua obra “O Linguajar Carioca em 1922” (2023, p. 26), destacou que o fenômeno de alternância referido é característico do falar carioca, mencionando que o /v/ inicial se torna /b/ em algumas palavras: “varrer” → “barrer”, “vagem” → “bage” e “verruga” → “berruga”.

Tratando do português lusitano, Nascentes ainda destaca uma possível influência do espanhol nessa pronúncia:

Em Portugal, o v com o b (mais do que o b com o v) se confunde na Beira, no Entre Douro e Minho, e na parte Sul de Trás-os-Montes a regra é nunca pronunciar v e substituí-lo sempre por b. O fenômeno é estranho à maior parte do sul do país; em Barrancos (Alentejo) e Vila Real (Algarve), **a confusão é devida ao espanhol** onde, como é sabido, não há v senão na pronúncia afetada e na dialetal. (NASCENTES, 2023, p. 26-27, grifo nosso)

Consoante a essa ideia, explica-se que o “aparece às vezes em situação em que nós hoje usamos <v> (COUTINHO, 2011, p. 73): *aber=haver*. Talvez que o *b* se explique aí por influência do latim ou por influência espanhola.” Alves (2017) estudou como a língua espanhola interfere na língua portuguesa adquirida por falantes nativos de espanhol que residem no Brasil. Segundo a autora, “é muito comum [na fala desses informantes] a ocorrência do betacismo, troca do [v] pelo [b]”.

Seria, portanto, possível estabelecer uma hipótese de que em regiões fronteiriças, onde o Brasil encontra países hispanófonos, a fala dos brasileiros fosse tingida de traços do espanhol — destacando-se, por exemplo, essa alternância. Contudo, nosso estudo se centra no Nordeste do Brasil, onde não há fronteira com países estrangeiros, portanto não trabalharemos com essa hipótese. Olharemos sobretudo para questões sociolinguísticas.

Esse fenômeno não é novidade do português contemporâneo. Nascentes ([1953] 2023) explica que na passagem do latim para o português se observa a

permuta de v em b: vagina = bainha, vesica = bexiga. Leão (1576) destaca ‘a confusão do b e do v’:

o que muito mais se vee nos gallegos e em alguns portugueses dentre Douro e Minho, que por vós e vósso dizem bos e bosso, e por *vida* dizem *bida*, e quasi todos os nomes em que ha v consoante mudão em b, e como se o fizessem aas vvessas, o que nós pronunciamos per b pronunciaõ elles per v. (Leão, 1576, fol. 4r.)

No galego-português, /b/ e /v/ já eram fonemas distintos (Teyssier, 2014, p. 33). O linguista francês ressalta que a fala atual da capital portuguesa e de todo centro-sul de Portugal mantém essa distinção. Contudo, numa relevante parte do centro e do norte do país lusitano “há hoje...um fonema único, como em espanhol” (p. 57). Ressalta ainda Teyssier que “a zona de distinção entre /b/ e /v/ termina hoje a oeste, um pouco ao sul de Coimbra, mas ela sobre a leste até Trás-os-Montes” (p. 57). Said Ali (1964) explica que, quando o a língua portuguesa se constituiu, “a oclusiva b do latim clássico, vindo em posição intervocálica, pronunciava-se como constrictiva.” (1964, p. 27). O autor exemplifica sua fala com os vocábulos dever (debere), haver (habere), trave (trabe), fava (faba), escrever (scribere), cavalo (caballu-). Permanece a pronúncia do [v] no português contemporâneo, explica Said Ali, mas o autor destaca palavras como “beve”, “bêvado”, “avorrecer”, “távoa”, “tavoada” e “avondar”, que assim eram pronunciados nos anos 1500, mas por “influência erudita” restabeleceu-se a pronúncia com [b].

Este fenômeno também ocorre no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). No PE, esse fenômeno ocorre com mais frequência nos dialetos do norte, próximos à Galícia: “...a zona de distinção entre /b/ e /v/ termina hoje a oeste, um ao sul de Coimbra, mas ela sobe a Leste até Trás-os-Montes, penetrando como uma cunha na zona de confusão que abrange o português do Norte, o galego e o espanhol” (Teyssier, 2011, p. 57). O gramático e historiador Duarte Nunes de Leão afirmou em *Ortographia* (1576) que a “confusão do b e do v” ocorria com “galegos e em alguns portugueses dentre Douro e Minho”. Trata-se, portanto, de uma diferença diatópica.

2.3.2.1 A alternância do [b] e do [v] no português brasileiro

No Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português, são encontrados exemplos de vocábulos cuja pronúncia alterna entre [b] e [v]: no PB, em Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais e no Sul/Sudoeste de Minas Gerais achou-se “barrer” — do

lema “varrer”: “Ontem, ele teve aqui pirlantano se nós queria barrê” (Ribeiro, 2010), “lavo uma roupa lavo um prato barro casa... barro terreiro.” (Souza, 2014) e “lavo uma roupa lavo um prato barro casa... barro terreiro” (Souza, 2008)

Não se investiga com exatidão esse tema na dialetologia brasileira, pelo menos não há artigos nem capítulos de livros que tratam do tema com exclusividade. Os principais trabalhos até aqui são iniciações científicas, como a de Reis e Kailer (2019) e Biolada — em Mota, Paim e Ribeiro (2015) Manuais de referência em fonética e fonologia sincrônicas, como Cristóvão Silva (1999) e Gayer e Silva (2013), sequer fazem menção a esse fenômeno. Existem, no entanto, estudos tratando desse fenômeno por óticas divergentes.

Falantes hispanófonos que vivem em países de língua portuguesa, por exemplo, sofrem dificuldades pela interferência de sua língua materna Alves (2017). A autora documentou num estudo sobre hispanófonos em Brasília algumas dificuldades que esses falantes enfrentam por interferência de sua língua materna. A linguista menciona que, com frequência, há “a dificuldade em diferenciar vogais abertas de vogais fechadas, a pronúncia dos denominados heterotônicos, heterossemânticos e heterogênicos do espanhol, algumas trocas de fones e algumas ocorrências de betacismo².” (p. 10). O principal desafio é o de diferenciar [v] e [β], explica a autora. Ela menciona ainda exemplos coletados em tabelas, das quais reproduzi duas abaixo:

Quadro 3 – Betacismo e tempo de permanência na fala de imigrantes hispanófonos (Homens)

TEMPO DE PERMANÊNCIA	HOMENS	
	JOVENS	ADULTOS
- De 5 anos em Brasília	“não sei... a βø ou aβɔ ”	“eu gosto βiver aqui”
+ De 5 anos em Brasília	“cheguei em feβrero ”	“qué βocê βai avaliar?”

Fonte: ALVES (2017, p. 24)

Quadro 4 - Betacismo e tempo de permanência na fala de imigrantes hispanófonos (Mulheres)

TEMPO DE PERMANÊNCIA	MULHERES	
	JOVENS	ADULTOS
- De 5 anos em Brasília	"[v]ocabulário pode ser difícil"	"nue β e meses"
+ De 5 anos em Brasília	"[v]inte oito de julho"	"na verdade, eu já tava..."

Fonte: ALVES (2017, p. 24)

Nesse trabalho a autora salientou, portanto, como a fala de indivíduos cuja língua materna apresenta mais sistematicamente o Betacismo sofre interferências. Em consonância a essa pesquisa, Fabrício Paiva Mota, em sua tese "A Interferência Linguística em Redações de Venezuelanos Estudantes de Português na Fronteira Brasil/Venezuela" (2020), aborda como o fenômeno do betacismo afeta as produções escritas desses estudantes. O Betacismo foi identificado em 24 casos, equivalendo a 8,7% dos dados coletados. Estes casos incluem 11 verbos, 11 substantivos e 2 adjetivos.

Historicamente, segundo a Real Academia Española (RAE, 2010), as letras 'b' e 'v' representavam fonemas distintos no latim e no espanhol antigo, mas essa distinção se perdeu na Idade Média. Isso contribuiu para que, em espanhol contemporâneo, as letras 'b' e 'v' sejam pronunciadas de maneira idêntica, o que pode gerar problemas ortográficos, mesmo entre falantes nativos, ressalta Mota.

▪ 2.3.1.2 Exemplos do Corpus

A pesquisa inclui vários exemplos retirados das redações analisadas, como:

- (89) "Ela moraba na Francia..."
- (90) "Mauro falaba para o filho que..."
- (91) "Os meninos choraban..."
- (92) "Os comerciantes chineses deixaban de venden..."

Em muitos desses casos, os informantes combinaram radicais de verbos em português com desinências temporais do espanhol, especialmente a desinência '-ba' para o pretérito imperfeito. Isso resulta em formas híbridas que não pertencem completamente a nenhum dos dois idiomas, como 'moraba' e 'falaba'.

Mota apresenta um quadro comparativo (quadro 7 - Verbos no pretérito imperfeito) em ambos os idiomas para ilustrar as diferenças no uso do pretérito imperfeito entre português e espanhol. Aqui está uma adaptação do quadro:

Quadro 5 - Equivalência verbal entre o pretérito imperfeito do indicativo em português e espanhol

Língua Portuguesa	Língua Espanhola
Ele/Ela morava	“Él/Ella dejaba”
Eles/Elas moravam	“Ellos/Ellas dejaban”

Fonte: ALVES (2017, p. 24)

O quadro mostra como os estudantes aplicam o padrão espanhol na conjugação dos verbos em português. Além dos verbos, o betacismo também se manifesta em substantivos. Por exemplo, nos trechos: “(95), [...] as devilidades do homem [...] e (96) [...] a receber o jugamento [...]” os estudantes substituem 'v' por 'b', uma interferência que ocorre mesmo quando a letra correta deveria ser 'b' em ambos os idiomas, reitera o autor.

A pesquisa conclui que as interferências linguísticas se dão tanto em verbos quanto em substantivos. O fenômeno é exacerbado pela similaridade fonética entre 'b' e 'v' em espanhol, dificultando a correta grafia em português. Mota sugere que o ensino de português como língua estrangeira (PLE) deve enfatizar as diferenças ortográficas e fonéticas entre os dois idiomas, especialmente no uso do pretérito imperfeito. A combinação de radicais portugueses com desinências espanholas, como observado nos exemplos, reflete a complexidade do processo de aprendizado bilíngue e a necessidade de maior atenção a essas particularidades no ensino.

O betacismo não é somente estudado contrastando interferências da língua espanhola na língua portuguesa. Balde (2021) explorou as adaptações fonético-fonológicas em empréstimos no português guineense. A tabela utilizada pelo linguista foi reproduzida abaixo:

Quadro 6 - Betacismo e outras adaptações fonéticas no português guineense

Português	Transcrição	Guineense	Transcrição
palavra	[pa'lavɾɐ]	palabra	[pa'labɾa]
valor	[va'lor]	balur	[ba'lur]
favor	[fa'vor]	fabur	[fa'bur]
conversa	[kõ'veɾsɐ]	kombersa	[kom'bersa]
verdade	[ver'dadɨ]	bardadi	[bar'dadi]
vento	['vẽtu]	bentu	['bentu]
noiva	['nojvɐ]	noiba	['nojba]

Fonte: Balde (2021)

Balde ressalta que se pode conjecturar que o betacismo no português falado na Guiné-Bissau ocorreu devido à ausência inicial da consoante fricativa labiodental sonora [v] no inventário fonológico guineense. Costa (2014, p. 111), ressalta Balde, corrobora essa hipótese ao declarar que "[...] no que concerne ao crioulo tradicional, os fonemas /z, v, ʒ, ɲ, ʎ/ estão excluídos do seu inventário fonológico." Adicionalmente, Costa (2014) destaca que a ausência do segmento labiodental sonoro [v] é uma característica de alguns crioulos atlânticos e, mesmo nos crioulos onde [v] está presente, ele é frequentemente substituído por [b] em termos antigos.

É importante, continua o linguista guineense, no entanto, abordar com cautela a questão do betacismo no português da Guiné, especialmente em relação aos vocábulos mais antigos, uma vez que há estudos, como o de Mattos & Silva (2006), que indicam a substituição de [v] por [b] no português arcaico. Dessa forma, é possível que o betacismo não tenha ocorrido especificamente no português da Guiné-Bissau, e que certas palavras já tenham sido incorporadas com [b].

No corpus analisado por Balde, foram identificados casos em que [v] foi mantido, demonstrando que, ao longo do tempo, este segmento foi sendo integrado ao sistema linguístico. Exemplos disso incluem: viver [vi'veɾ] > vivi [vivi], divertir [diver'tir] > divirti [di'virti], nuvem ['nuvẽj] > nuvem ['nuvem], nove ['nõvɨ] > novi ['novi], entre outros.

José Emanuel Pinheiro de Araújo publicou, em 2021, um trabalho chamado "Betacismo e Degeneração na evolução da língua portuguesa e sua ocorrência moderna", em que explora o fenômeno do betacismo na língua portuguesa. O autor

investiga tanto a transformação de /b/ em /v/ quanto o fenômeno inverso, observando suas ocorrências em diferentes contextos históricos e linguísticos.

No Latim, explica Araújo, a consoante /b/ frequentemente se transformava em /v/ no português, especialmente em posições intervocálicas átonas. Exemplos incluem "amabīlis" que se tornou "amável" e "visibīlis" que se tornou "visível". Em contraste, outras línguas românicas como espanhol, italiano e francês mantiveram o /b/ original.

O autor ressalta ainda que inscrições romanas antigas indicam a presença da alternância do [b] e do [v], como em "botu" ao invés de "votu". Essa confusão fonética remonta ao Latim vulgar e influenciou diversas línguas românicas. A literatura medieval e renascentista, como nas obras de Camões, também evidencia essa alternância, defende Araújo. Esse fenômeno ainda é comum em algumas regiões do Brasil e Portugal. Palavras como "taberna" e "taverna", "assobio" e "assovio", e "bravo" e "brabo" são exemplos dessas variações regionais. Na região nordeste do Brasil, a troca de /v/ por /b/ é frequente, enquanto no norte de Portugal, a confusão entre /b/ e /β/ (um som intermediário) é comum.

Araújo conclui sua pesquisa observando que a permuta entre /b/, /β/, /v/ e /w/ é explicada pela similaridade de articulação desses sons. A Lei do Menor Esforço, conforme o autor, sugere que as consoantes que exigem menos esforço articulatório tendem a ser preferidas, o que explica as variações observadas no português ao longo do tempo e em diferentes regiões.

Até aqui é possível notar que a alternância do [b] e do [v] na língua portuguesa é estudado usualmente buscando contrastes e interferências de idiomas estrangeiros. Reis foi uma das precursoras ao estudá-lo pela dialetologia pluridimensional intralinguística. Seu artigo (Reis e Kailer, 2019), investiga a alternância entre os fones [v] e [b] nas capitais do Centro-Oeste brasileiro, utilizando dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo iniciou em 2017 e analisou inicialmente dados de outras regiões do Brasil, como o Rio Grande do Sul e as capitais da Região Sul.

Com base nas teorias da Dialetologia Pluridimensional de Thun e da Sociolinguística Variacionista de Labov, o artigo examina como fatores linguísticos (como item lexical, vogal da sílaba, extensão do vocábulo, e classe gramatical) e extralinguísticos (como faixa etária, sexo, localidade e estilo de fala) influenciam o uso da alternância do [b] e do [v]. A pesquisa foi conduzida com 24 informantes de Cuiabá, Campo Grande e Goiânia, distribuídos por duas faixas etárias, ambos os sexos e dois níveis de escolaridade.

Os resultados mostram que o esse fenômeno tem baixa ocorrência nas capitais estudadas. As poucas ocorrências foram mais frequentes entre os homens e as pessoas mais velhas. Campo Grande apresentou mais casos de alternância em comparação com Cuiabá e Goiânia. Esses resultados são consistentes com estudos anteriores realizados em outras regiões do Brasil, como o interior do Rio Grande do Sul e as capitais do Sul.

O estudo conclui que o fenômeno está em declínio no português brasileiro, indicando uma mudança linguística em andamento. A pesquisa contribui para o entendimento da variação linguística no Brasil, destacando como fatores sociais e regionais influenciam a fonologia do português.

Amaral (2020), em sua obra seminal da dialetologia no Brasil, traz dois exemplos do léxico do português caipira em que há essa intercambialidade: “vevúia” (alteração de bobulha, borbuio, segundo o autor) e “brabo” (que teria origem diversa de “bravo”:

“Esta forma não parece mera variante de “bravo”, que é de importação francesa por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, diretamente, de bárbaro, através da forma bárboro, com dissimilação do segundo *a*, que facilitou o encurtamento do vocáb. Bárboro encontra-se nos antigos; por ex., em *D. João de Castro*. “E asi me certifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperança e nisto estou tão costamte que me atreverei a o fazer confesar a omens **barboros** e a outros de gramde enjenho”. A própria forma **brabo**, tal qual, se encontra na “Eufros”, p. 147.” (Amaral, 2020)

Ainda assim, não havia “estudo sistematizado sobre os falares brasileiros que esclareça se há predominância desse processo fonético-fonológico em alguma região brasileira.” (Reis e Kailer, 2019, p. 2) Para começar a preencher essa lacuna, as autoras, investigaram o a alternância do [b] e do [v] nas capitais do sul do Brasil - Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. As autoras notaram a influência dos contextos linguísticos e extralinguísticos no uso das variantes “no falar de 24 informantes estratificados pela equipe do ALiB, conforme a localidade, o sexo, a faixa etária e a escolarização.”

Reis e Kailer (2019) demonstram que, no PB, a alternância não marca diferença diatópica, mas diastrática. O artigo das autoras investiga a alternância entre as variantes fricativa labiodental [v] e oclusiva bilabial [b] no português brasileiro, especificamente nas capitais da região Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre). Fundamentado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista

de Labov, o estudo utiliza dados coletados pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para verificar como fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam essa alternância.

Reis e Kailer relembram que a alternância entre [v] e [b] remonta ao latim e é observada em várias lexias no português, como "vassoura" e "bassoura" ou "travesseiro" e "trabesseiro". Os dados foram coletados de 24 informantes estratificados por sexo, escolaridade, faixa etária e localidade. Utilizando o programa SoundForge para recorte e o Goldvarb X para análise estatística, o estudo codificou as respostas dos informantes de acordo com variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Os resultados indicam que a lexia "assobio" apresenta maior alternância entre [v] e [b], com 19 ocorrências de [b] e apenas 4 de [v]. As variantes com [b] foram predominantemente encontradas em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Outras lexias, como "travesseiro", tiveram apenas duas ocorrências com [b], enquanto "vagem" e "varrer" não apresentaram nenhuma ocorrência com a oclusiva.

Analisando por faixa etária, verificou-se que a alternância é pouco recorrente e parece associada a fatores como hipercorreção entre informantes com maior escolaridade. Em termos de localidade, Florianópolis apresentou um percentual ligeiramente mais elevado de alternância, mas não suficiente para caracterizá-la como uma marca regional.

Conclui-se no estudo das pesquisadoras que a alternância entre [v] e [b] é pouco produtiva nas localidades estudadas e a escolha de uma variante sobre a outra está vinculada à origem latina das lexias. A alternância, defendem as autoras, tende a desaparecer em lexias como "varrer" e "vagem", enquanto permanece em "travesseiro" e "assobio", esta última associada a hipercorreção em informantes mais escolarizados.

Por fim, o estudo destaca a importância de pesquisas sistemáticas para entender se determinadas variantes linguísticas permanecem em variação estável ou apontam para uma mudança linguística. No caso das lexias analisadas, a tendência é que a alternância entre [v] e [b] diminua significativamente, permanecendo apenas em casos específicos.

Neste capítulo teórico abordamos conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Discutimos como a linguagem reflete as dinâmicas sociais e culturais, destacando que fenômenos como a alternância do [b] e do [v] podem ser marcadores de identidade regional ou social. Estudos clássicos de autores

como William Labov são citados, destacando a relação entre variáveis linguísticas e fatores como idade, sexo, classe social e contexto geográfico.

No campo da Dialetoлогия, exploramos, com foco em sua mudança histórica, desde a análise monodimensional até o desenvolvimento de estudos pluridimensionais, ressaltando a importância do mapeamento linguístico como ferramenta para compreender variações regionais e contextos sociais. Analisamos o histórico do estudo dialetológico no país, desde os primeiros trabalhos sobre o léxico até a criação de atlas regionais. Destaca os avanços na Geolinguística brasileira, culminando em projetos como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), iniciativa abrangente de documentação e análise da variação linguística no Brasil. Detalhamos sua metodologia, incluindo a coleta de dados em diferentes localidades, a escolha de informantes e a aplicação de questionários voltados para aspectos fonético-fonológicos, léxicos e sintáticos.

Por fim, apresentamos uma discussão sobre o a alternância do [b] e do [v]. Examinamos suas raízes históricas no latim vulgar e sua presença em várias línguas românicas, incluindo o português. Estudos anteriores sobre o tema são revisados, servindo como base para as análises realizadas na pesquisa.

Em síntese, o capítulo constrói uma base teórica sólida para o estudo da alternância do [b] e do [v] no contexto nordestino, integrando conceitos da sociolinguística, dialetoлогия e história da língua, além de apresentar o ALiB como suporte metodológico essencial.

A seguir, detalha-se o processo de coleta e análise de dados, evidenciando como os métodos dialetológicos foram empregados para atender aos objetivos propostos e preencher lacunas na literatura existente.

3. METODOLOGIA DE COLETA

A metodologia constitui componente essencial em qualquer investigação científica, fornecendo a base estruturada para a coleta, análise e interpretação rigorosa dos dados. No contexto desta dissertação, que investiga a alternância do [b] e do [v] nas capitais do Nordeste brasileiro, a abordagem metodológica desempenha um papel central na validação dos resultados e no alcance dos objetivos propostos.

Este estudo se fundamenta nos dados coletados pelo projeto ALiB nas nove capitais da região – Recife, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Natal, Salvador, São Luís, Fortaleza e Teresina –, abrangendo as falas de 72 informantes, sendo oito por localidade. A seleção dos participantes seguiu critérios sociodemográficos como idade, sexo, escolaridade e tempo de residência, assegurando a representatividade e a diversidade linguística da amostra.

A coleta de dados pelo ALiB utilizou questionários fonético-fonológicos, semântico-lexicais e morfossintáticos, garantindo informações sistemáticas e comparáveis. Neste estudo, foram analisadas especificamente as respostas às questões 8 (travesseiro), 18 (varrer) e 149 (assobio) do Questionário Fonético-Fonológico, bem como às questões 49 (vagem), 108 (sovaco) e 170 (vaso-sanitário) do Questionário Semântico-Lexical, por serem contextos fonéticos relevantes ao estudo da alternância do [b] e do [v].

Para o processamento dos dados, li as transcrições elaboradas pela equipe do ALiB, priorizando perguntas cujos contextos fonéticos favoreciam a análise da alternância entre [b] e [v]. Complementarmente, conferi os áudios dos dados não transcritos e revisei aqueles cuja transcrição apresentava baixa clareza, assegurando a precisão das informações.

Os dados foram organizados em tabelas, que serviram como base para a criação de mapas linguísticos, uma ferramenta essencial da dialetologia para visualizar a distribuição espacial do fenômeno e de suas variações regionais. A análise combinou abordagens quantitativas e qualitativas: a primeira identificou padrões de frequência e distribuição, enquanto a segunda explorou os contextos sociais, culturais e históricos que influenciam o fenômeno. Essa integração permitiu uma compreensão

ampla e detalhada das nuances da alternância do [b] e do [v], relacionando-as a fatores socioculturais e regionais do português falado no Nordeste.

A metodologia adotada, alinhada aos padrões rigorosos do ALiB, assegura a credibilidade científica do estudo e sua comparabilidade com pesquisas similares. A documentação detalhada dos procedimentos permite a replicação ou ampliação da investigação por outros pesquisadores, contribuindo para o avanço do conhecimento em linguística brasileira. Assim, a escolha de uma abordagem estruturada e adequada aos objetivos desta dissertação foi determinante para interpretar as variações linguísticas e destacar as particularidades desse processo fonético nas capitais nordestinas.

Segue um quadro demonstrando as questões perguntadas pelos pesquisadores e as lexias esperadas como resposta:

Quadro 7 – Questões do ALiB usadas nesta pesquisa

Questionário	Pergunta	Reposta esperada
QFF	008 - Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?	Travesseiro
QFF	018 – “Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica da ação de varrer)?”	Varrer
QFF	149 – “Como se chama isso?” e o inquiridor assobia	Assobio
QSL	049 – “Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?”	Vagem do feijão/bainha
QSL	108 - “Como se chama esta parte aqui?” e o pesquisador aponta para uma das axilas.	Sovaco
QSL	109 – “Como chama o mau cheiro debaixo dos braços?”	Sovaqueira/Axila
QSL	170 - “Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?”	Vaso sanitário

Fonte: autoria própria.

Para as questões do questionário fonético-fonológico, o inquiridor buscava exatamente a palavra sugerida no *caput* da questão. Dessa forma, na questão 8, os pesquisadores do ALiB perguntaram: “Como se chama aquilo onde se recosta a

cabeça para dormir na cama?” e a resposta esperada é “travesseiro”; na questão 18, a pergunta foi “Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica da ação de varrer*)?” — resposta esperada: “varrer”; na questão 149, indaga-se “Como se chama isso?” e o inquiridor assobia.

Já para as questões retiradas no questionário semântico-lexical, a sugestão no caput da questão serve como guia e não será necessariamente utilizada pelo informante, já que o objetivo do questionário é inventariar formas lexicais para o referente exposto no conceito da questão. Assim, as perguntas 049, 108, 109 e 170 poderiam receber como resposta quanto as lexias alvo desse estudo (vagem/bagem; sovaco/sobaco; sovaqueira/sobaqueira; e vaso/baso), quanto outros termos que também remetem aos referentes, como, bainha, axilas, cecê e patente³ respectivamente.

É importante destacar que, frequentemente, o número total de dados em cada lexia é menor do que 72. Isso ocorre porque nem sempre o entrevistado responde ao que se espera, seja por desconhecimento do termo, variações individuais na pronúncia, ou outros fatores contextuais. Por exemplo, alguns informantes podem não utilizar certas palavras em seu vocabulário cotidiano, ou podem interpretar a questão de maneira diferente do esperado pelos pesquisadores.

Além disso, variações regionais e sociais influenciam as respostas, refletindo a rica diversidade linguística presente na Região Nordeste do Brasil. As lexias estudadas proporcionam um panorama detalhado das variações linguísticas, permitindo uma análise aprofundada das tendências fonéticas e fonológicas, bem como das particularidades semânticas e lexicais das diferentes capitais nordestinas.

A análise desses dados é essencial para compreender a dinâmica linguística na região, oferecendo compreensão sobre a mudança e a variação da língua portuguesa no Brasil. Os resultados deste estudo contribuem para a elaboração de mapas linguísticos detalhados, que são ferramentas fundamentais para pesquisadores, educadores e formuladores de políticas linguísticas.

Para garantir a coerência entre a coleta de dados conduzida pelo grupo de pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e a subsequente apresentação dos resultados nesta dissertação, estabeleci um procedimento metodológico que integra o trabalho pioneiro realizado no início dos anos 2000 com as análises linguísticas atuais.

³ Patente é usado como sinônimo de vaso sanitário principalmente no Norte do Paraná.

Para este estudo, foram utilizados os dados obtidos pelo ALiB, focalizando especificamente as respostas em que se verificam os sons [v] e [b] em posição inicial de palavra ou em contexto intervocálico. Os dados, que já havia sido transcrito por pesquisadores do projeto, foram revisados, o que permitiu verificar nuances de realização fonética sem necessidade de repetição na apresentação dos resultados. O uso dos dados seguiu as seguintes etapas: Nessa primeira etapa, foram sistematizados os dados referentes à alternância do [b] e do [v] coletados nos questionários do ALiB. Essa abordagem envolveu compilar as respostas relacionadas aos sons [b] e [v], analisar quantitativa e qualitativamente as ocorrências encontradas e, por fim, sintetizar tais resultados em tabelas e gráficos. Dessa forma, assegura-se uma organização clara do material, facilitando a compreensão das variações registradas. Nesta fase de organização do material, ficou evidenciado o papel do ALiB como principal fonte de informações, salientando que as entrevistas ocorreram nos primeiros anos da década de 2000. O critério de seleção dos informantes, que considerou variáveis sociodemográficas, garantindo uma amostra representativa das capitais nordestinas. Além disso, a aplicação dos questionários contribuiu para a abrangência dos dados.

- Forma de apresentação e discussão dos dados

Seguindo a ordem padrão adotada pelo ALiB para a apresentação dos conceitos nos questionários, buscamos contemplar a sequência sugerida e apresentar as questões como se segue: no Questionário Fonético-Fonológico (QFF), as perguntas 008 (travesseiro), 018 (varrer) e 149 (assobio), e, no Questionário Semântico-Lexical (QSL), as perguntas 049 (vagem), 108 (sovaco) e 170 (vaso).

Para manter a coerência com práticas acadêmicas, esta apresentação dos dados segue o padrão estrutural: (i) descrição e resumo dos resultados obtidos, (ii) indicação dos métodos de coleta utilizados e (iii) discussão preliminar acerca dos itens estudados, relacionando-os aos objetivos específicos deste estudo. Dessa forma, procura-se evidenciar a relevância metodológica do uso dos questionários do ALiB, bem como a contribuição desta análise para o entendimento das dinâmicas linguísticas presentes na região.

Em suma, a análise ora empreendida busca evidenciar como a variação linguística se manifesta em itens lexicais selecionados, lançando mão de uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa para aprofundar a compreensão do fenômeno. Após o relatório dos resultados e a apresentação do mapa, a discussão será ampliada de modo a situar as conclusões no âmbito dos estudos geolinguísticos e sociolinguísticos, reforçando a importância de documentar e investigar as variações fonéticas e fonológicas do português brasileiro.

Após o exame e a quantificação dos resultados, proponho uma reflexão inicial sobre o modo como a alternância do [b] e do [v] se manifesta nas diferentes capitais do Nordeste, bem como sobre os possíveis fatores condicionantes (sociais, regionais e linguísticos) que influenciam esse fenômeno. Essa discussão se vincula diretamente aos objetivos traçados para esta dissertação, dentre os quais se destacam a elucidação da dinâmica de variação do português brasileiro e o mapeamento de tendências fonético-fonológicas relevantes para a região.

Com esse delineamento metodológico, é possível compreender de forma mais ampla o cenário linguístico em análise, sem necessidade de retomá-lo na seção de resultados.

Neste contexto, um estudo sobre a alternância do [b] e do [v] no PB se beneficia enormemente da dialetologia. Trata-se de um fenômeno que pode ser investigado por mapas linguísticos detalhados e pesquisas de campo rigorosas, seguindo os métodos defendidos por Pop e exemplificados por Chambers e Trudgill. Entender como e por que essas variações ocorrem pode revelar muito sobre a dinâmica interna do português brasileiro e suas interações com fatores sociais e históricos.

Essa abordagem metodológica garantiu a sistematicidade da análise e permitiu que as variações da alternância do [b] e do [v] fossem compreendidas tanto em termos linguísticos quanto socioculturais. Em síntese, metodologicamente, utilizamos os dados do ALiB, com base em entrevistas realizadas em capitais do Nordeste para analisar esse fenômeno. A pesquisa envolveu 72 informantes, estratificados por sexo, faixa etária (18-30 anos e 50-65 anos) e nível de escolaridade (fundamental e superior), garantindo diversidade e representatividade.

Os dados foram analisados de forma quanti-qualitativa, para compreender influências socioculturais. Além disso, mapas linguísticos foram utilizados para

visualizar a distribuição espacial da alternância do [b] e do [v], facilitando a identificação de áreas de maior ou menor ocorrência. A metodologia pluridimensional aplicada à coleta de dados do ALiB assegurou rigor e abrangência na análise das variações linguísticas. Passaremos, na seção 4, à análise dos dados coletados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos a análise dos resultados obtidos ao investigar o fenômeno da alternância do [b] e do [v] nas capitais do Nordeste brasileiro. Para cada questão estudada, primeiramente, será exposto um relatório que sintetiza os dados referentes às lexias, seguido pela apresentação de um mapa que reflete a distribuição das ocorrências encontradas. Tal organização metodológica tem como objetivo fornecer uma visão clara e estruturada dos dados, permitindo identificar padrões fonéticos e fonológicos que contribuam para a compreensão das variações linguísticas no contexto estudado.

▪ 4.1. Travesseiro (Questão 008 – QFF)

▪ Na questão 8 do questionário fonético-fonológico do ALiB, indaga-se “Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?” A palavra “travesseiro” tem origem no antigo galego-português *travesseyro*, que deriva do latim vulgar *trāversārius*. Este, por sua vez, provém do latim *trānsversārius*, formado a partir de *trānsversus* (que significa “transversal”), do proto-italico *trānsworssos*. Essa raiz proto-italica também deu origem ao úmbrio *trahuorfi*, ilustrando a longa história e mudança linguística dessa palavra. Nas línguas românicas, a palavra apresenta variações que mantêm conexões etimológicas:

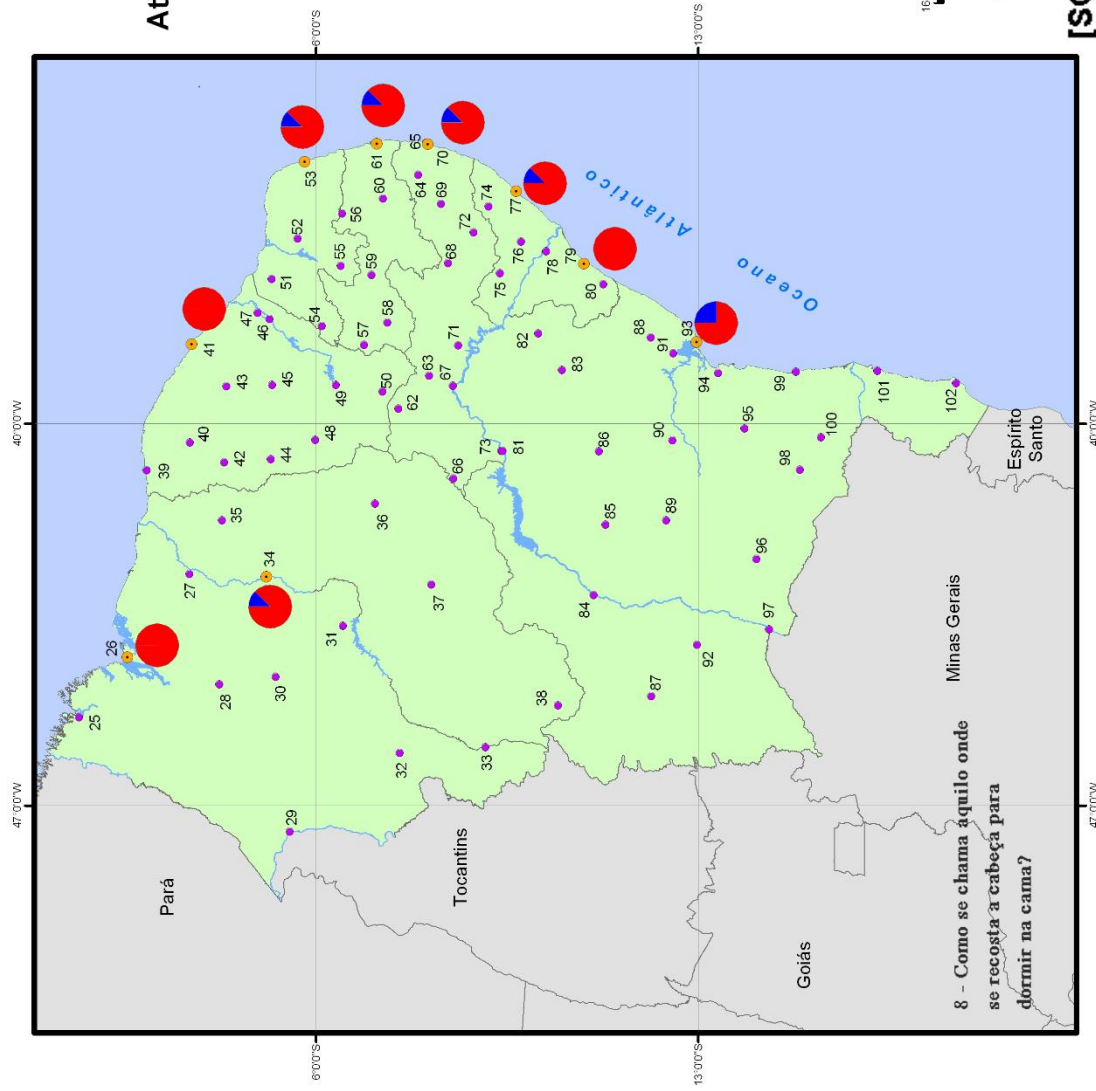
- Italiano: *traverso* e *traversina*.
- Francês: *traversier*.
- Catalão: *travessera*.
- Espanhol: *travieso*.
- Outras formas regionais incluem o veneziano *treso*, o friulano *tres* e o romanche *traviers*.

Essas variações mostram uma rica diversidade que ilustra as transformações fonológicas e semânticas da palavra ao longo do tempo, influenciadas por contatos culturais e mudanças regionais. No caso do português, a consolidação de

"traveseiro" reflete essa herança compartilhada, que também contribui para entender as variações modernas observadas na alternância do [b] e do [v].

Os dados apresentados na dissertação mostram a distribuição do uso das variantes "tra[b]esseiro" e "tra[v]esseiro" em nove capitais nordestinas, revelando importantes tendências sociolinguísticas relacionadas a esse fenômeno, que reflete variações regionais no português brasileiro, influenciadas por fatores históricos, sociais e culturais, como representado pelas cartas 1, 1a, 1b e 1c.

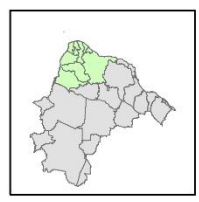
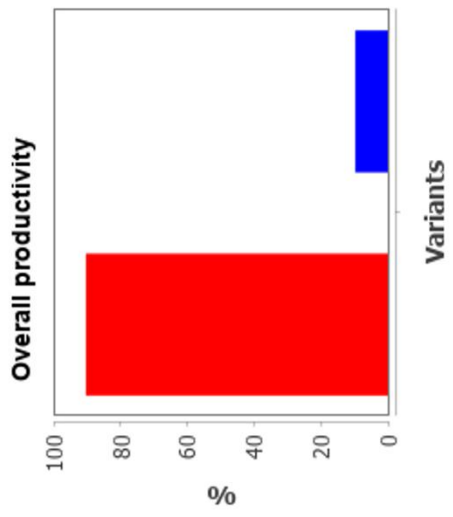
Carta 1 - Travesseiro



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Município	UF
1. Arapiraca	AL
2. Arapiraca	AL
3. Arapiraca	AL
4. Arapiraca	AL
5. Arapiraca	AL
6. Arapiraca	AL
7. Arapiraca	AL
8. Arapiraca	AL
9. Arapiraca	AL
10. Arapiraca	AL
11. Arapiraca	AL
12. Arapiraca	AL
13. Arapiraca	AL
14. Arapiraca	AL
15. Arapiraca	AL
16. Arapiraca	AL
17. Arapiraca	AL
18. Arapiraca	AL
19. Arapiraca	AL
20. Arapiraca	AL
21. Arapiraca	AL
22. Arapiraca	AL
23. Arapiraca	AL
24. Arapiraca	AL
25. Arapiraca	AL
26. Arapiraca	AL
27. Arapiraca	AL
28. Arapiraca	AL
29. Arapiraca	AL
30. Arapiraca	AL
31. Arapiraca	AL
32. Arapiraca	AL
33. Arapiraca	AL
34. Arapiraca	AL
35. Arapiraca	AL
36. Arapiraca	AL
37. Arapiraca	AL
38. Arapiraca	AL
39. Arapiraca	AL
40. Arapiraca	AL
41. Arapiraca	AL
42. Arapiraca	AL
43. Arapiraca	AL
44. Arapiraca	AL
45. Arapiraca	AL
46. Arapiraca	AL
47. Arapiraca	AL
48. Arapiraca	AL
49. Arapiraca	AL
50. Arapiraca	AL
51. Arapiraca	AL
52. Arapiraca	AL
53. Arapiraca	AL
54. Arapiraca	AL
55. Arapiraca	AL
56. Arapiraca	AL
57. Arapiraca	AL
58. Arapiraca	AL
59. Arapiraca	AL
60. Arapiraca	AL
61. Arapiraca	AL
62. Arapiraca	AL
63. Arapiraca	AL
64. Arapiraca	AL
65. Arapiraca	AL
66. Arapiraca	AL
67. Arapiraca	AL
68. Arapiraca	AL
69. Arapiraca	AL
70. Arapiraca	AL
71. Arapiraca	AL
72. Arapiraca	AL
73. Arapiraca	AL
74. Arapiraca	AL
75. Arapiraca	AL
76. Arapiraca	AL
77. Arapiraca	AL
78. Arapiraca	AL
79. Arapiraca	AL
80. Arapiraca	AL
81. Arapiraca	AL
82. Arapiraca	AL
83. Arapiraca	AL
84. Arapiraca	AL
85. Arapiraca	AL
86. Arapiraca	AL
87. Arapiraca	AL
88. Arapiraca	AL
89. Arapiraca	AL
90. Arapiraca	AL
91. Arapiraca	AL
92. Arapiraca	AL
93. Arapiraca	AL
94. Arapiraca	AL
95. Arapiraca	AL
96. Arapiraca	AL
97. Arapiraca	AL
98. Arapiraca	AL
99. Arapiraca	AL
100. Arapiraca	AL
101. Arapiraca	AL
102. Arapiraca	AL

Label
■ tra[y]esseiro
■ tra[b]esseiro

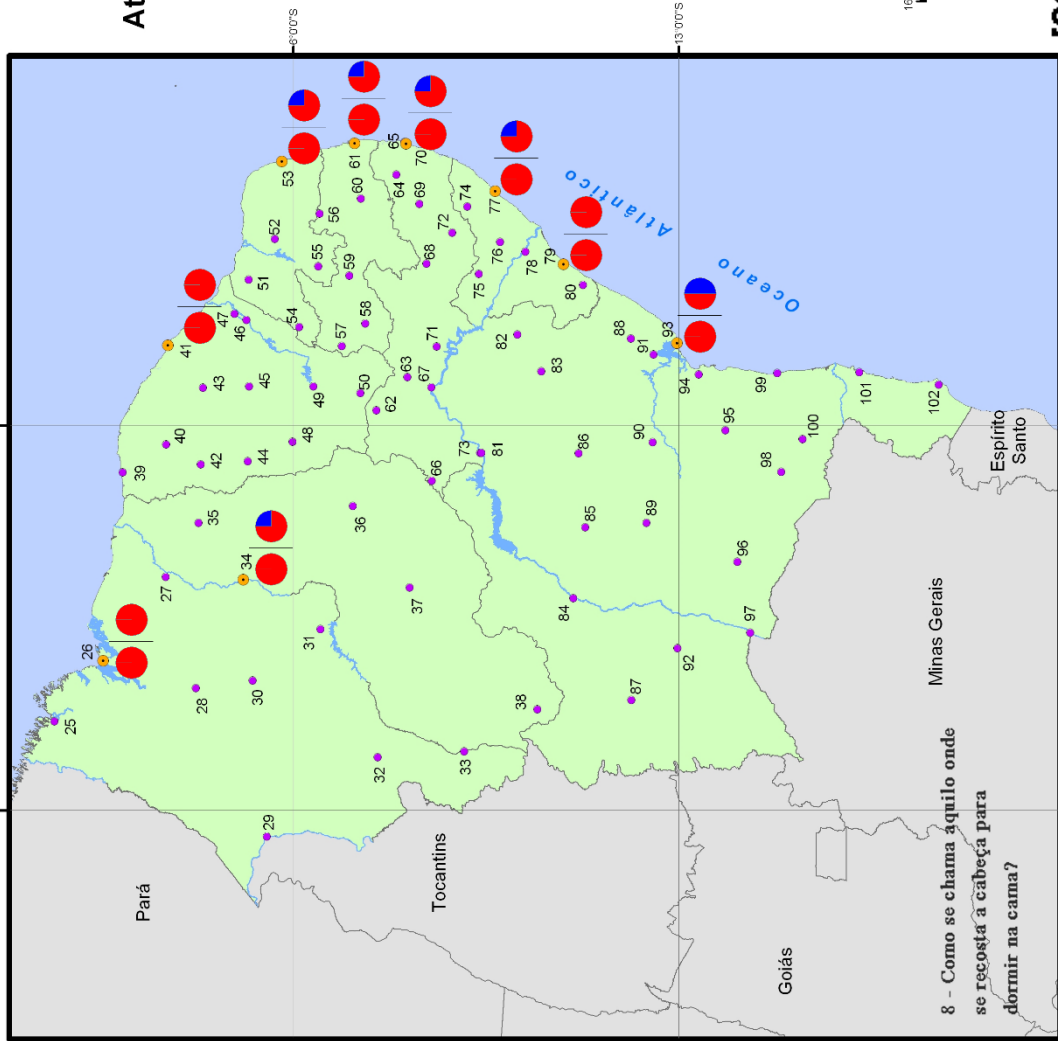


GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: oCIMI v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

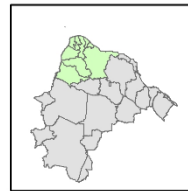
8 - Como se chama aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama?

Carta 1a - Travesseiro (sexo)



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

UF	UF	UF	UF
26	31	36	41
27	32	37	42
28	33	38	43
29	34	39	44
30	35	40	45
31	36	41	46
32	37	42	47
33	38	43	48
34	39	44	49
35	40	45	50
36	41	46	51
37	42	47	52
38	43	48	53
39	44	49	54
40	45	50	55
41	46	51	56
42	47	52	57
43	48	53	58
44	49	54	59
45	50	55	60
46	51	56	61
47	52	57	62
48	53	58	63
49	54	59	64
50	55	60	65
51	56	61	66
52	57	62	67
53	58	63	68
54	59	64	69
55	60	65	70
56	61	66	71
57	62	67	72
58	63	68	73
59	64	69	74
60	65	70	75
61	66	71	76
62	67	72	77
63	68	73	78
64	69	74	79
65	70	75	80
66	71	76	81
67	72	77	82
68	73	78	83
69	74	79	84
70	75	80	85
71	76	81	86
72	77	82	87
73	78	83	88
74	79	84	89
75	80	85	90
76	81	86	91
77	82	87	92
78	83	88	93
79	84	89	94
80	85	90	95
81	86	91	96
82	87	92	97
83	88	93	98
84	89	94	99
85	90	95	100
86	91	96	101
87	92	97	102



GCS SAD 89
Carta Base - Fonte: bCimId v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

Label

tra[v]esseiro

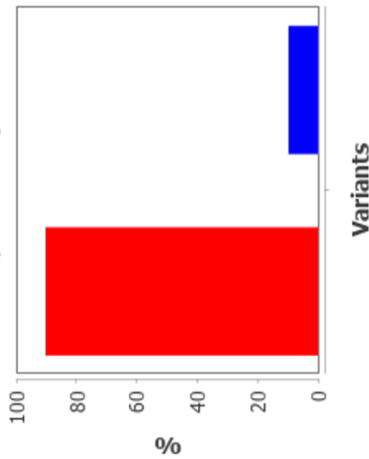
tra[b]esseiro

① ②

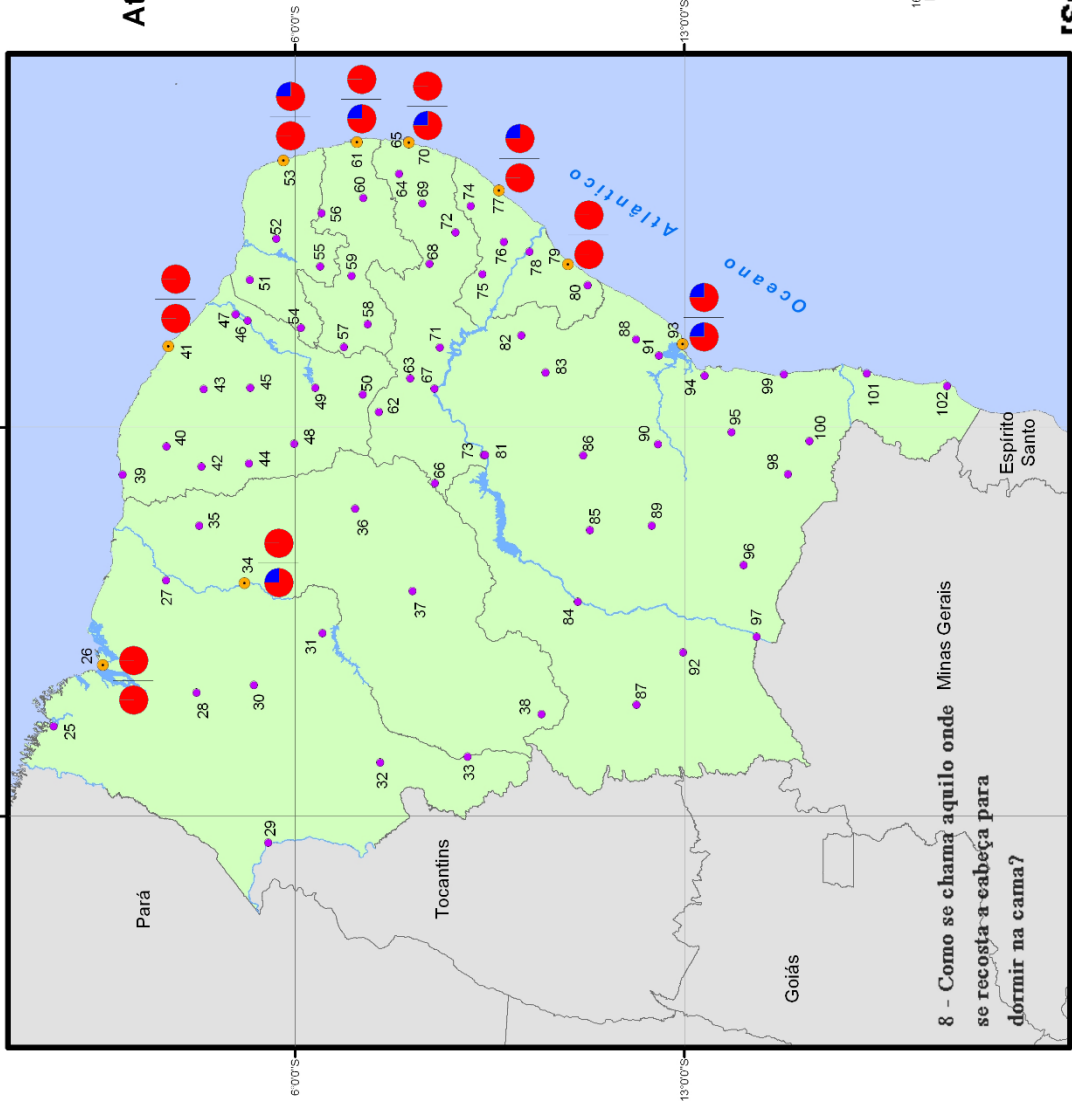
1: Feminino

2: Masculino

Overall productivity



Carta 1b - Travesseiro (idade)



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Idioma	1	2
1	Alagoas	Alagoas
2	Alagoas	Alagoas
3	Alagoas	Alagoas
4	Alagoas	Alagoas
5	Alagoas	Alagoas
6	Alagoas	Alagoas
7	Alagoas	Alagoas
8	Alagoas	Alagoas
9	Alagoas	Alagoas
10	Alagoas	Alagoas
11	Alagoas	Alagoas
12	Alagoas	Alagoas
13	Alagoas	Alagoas
14	Alagoas	Alagoas
15	Alagoas	Alagoas
16	Alagoas	Alagoas
17	Alagoas	Alagoas
18	Alagoas	Alagoas
19	Alagoas	Alagoas
20	Alagoas	Alagoas
21	Alagoas	Alagoas
22	Alagoas	Alagoas
23	Alagoas	Alagoas
24	Alagoas	Alagoas
25	Alagoas	Alagoas
26	Alagoas	Alagoas
27	Alagoas	Alagoas
28	Alagoas	Alagoas
29	Alagoas	Alagoas
30	Alagoas	Alagoas
31	Alagoas	Alagoas
32	Alagoas	Alagoas
33	Alagoas	Alagoas
34	Alagoas	Alagoas
35	Alagoas	Alagoas
36	Alagoas	Alagoas
37	Alagoas	Alagoas
38	Alagoas	Alagoas
39	Alagoas	Alagoas
40	Alagoas	Alagoas
41	Alagoas	Alagoas
42	Alagoas	Alagoas
43	Alagoas	Alagoas
44	Alagoas	Alagoas
45	Alagoas	Alagoas
46	Alagoas	Alagoas
47	Alagoas	Alagoas
48	Alagoas	Alagoas
49	Alagoas	Alagoas
50	Alagoas	Alagoas
51	Alagoas	Alagoas
52	Alagoas	Alagoas
53	Alagoas	Alagoas
54	Alagoas	Alagoas
55	Alagoas	Alagoas
56	Alagoas	Alagoas
57	Alagoas	Alagoas
58	Alagoas	Alagoas
59	Alagoas	Alagoas
60	Alagoas	Alagoas
61	Alagoas	Alagoas
62	Alagoas	Alagoas
63	Alagoas	Alagoas
64	Alagoas	Alagoas
65	Alagoas	Alagoas
66	Alagoas	Alagoas
67	Alagoas	Alagoas
68	Alagoas	Alagoas
69	Alagoas	Alagoas
70	Alagoas	Alagoas
71	Alagoas	Alagoas
72	Alagoas	Alagoas
73	Alagoas	Alagoas
74	Alagoas	Alagoas
75	Alagoas	Alagoas
76	Alagoas	Alagoas
77	Alagoas	Alagoas
78	Alagoas	Alagoas
79	Alagoas	Alagoas
80	Alagoas	Alagoas
81	Alagoas	Alagoas
82	Alagoas	Alagoas
83	Alagoas	Alagoas
84	Alagoas	Alagoas
85	Alagoas	Alagoas
86	Alagoas	Alagoas
87	Alagoas	Alagoas
88	Alagoas	Alagoas
89	Alagoas	Alagoas
90	Alagoas	Alagoas
91	Alagoas	Alagoas
92	Alagoas	Alagoas
93	Alagoas	Alagoas
94	Alagoas	Alagoas
95	Alagoas	Alagoas
96	Alagoas	Alagoas
97	Alagoas	Alagoas
98	Alagoas	Alagoas
99	Alagoas	Alagoas
100	Alagoas	Alagoas
101	Alagoas	Alagoas
102	Alagoas	Alagoas

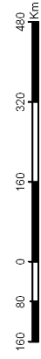
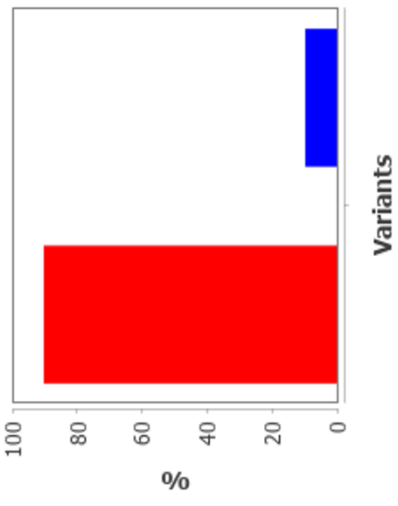
Label

- tra[v]esseiro
- tra[b]esseiro

- ①
- ②

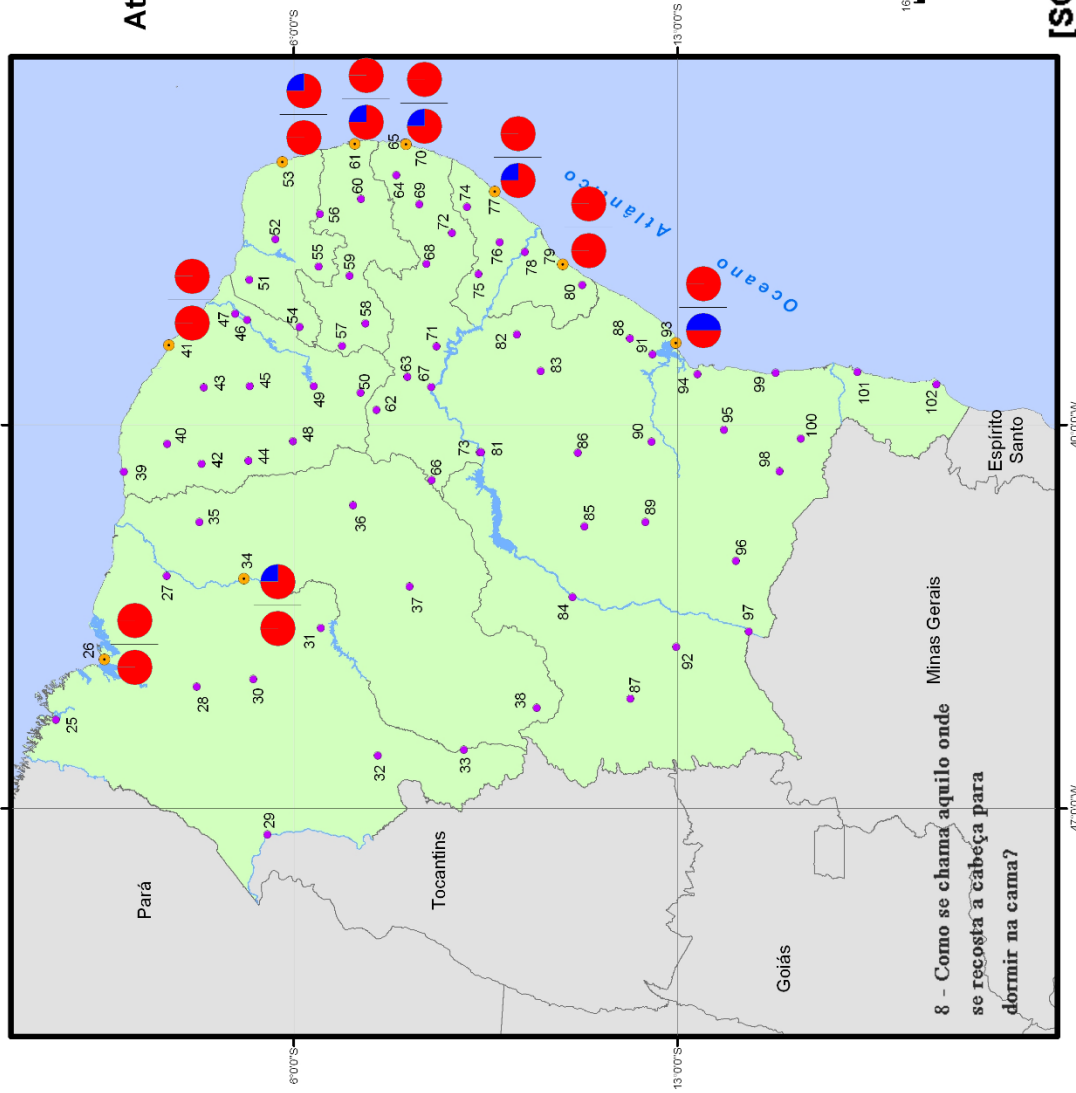
- 1: 18 a 30 anos
- 2: 50 a 65 anos

Overall productivity



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: hCIMA v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

Carta 1c - Travesseiro (escolaridade)



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Município	UF
25	Pará
26	Pará
27	Pará
28	Pará
29	Pará
30	Pará
31	Pará
32	Pará
33	Pará
34	Pará
35	Pará
36	Pará
37	Pará
38	Pará
39	Pará
40	Pará
41	Pará
42	Pará
43	Pará
44	Pará
45	Pará
46	Pará
47	Pará
48	Pará
49	Pará
50	Pará
51	Pará
52	Pará
53	Pará
54	Pará
55	Pará
56	Pará
57	Pará
58	Pará
59	Pará
60	Pará
61	Pará
62	Pará
63	Pará
64	Pará
65	Pará
66	Pará
67	Pará
68	Pará
69	Pará
70	Pará
71	Pará
72	Pará
73	Pará
74	Pará
75	Pará
76	Pará
77	Pará
78	Pará
79	Pará
80	Pará
81	Pará
82	Pará
83	Pará
84	Pará
85	Pará
86	Pará
87	Pará
88	Pará
89	Pará
90	Pará
91	Pará
92	Pará
93	Pará
94	Pará
95	Pará
96	Pará
97	Pará
98	Pará
99	Pará
100	Pará
101	Pará
102	Pará

Label

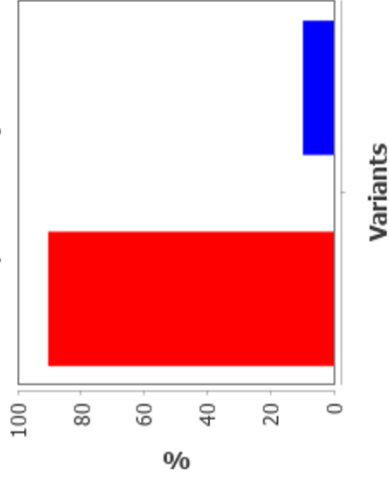
■ tra[v]esseiro

■ tra[b]esseiro

① ②

1: Ensino Fundamental Completo
2: Ensino Superior Completo

Overall productivity



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

- A tendência observada foi de predominância da fricativa labiodental [v], coocorrendo com a oclusiva bilabial [b], conforme distribuição:

(i) As capitais com predominância absoluta da fricativa "tra[v]esseiro" (100%) são Fortaleza, São Luís, e Aracaju destacam-se pela ausência de ocorrências de "tra[b]esseiro".

(ii) Por outro lado, as capitais com presença residual da oclusiva, ou seja, que apresentou índice significativo do fenômeno de alternância, "tra[b]esseiro" (12,5%), são Teresina, Natal, João Pessoa, Recife e Maceió que registram uma coexistência das variantes. Esse padrão pode indicar que essa intercambialidade é parcialmente aceita em situações específicas.

(iii) A cidade de Salvador surge como um caso particular, com a maior frequência de oclusiva - "tra[b]esseiro" - (25%), representando uma exceção interessante no Nordeste.

- Como implicações sociolinguísticas, a variação no uso das formas "tra[b]esseiro" e "tra[v]esseiro" pode ser interpretada sob diferentes perspectivas. Como norma e identidade linguística, uma vez que as capitais que adotam majoritariamente a variante "tra[v]esseiro" refletem uma norma linguística homogênea, reforçando o uso de variedade culta da língua. A mobilidade e contato linguístico podem estar registrados nas capitais com maior presença de "tra[b]esseiro" podem estar mais expostas a influências externas ou ser caracterizadas por maior diversidade sociolinguística. Além disso, podemos estar diante de uma dinâmica histórica com a persistência de "tra[b]esseiro" em Salvador, que pode ser associada a fenômenos históricos específicos, como fluxos migratórios e herança cultural local, criando uma identidade regional específica.

Quando cotejado os dados registados considerando os critérios de idade, sexo, escolaridade e panorama geral da alternância do [b] e do [v] nas capitais nordestinas apresenta-se desta forma:

(i) Quando à distribuição etária os informantes de idade entre 18 a 30 anos, registraram a variante "tra[v]esseiro" em 88,89% dos casos e "tra[b]esseiro" ocorreu

em 11,11% deles. Esta faixa etária apresenta uma maior tendência de uso da forma com /v/, provavelmente por influência da escola, mas ainda há alguma ocorrência de "tra[b]esseiro", sugerindo uma leve coexistência entre as variantes nessa geração mais jovem. Esta tendência também é apresentada na faixa etária de 50 a 65 anos, em que "tra[v]esseiro" foi usado em 91,67% dos casos e "tra[b]esseiro" em 8,33%.

Observa-se que os indivíduos mais velhos exibem uma preferência ainda maior pela variante fricativa, o que indica que essa forma já era amplamente estabelecida em gerações anteriores. A maior prevalência de "tra[v]esseiro" em ambas as faixas etárias sugere uma consolidação dessa variante, embora a geração mais jovem demonstre uma leve resistência ao fenômeno, talvez influenciada por fatores sociais ou regionais.

(ii) Quando à distribuição por sexo, as informantes registraram "tra[v]esseiro" em 100% dos casos, ao passo que os informantes usaram a variante considerada de prestígio em 80,56% dos casos e a variante "tra[b]esseiro" ocorreu em 19,44% deles. Este quadro mostra que as mulheres mostram uma preferência absoluta pela variante com /v/ e os homens apresentam uma maior variabilidade no uso, com uma frequência significativa da variante com /b/. Na esteira dos estudos da área, as mulheres podem estar mais alinhadas a normas linguísticas padronizadas ou percebidas como prestigiadas, enquanto os homens mantêm alguma variação.

(iii) Quanto à escolaridade, os informantes com ensino fundamental registram a variante "tra[v]esseiro" em 86,11% dos casos e "tra[b]esseiro" em 13,89%. Para os informantes com ensino superior, tivemos 94,44% de uso da fricativa - "tra[v]esseiro" e 5,56% da oclusiva "tra[b]esseiro". Pode-se inferir que pessoas com maior nível educacional apresentam uma preferência mais acentuada pela variante de prestígio. A variante com [b] é mais comum, embora não seja exclusiva, entre aqueles com ensino fundamental. Isso sugere uma associação entre maior escolaridade e conformidade com normas linguísticas padronizadas, refletindo possivelmente um maior acesso a formas prestigiadas da língua.

De forma geral, a variante prestigiada "tra[v]esseiro" foi registrado em 90,28% dos casos, enquanto "tra[b]esseiro" ocorreu em 9,72%. Nota-se que a variante com a fricativa é amplamente dominante, coocorrendo com a oclusiva, indicando que a alternância do [b] e do [v] é uma característica consolidada no uso linguístico das capitais nordestinas. Esta percepção está atrelada a consideração de que, apesar da predominância de "tra[v]esseiro", a presença residual de "tra[b]esseiro" pode indicar

resistências pontuais a essa intercambialidade, influenciadas por fatores como região, identidade sociolinguística ou contexto de fala.

Os dados analisados destacam a forte predominância de "tra[v]esseiro" nas capitais nordestinas, com variações pontuais baseadas em idade, sexo e escolaridade. Essas variações sociolinguísticas refletem a interação entre normas padronizadas e fatores locais que moldam o uso linguístico.

4.2. Varrer (Questão 18 - QFF)

Na pergunta 18 do questionário fonético-fonológico do ALiB, indaga-se: "Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (mímica)?" A resposta esperada para essa questão é "varrer", um verbo que desempenha um papel importante na análise das variações linguísticas regionais no português brasileiro.

A palavra "varrer" remonta ao antigo galego-português *varrer*, que, por sua vez, deriva do latim *verrere*, cujo infinitivo no presente é *verrō*. Em latim clássico, a pronúncia de *verrō* seria /'ʎer.ro:/ ou ['ʎer:o:], indicando a presença de uma vibrante múltipla (/r/) característica dessa língua. Mais profundamente, *verrere* tem suas raízes no proto-italico *wors-e/o-*, que se origina do protoindo-europeu *urs-e/o-*.

O termo "varrer" encontra correspondentes em várias línguas românicas, demonstrando a preservação e a modificação das raízes latinas (Meyer-Lübke, 1911):

Espanhol: *barrer*

Português: *barredoura*

Estremenho: *barrer*

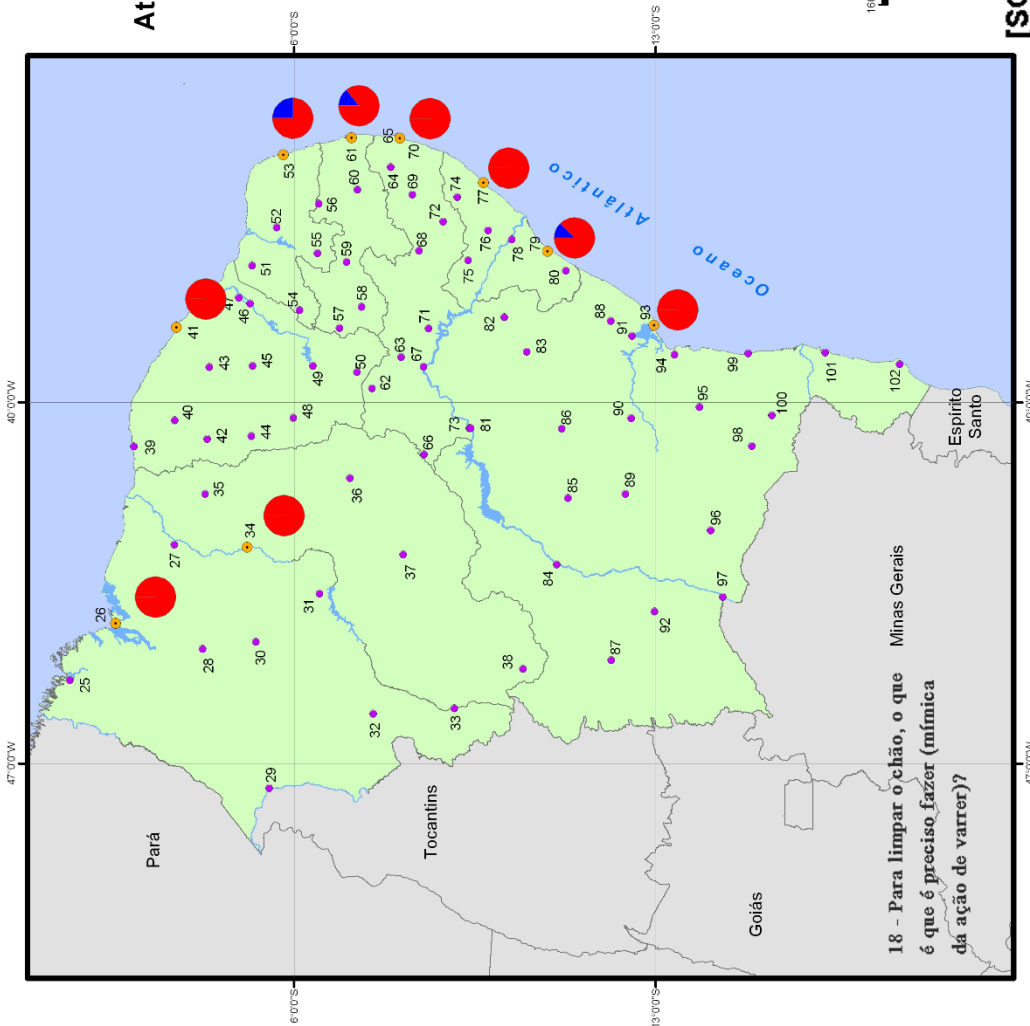
Essas variações apontam para diferenças regionais e históricas, ao mesmo tempo que preservam a funcionalidade semântica do verbo.

A alternância de [b] e [v] é particularmente relevante no estudo das respostas à questão 18. A análise dos dados coletados pelo ALiB nas capitais nordestinas revela padrões específicos de uso das formas [v]arrer e [b]arrer, que serão explorados adiante. Esses dados ajudam a compreender não apenas a influência de fatores linguísticos internos, mas também os impactos sociais, regionais e históricos que moldam o português brasileiro.

Assim se estabelece o contexto necessário para interpretar os resultados apresentados nos dados subsequentes, proporcionando uma visão mais ampla sobre a dinâmica da variação linguística nas diferentes regiões do Nordeste brasileiro.

As cartas linguísticas 2, 2a, 2b e 2c ilustram os dados apresentados:

Carta 2 - Varrer



18 - Para limpar o chão, o que é que precisa fazer (mímica da ação de varrer)?



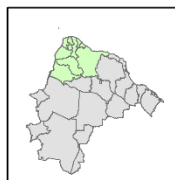
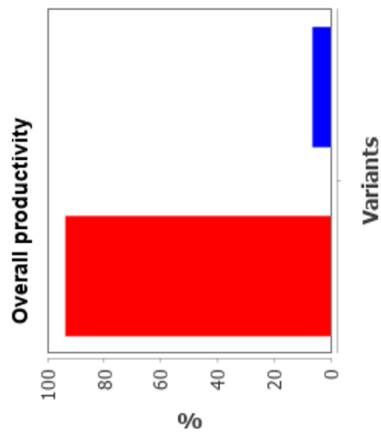
Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Nome do Ponto	Coordenadas	Altitude (m)	População	Distância (km)	Observações
01	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
02	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
03	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
04	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
05	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
06	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
07	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
08	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
09	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
10	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
11	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
12	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
13	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
14	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
15	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
16	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
17	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
18	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
19	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
20	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
21	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
22	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
23	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
24	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
25	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
26	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
27	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
28	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
29	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
30	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
31	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
32	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
33	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
34	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
35	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
36	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
37	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
38	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
39	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
40	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
41	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
42	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
43	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
44	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
45	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
46	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
47	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
48	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
49	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
50	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
51	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
52	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
53	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
54	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
55	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
56	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
57	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
58	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
59	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
60	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
61	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
62	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
63	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
64	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
65	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
66	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
67	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
68	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
69	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
70	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
71	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
72	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
73	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
74	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
75	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
76	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
77	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
78	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
79	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
80	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
81	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
82	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
83	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
84	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
85	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
86	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
87	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
88	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
89	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
90	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
91	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
92	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
93	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
94	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
95	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
96	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
97	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
98	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
99	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
100	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
101	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	
102	10° 45' S, 48° 15' W	100	100	100	

Label

[v]arrer

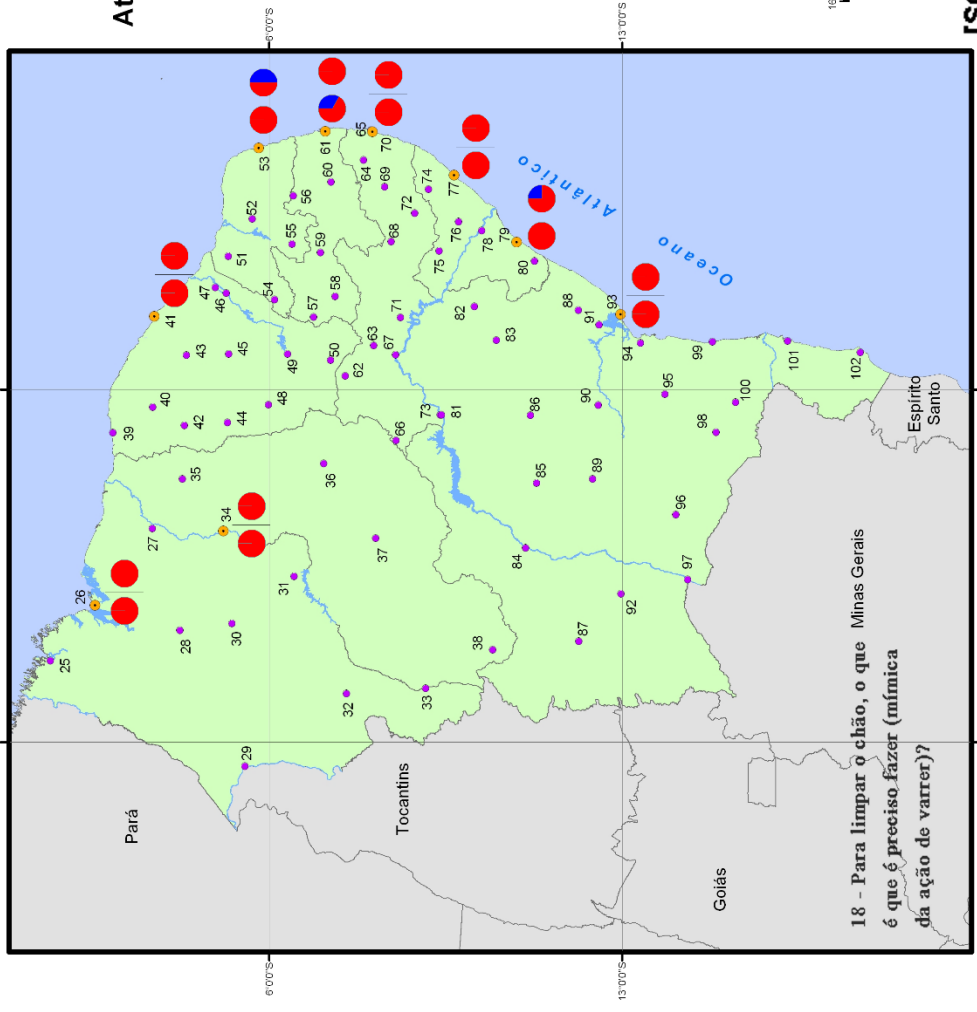
[b]arrer



GC/SAD 69
Carta Base - Fonte: DCIM v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 2a - Varrer (sexo)



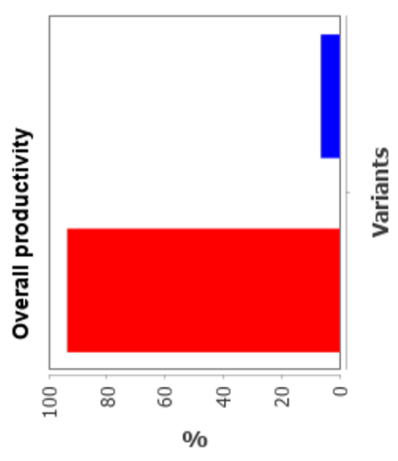
18 - Para limpar o chão, o que Minas Gerais é que é preciso fazer (mífnica da ação de varrer)?

Label

- [v]arrer
- [b]arrer

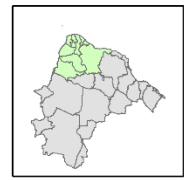
- ①
- ②

1: Feminino
2: Masculino



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

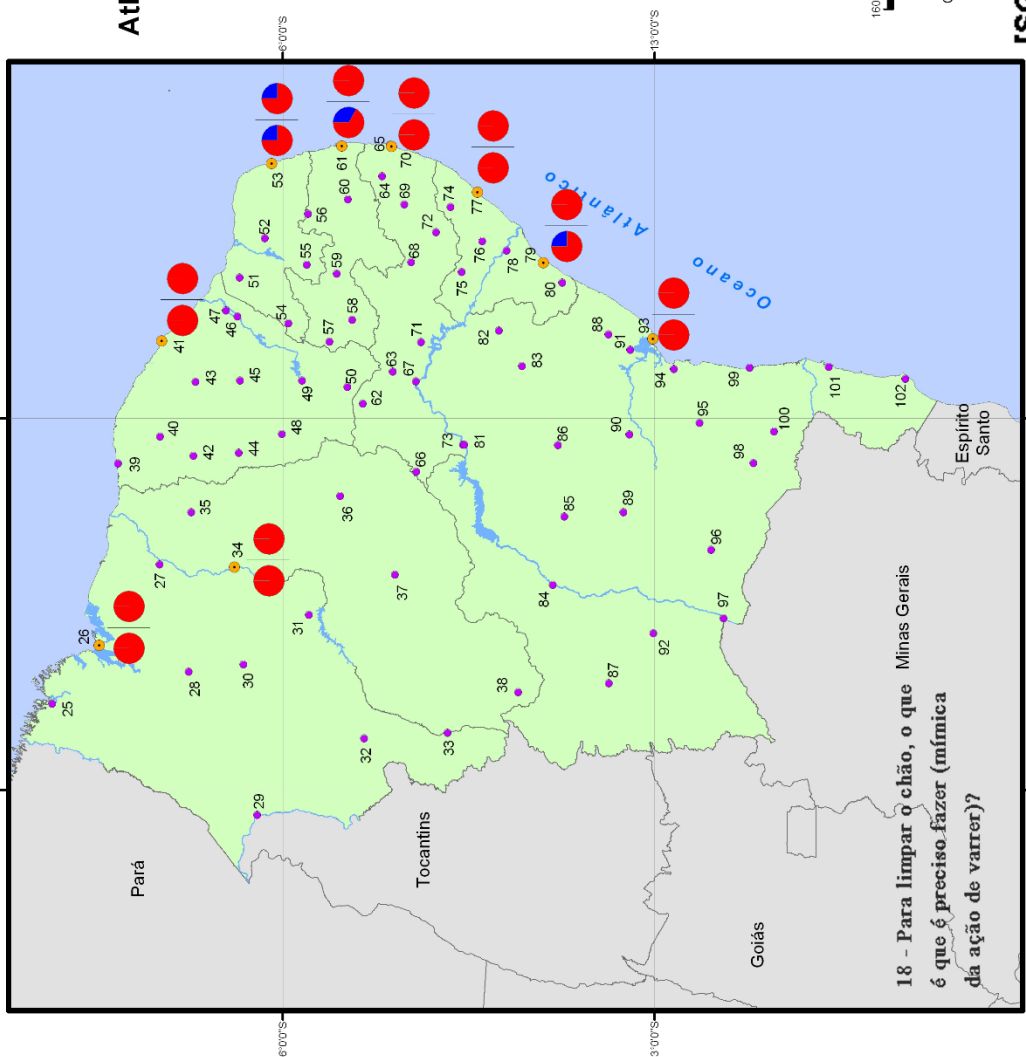
Município	UF	Coordenadas
26. Arapiraca	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
27. Arapuaçu	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
28. Atalaia	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
29. Barro Alto	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
30. Bonifácio	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
31. Brumadinho	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
32. Caldeirão	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
33. Camoanga	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
34. Cariraí	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
35. Casa Branca	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
36. Coqueiros	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
37. Coruripe	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
38. Coruripe	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
39. Cuiabá	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
40. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
41. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
42. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
43. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
44. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
45. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
46. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
47. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
48. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
49. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
50. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
51. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
52. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
53. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
54. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
55. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
56. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
57. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
58. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
59. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
60. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
61. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
62. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
63. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
64. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
65. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
66. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
67. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
68. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
69. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
70. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
71. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
72. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
73. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
74. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
75. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
76. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
77. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
78. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
79. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
80. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
81. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
82. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
83. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
84. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
85. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
86. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
87. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
88. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
89. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
90. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
91. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
92. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
93. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
94. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
95. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
96. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
97. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
98. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
99. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
100. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
101. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W
102. D. Elzeir	AL	10°55'00"S 36°50'00"W



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: bC/MD v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 2c - Varrer (escolaridade)

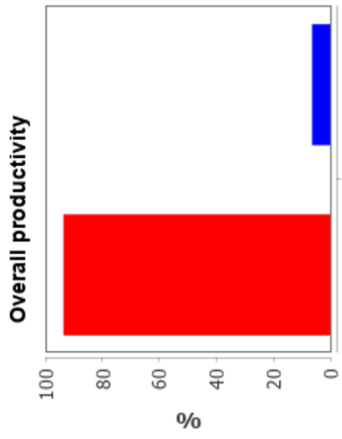


18 - Para limpar o chão, o que Minas Gerais é que é preciso fazer (mímica da ação de varrer)?

Label
■ [v]arrer
■ [b]arrer

Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Estado	Coordenadas
25	Pará
26	Pará
27	Pará
28	Pará
29	Pará
30	Pará
31	Pará
32	Pará
33	Pará
34	Pará
35	Pará
36	Pará
37	Pará
38	Pará
39	Pará
40	Pará
41	Pará
42	Pará
43	Pará
44	Pará
45	Pará
46	Pará
47	Pará
48	Pará
49	Pará
50	Pará
51	Pará
52	Pará
53	Pará
54	Pará
55	Pará
56	Pará
57	Pará
58	Pará
59	Pará
60	Pará
61	Pará
62	Pará
63	Pará
64	Pará
65	Pará
66	Pará
67	Pará
68	Pará
69	Pará
70	Pará
71	Pará
72	Pará
73	Pará
74	Pará
75	Pará
76	Pará
77	Pará
78	Pará
79	Pará
80	Pará
81	Pará
82	Pará
83	Pará
84	Pará
85	Pará
86	Pará
87	Pará
88	Pará
89	Pará
90	Pará
91	Pará
92	Pará
93	Pará
94	Pará
95	Pará
96	Pará
97	Pará
98	Pará
99	Pará
100	Pará
101	Pará
102	Pará



1: Ensino Fundamental Completo
 2: Ensino Superior Completo

CCS S.A.D. 69
 Carta Base - Fonte: bCIMO v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

De acordo com os dados gerais, [v]arrer foi registrado em 93,65% das respostas, enquanto [b]arrer apareceu em 6,35% dos casos. Essa predominância de [v]arrer reflete uma norma consolidada nas capitais estudadas, com pequenas resistências pontuais à adoção da oclusiva. Capitais como São Luís, Teresina, Fortaleza, Recife, Maceió e Salvador registraram 100% de uso de fricativa [v]arrer, indicando uniformidade linguística nessas regiões. Já em Natal, João Pessoa e Aracaju, houve presença residual da oclusiva [b]arrer, com frequências de 25%, 14,29% e 12,50%, respectivamente.

Quando cotejado os dados registrados considerando os critérios de idade, sexo, escolaridade e panorama geral do fenômeno do fenômeno nas capitais nordestinas apresenta-se desta forma:

(i) Para o fator sexo, novamente as informantes apresentam 100% da variante de prestígio - [v]arrer, enquanto os homens registram 80,56% para a variante [v]arrer, enquanto 19,44% optaram por [b]arrer. Replica-se, para esta questão a possibilidade de as mulheres terem a preferência da variante de maior prestígio. Essa discrepância nos índices entre homens e mulheres pode indicar uma maior adesão delas às normas linguísticas percebidas como mais prestigiadas, enquanto os homens mantêm um uso mais diversificado.

(ii) Quanto à idade, a faixa etária entre 18 a 30 anos, [v]arrer foi usado em 88,89% das respostas, enquanto [b]arrer apareceu em 11,11%. Dos informantes de 50 a 65 anos, a frequência de [v]arrer aumenta para 91,67%, com [b]arrer diminuindo para 8,33%. Esses dados sugerem que a alternância é mais presente entre gerações mais jovens, embora a diferença seja sutil.

(iii) Quanto à escolaridade, os informantes com ensino fundamental utilizaram a forma [v]arrer em 86,11%, e [b]arrer em 13,89%. Já os com ensino superior, a frequência de [v]arrer aumenta para 94,44%, enquanto [b]arrer reduz para 5,56%. A correlação entre nível educacional e uso da variante de prestígio [v]arrer pode refletir a influência de normas linguísticas formais no ensino.

Da mesma forma que a questão apresentada anteriormente, a predominância da fricativa pode ser atribuída ao prestígio linguístico. A variante [v]arrer é associado a normas formais e ao português padrão. Pelos dados apresentados, o uso da fricativa fenômeno é amplamente consolidado, com resistências pontuais e oferecem ricas oportunidades para explorar a dinâmica sociolinguística do português brasileiro. Esses

resultados contribuem para um entendimento mais profundo das interações entre norma, identidade e variação linguística em contextos regionais.

4.3 Assobio/assobiar (Questão 49 – QFF)

- Na questão 149 do questionário fonético-fonológico, pergunta-se “Como se chama isso?” e o pesquisador assobia. Biolada (2015) em sua iniciação científica analisou essa questão em 25 capitais brasileiras. Um dos resultados a que a autora chegou é o da preponderância da pronúncia com a oclusiva “assobio” entre as mulheres, enquanto “assovio” seria a preferida por homens. O argumento utilizado por Biolada para justificar essa diferença foi o de que mulheres tendem a preferir variantes de prestígio (Paiva, 2004) e “assobiar” vem de “ad sibilare” — a manutenção da oclusiva seria essa causa. Os resultados a que ela chegou, no entanto, não são expressivos para se explicar por prestígio.

Assobiar vem do latim *adsībilō*, de *ad-* + *sībilō*, de *sībilus* /'si:.bi.lus/, [*'si:.bi.lus*] A data de atestação sugere que *sibilare* é mais antigo que *sibilus*. Provavelmente de origem onomatopaica. O latim *subulō*, de **soi-* poderia apontar para **si-* e **soi-*. Watmough (1997) é insistente que *subulo* foi empréstimo do etrusco, mas o significado original de sua fonte, o gentilício *suplu*, é desconhecido.

O nome dado ao som agudo que o ser humano produz foi, sem dúvidas, a *lexia* que mais apresentou variação. Dum total de sessenta e nove respostas, trinta e uma foram dadas com [b] e trinta e oito com [v]. Diferentemente das ocorrências registradas nas quatro palavras acima (*vaso*, *varrer*, *travesseiro* e *sovaco*), em que a fricativa [v] predominou, foi a oclusiva [b] que predominou (55,1% de [b] contra 44,9% de [v]).

- [aso'viw], oito ocorrências no total, sendo uma em São Luís, uma em Fortaleza, uma em Natal, uma no Recife, duas em Maceió, uma em Aracaju e uma em Salvador.
- [su'viu], uma ocorrência, em São Luís
- [asu'viu], seis ocorrências no total, sendo três em Teresina, uma em São Luís, uma em Aracaju e uma em João Pessoa

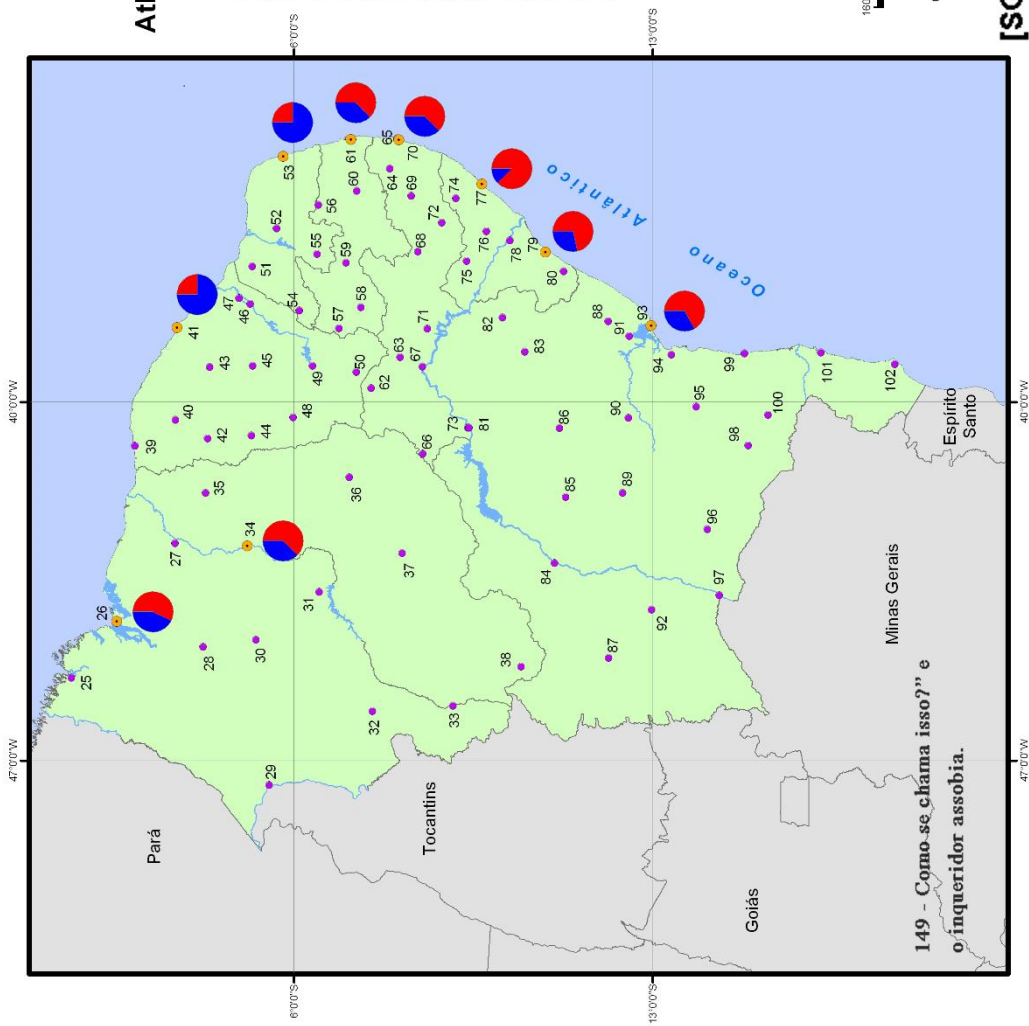
- [asu'viw] com sete ocorrências, sendo três no Recife, duas em Salvador, uma em Maceió e uma em São Luís
- [su'vejʊ] com duas ocorrências, sendo uma em Teresina e uma em Maceió
- [asovi'a] com uma ocorrência, em Teresina
- [asuvi'a] com uma ocorrência, em Fortaleza
- [su'viw] com duas ocorrências no total, uma em Natal e uma em Aracaju
- a... [so'viʊ], uma ocorrência, em João Pessoa
- [aso'viʊ] com três ocorrências, uma em Aracaju, uma no Recife e uma em João Pessoa
- [asu'vju], uma ocorrência, em Maceió
- [asu'vejʊ] com duas ocorrências, em Aracaju

Apesar de haver prevalência de [b] em assobio/assovio, não há hegemonia dessa forma. Essas formas concorrentes são tão equilibradas, que dois falantes mostraram variação idioletal: em Teresina, o mesmo falante apresentou [asovi'a], [sobi'ah].

No Recife, o mesmo falante preferiu [asu'biw] e, logo em seguida, [asu'viw]. O falante recifense ainda adicionou um comentário sobre sua resposta que ilustra o quão balanceado é o uso das duas formas: ele disse “Agora, até me pegou...” Percebe-se que o falante tem noção de que existem as duas formas e hesita, tentando escolher a que ele pensa ser a mais adequada.

Provavelmente o falante não sabia que obras consagradas como Houaiss (2001) já aceitam as duas formas, registrando que a primeira ocorrência de “assobiar” é de 1647, enquanto a de “assoviar” é do século XIV. Curioso é notar que, etimologicamente, ainda segundo o dicionário, assobiar e assoviar são formas oriundas do latim *ad sibilo*. Era de se esperar que a forma mais antiga fosse a com , mas não foi isso que ocorreu. Abaixo seguem as cartas linguística 3, 3a, 3b e 3c com os dados catalogados:

Carta 3 - Assobio, assobiar

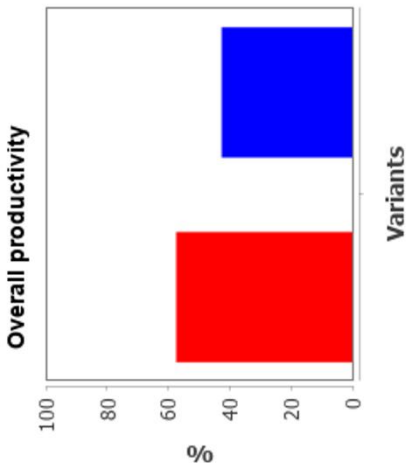


Label

- asso[v]io, asso[v]iar
- asso[b]io, asso[b]iar

**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

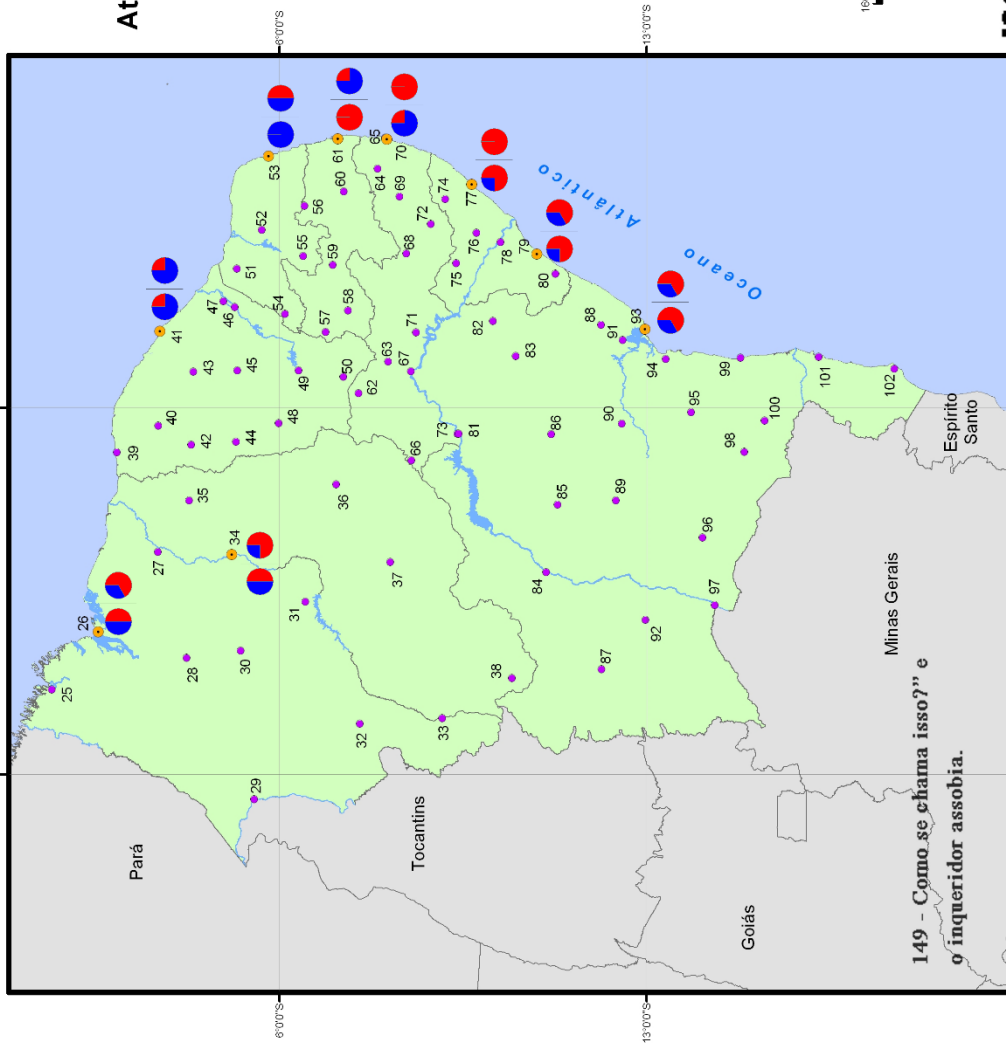
UF	Município	Número
PA	Altamira	01
PA	Belém	02
PA	Marabá	03
PA	Pará de Góes	04
PA	Parauapebas	05
PA	Parauapebas	06
PA	Parauapebas	07
PA	Parauapebas	08
PA	Parauapebas	09
PA	Parauapebas	10
PA	Parauapebas	11
PA	Parauapebas	12
PA	Parauapebas	13
PA	Parauapebas	14
PA	Parauapebas	15
PA	Parauapebas	16
PA	Parauapebas	17
PA	Parauapebas	18
PA	Parauapebas	19
PA	Parauapebas	20
PA	Parauapebas	21
PA	Parauapebas	22
PA	Parauapebas	23
PA	Parauapebas	24
PA	Parauapebas	25
PA	Parauapebas	26
PA	Parauapebas	27
PA	Parauapebas	28
PA	Parauapebas	29
PA	Parauapebas	30
PA	Parauapebas	31
PA	Parauapebas	32
PA	Parauapebas	33
PA	Parauapebas	34
PA	Parauapebas	35
PA	Parauapebas	36
PA	Parauapebas	37
PA	Parauapebas	38
PA	Parauapebas	39
PA	Parauapebas	40
PA	Parauapebas	41
PA	Parauapebas	42
PA	Parauapebas	43
PA	Parauapebas	44
PA	Parauapebas	45
PA	Parauapebas	46
PA	Parauapebas	47
PA	Parauapebas	48
PA	Parauapebas	49
PA	Parauapebas	50
PA	Parauapebas	51
PA	Parauapebas	52
PA	Parauapebas	53
PA	Parauapebas	54
PA	Parauapebas	55
PA	Parauapebas	56
PA	Parauapebas	57
PA	Parauapebas	58
PA	Parauapebas	59
PA	Parauapebas	60
PA	Parauapebas	61
PA	Parauapebas	62
PA	Parauapebas	63
PA	Parauapebas	64
PA	Parauapebas	65
PA	Parauapebas	66
PA	Parauapebas	67
PA	Parauapebas	68
PA	Parauapebas	69
PA	Parauapebas	70
PA	Parauapebas	71
PA	Parauapebas	72
PA	Parauapebas	73
PA	Parauapebas	74
PA	Parauapebas	75
PA	Parauapebas	76
PA	Parauapebas	77
PA	Parauapebas	78
PA	Parauapebas	79
PA	Parauapebas	80
PA	Parauapebas	81
PA	Parauapebas	82
PA	Parauapebas	83
PA	Parauapebas	84
PA	Parauapebas	85
PA	Parauapebas	86
PA	Parauapebas	87
PA	Parauapebas	88
PA	Parauapebas	89
PA	Parauapebas	90
PA	Parauapebas	91
PA	Parauapebas	92
PA	Parauapebas	93
PA	Parauapebas	94
PA	Parauapebas	95
PA	Parauapebas	96
PA	Parauapebas	97
PA	Parauapebas	98
PA	Parauapebas	99
PA	Parauapebas	100
PA	Parauapebas	101
PA	Parauapebas	102



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: bCIMA v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 3a - Assobio/assobiar (sexo)



149 - Como se chama isso? e o inqueridor assobia.



Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE

Município	UF	IBGE
1	Alagoas	2701001
2	Alagoas	2701002
3	Alagoas	2701003
4	Alagoas	2701004
5	Alagoas	2701005
6	Alagoas	2701006
7	Alagoas	2701007
8	Alagoas	2701008
9	Alagoas	2701009
10	Alagoas	2701010
11	Alagoas	2701011
12	Alagoas	2701012
13	Alagoas	2701013
14	Alagoas	2701014
15	Alagoas	2701015
16	Alagoas	2701016
17	Alagoas	2701017
18	Alagoas	2701018
19	Alagoas	2701019
20	Alagoas	2701020
21	Alagoas	2701021
22	Alagoas	2701022
23	Alagoas	2701023
24	Alagoas	2701024
25	Alagoas	2701025
26	Alagoas	2701026
27	Alagoas	2701027
28	Alagoas	2701028
29	Alagoas	2701029
30	Alagoas	2701030
31	Alagoas	2701031
32	Alagoas	2701032
33	Alagoas	2701033
34	Alagoas	2701034
35	Alagoas	2701035
36	Alagoas	2701036
37	Alagoas	2701037
38	Alagoas	2701038
39	Alagoas	2701039
40	Alagoas	2701040
41	Alagoas	2701041
42	Alagoas	2701042
43	Alagoas	2701043
44	Alagoas	2701044
45	Alagoas	2701045
46	Alagoas	2701046
47	Alagoas	2701047
48	Alagoas	2701048
49	Alagoas	2701049
50	Alagoas	2701050
51	Alagoas	2701051
52	Alagoas	2701052
53	Alagoas	2701053
54	Alagoas	2701054
55	Alagoas	2701055
56	Alagoas	2701056
57	Alagoas	2701057
58	Alagoas	2701058
59	Alagoas	2701059
60	Alagoas	2701060
61	Alagoas	2701061
62	Alagoas	2701062
63	Alagoas	2701063
64	Alagoas	2701064
65	Alagoas	2701065
66	Alagoas	2701066
67	Alagoas	2701067
68	Alagoas	2701068
69	Alagoas	2701069
70	Alagoas	2701070
71	Alagoas	2701071
72	Alagoas	2701072
73	Alagoas	2701073
74	Alagoas	2701074
75	Alagoas	2701075
76	Alagoas	2701076
77	Alagoas	2701077
78	Alagoas	2701078
79	Alagoas	2701079
80	Alagoas	2701080
81	Alagoas	2701081
82	Alagoas	2701082
83	Alagoas	2701083
84	Alagoas	2701084
85	Alagoas	2701085
86	Alagoas	2701086
87	Alagoas	2701087
88	Alagoas	2701088
89	Alagoas	2701089
90	Alagoas	2701090
91	Alagoas	2701091
92	Alagoas	2701092
93	Alagoas	2701093
94	Alagoas	2701094
95	Alagoas	2701095
96	Alagoas	2701096
97	Alagoas	2701097
98	Alagoas	2701098
99	Alagoas	2701099
100	Alagoas	2701100
101	Alagoas	2701101
102	Alagoas	2701102

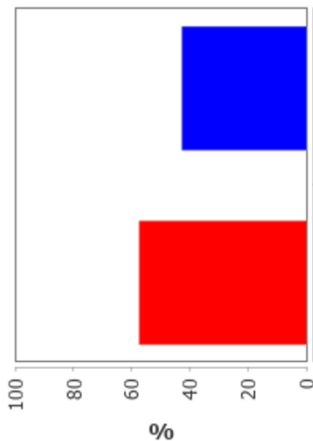
Label

- asso[y]io, asso[y]iar
- asso[b]io, asso[b]iar

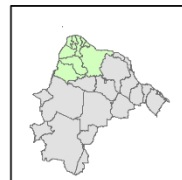
- ①
- ②

- 1: Feminino
- 2: Masculino

Overall productivity



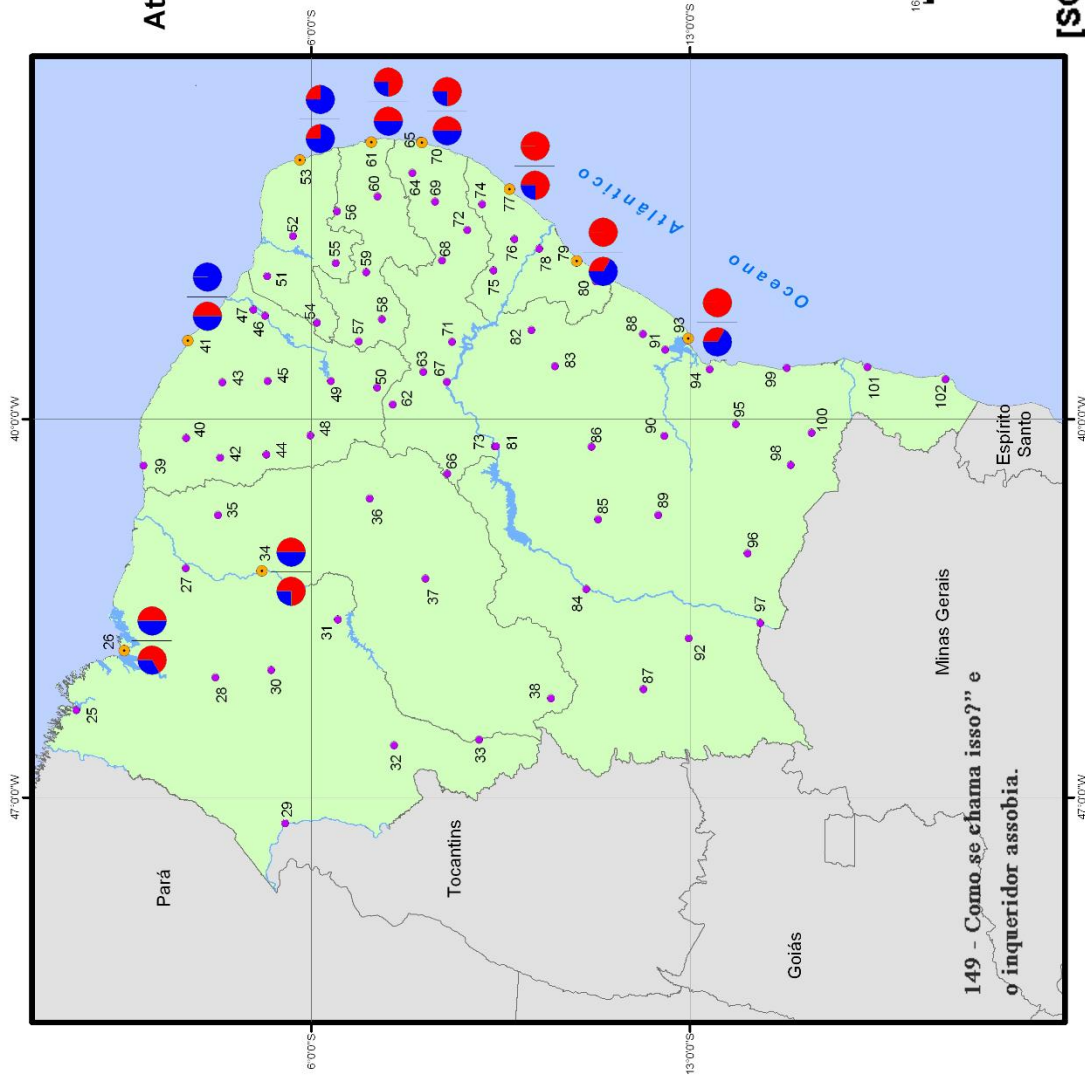
Variants



GCS SAD 89
Carta Base - Fonte: bClim v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 3b - Assobio/assobiar (idade)



Label

■ **asso[ɣ]io, asso[ɣ]iar**

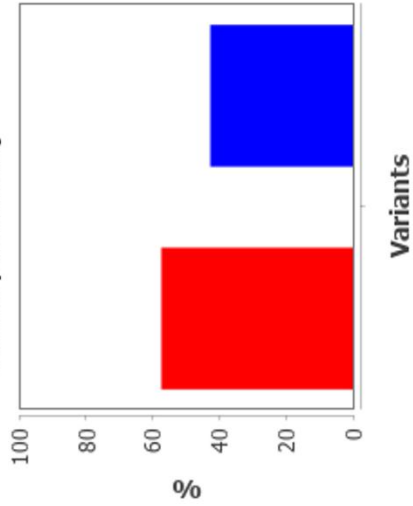
■ **asso[b]io, asso[b]iar**

① ②

1: 18 a 30 anos

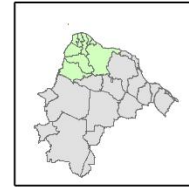
2: 50 a 65 anos

Overall productivity



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

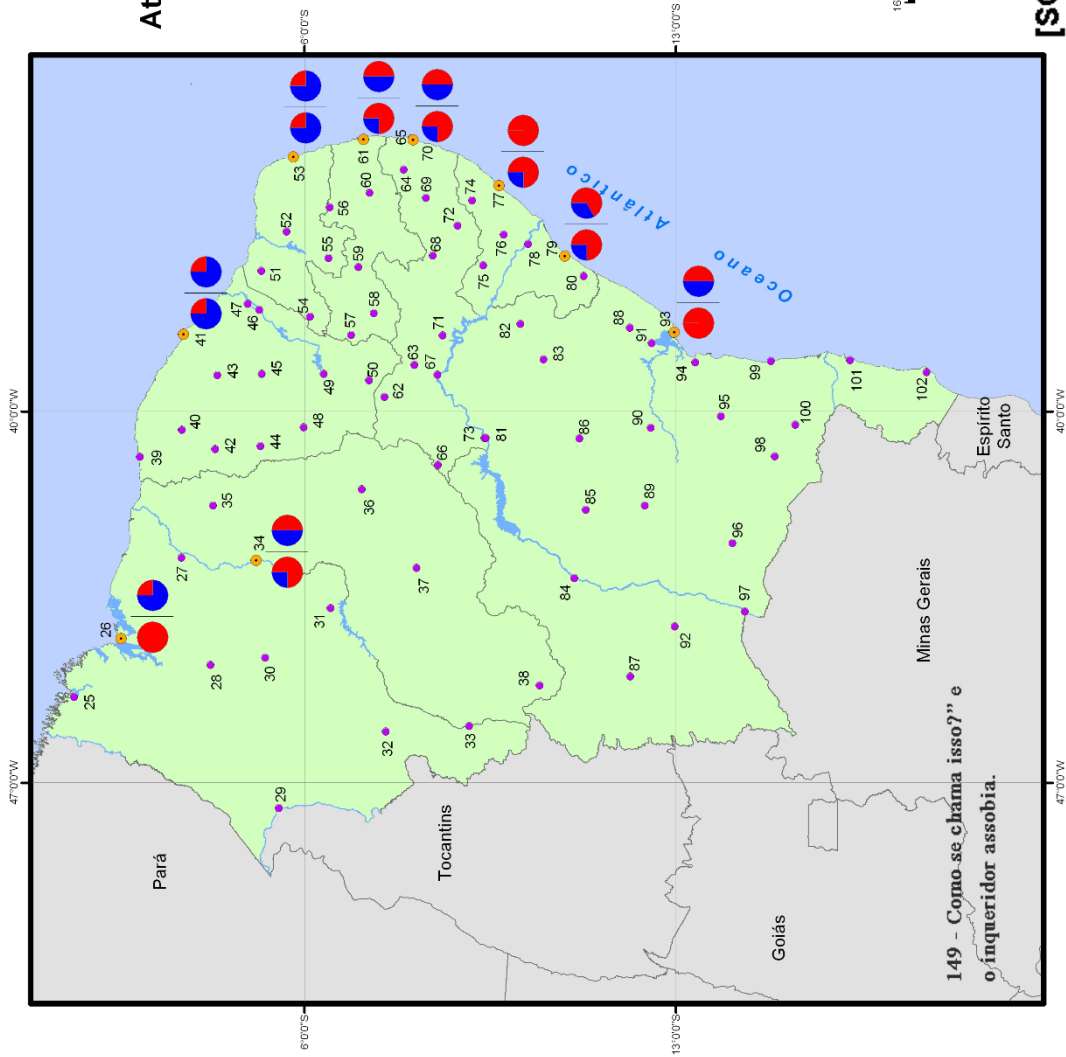
Município	Idade
25	Itapicuru
26	Itapicuru
27	Itapicuru
28	Itapicuru
29	Itapicuru
30	Itapicuru
31	Itapicuru
32	Itapicuru
33	Itapicuru
34	Itapicuru
35	Itapicuru
36	Itapicuru
37	Itapicuru
38	Itapicuru
39	Itapicuru
40	Itapicuru
41	Itapicuru
42	Itapicuru
43	Itapicuru
44	Itapicuru
45	Itapicuru
46	Itapicuru
47	Itapicuru
48	Itapicuru
49	Itapicuru
50	Itapicuru
51	Itapicuru
52	Itapicuru
53	Itapicuru
54	Itapicuru
55	Itapicuru
56	Itapicuru
57	Itapicuru
58	Itapicuru
59	Itapicuru
60	Itapicuru
61	Itapicuru
62	Itapicuru
63	Itapicuru
64	Itapicuru
65	Itapicuru
66	Itapicuru
67	Itapicuru
68	Itapicuru
69	Itapicuru
70	Itapicuru
71	Itapicuru
72	Itapicuru
73	Itapicuru
74	Itapicuru
75	Itapicuru
76	Itapicuru
77	Itapicuru
78	Itapicuru
79	Itapicuru
80	Itapicuru
81	Itapicuru
82	Itapicuru
83	Itapicuru
84	Itapicuru
85	Itapicuru
86	Itapicuru
87	Itapicuru
88	Itapicuru
89	Itapicuru
90	Itapicuru
91	Itapicuru
92	Itapicuru
93	Itapicuru
94	Itapicuru
95	Itapicuru
96	Itapicuru
97	Itapicuru
98	Itapicuru
99	Itapicuru
100	Itapicuru
101	Itapicuru
102	Itapicuru



CCS SAD 69
Carta Base - Fonte: bCiml v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLIN]® - 2015

Carta 3c - Assobio, assobiar (escolaridade)



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

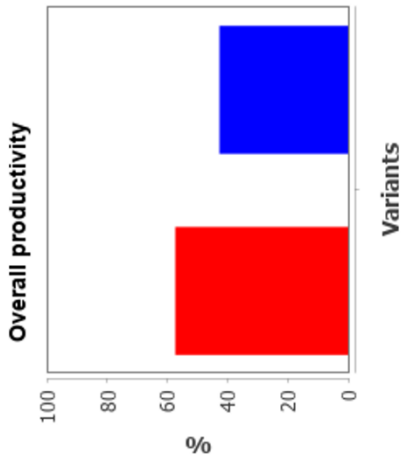
Município	UF	Coordenadas
1	Alagoas	10.000000
2	Alagoas	10.000000
3	Alagoas	10.000000
4	Alagoas	10.000000
5	Alagoas	10.000000
6	Alagoas	10.000000
7	Alagoas	10.000000
8	Alagoas	10.000000
9	Alagoas	10.000000
10	Alagoas	10.000000
11	Alagoas	10.000000
12	Alagoas	10.000000
13	Alagoas	10.000000
14	Alagoas	10.000000
15	Alagoas	10.000000
16	Alagoas	10.000000
17	Alagoas	10.000000
18	Alagoas	10.000000
19	Alagoas	10.000000
20	Alagoas	10.000000
21	Alagoas	10.000000
22	Alagoas	10.000000
23	Alagoas	10.000000
24	Alagoas	10.000000
25	Alagoas	10.000000
26	Alagoas	10.000000
27	Alagoas	10.000000
28	Alagoas	10.000000
29	Alagoas	10.000000
30	Alagoas	10.000000
31	Alagoas	10.000000
32	Alagoas	10.000000
33	Alagoas	10.000000
34	Alagoas	10.000000
35	Alagoas	10.000000
36	Alagoas	10.000000
37	Alagoas	10.000000
38	Alagoas	10.000000
39	Alagoas	10.000000
40	Alagoas	10.000000
41	Alagoas	10.000000
42	Alagoas	10.000000
43	Alagoas	10.000000
44	Alagoas	10.000000
45	Alagoas	10.000000
46	Alagoas	10.000000
47	Alagoas	10.000000
48	Alagoas	10.000000
49	Alagoas	10.000000
50	Alagoas	10.000000
51	Alagoas	10.000000
52	Alagoas	10.000000
53	Alagoas	10.000000
54	Alagoas	10.000000
55	Alagoas	10.000000
56	Alagoas	10.000000
57	Alagoas	10.000000
58	Alagoas	10.000000
59	Alagoas	10.000000
60	Alagoas	10.000000
61	Alagoas	10.000000
62	Alagoas	10.000000
63	Alagoas	10.000000
64	Alagoas	10.000000
65	Alagoas	10.000000
66	Alagoas	10.000000
67	Alagoas	10.000000
68	Alagoas	10.000000
69	Alagoas	10.000000
70	Alagoas	10.000000
71	Alagoas	10.000000
72	Alagoas	10.000000
73	Alagoas	10.000000
74	Alagoas	10.000000
75	Alagoas	10.000000
76	Alagoas	10.000000
77	Alagoas	10.000000
78	Alagoas	10.000000
79	Alagoas	10.000000
80	Alagoas	10.000000
81	Alagoas	10.000000
82	Alagoas	10.000000
83	Alagoas	10.000000
84	Alagoas	10.000000
85	Alagoas	10.000000
86	Alagoas	10.000000
87	Alagoas	10.000000
88	Alagoas	10.000000
89	Alagoas	10.000000
90	Alagoas	10.000000
91	Alagoas	10.000000
92	Alagoas	10.000000
93	Alagoas	10.000000
94	Alagoas	10.000000
95	Alagoas	10.000000
96	Alagoas	10.000000
97	Alagoas	10.000000
98	Alagoas	10.000000
99	Alagoas	10.000000
100	Alagoas	10.000000
101	Alagoas	10.000000
102	Alagoas	10.000000

Label

- **asso[v]io, asso[v]iar**
- **asso[b]io, asso[b]iar**

① ②

1: Ensino Fundamental Completo
2: Ensino Superior Completo



149 - Como se chama isso? e o inqueridor assobia.

GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: IBGE v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

A análise dos dados da questão "Como se chama isso?" evidencia um equilíbrio marcante entre as formas "asso[v]io" e "asso[b]io" nas capitais do Nordeste brasileiro. Este fenômeno, caracterizado pela alternância entre os sons [v] e [b], é particularmente relevante para entender a dinâmica sociolinguística do português brasileiro e reflete tanto variações regionais quanto influências sociais e históricas.

No total, "asso[v]io" aparece em 57,35% das ocorrências, enquanto "asso[b]io" representa 42,65% dos dados coletados. Este equilíbrio, embora com uma leve predominância da variante com [v], sugere que ambas as formas têm relevância significativa no uso linguístico regional. A distribuição relativamente uniforme aponta para a coexistência das variantes em diversos contextos e capitais do Nordeste brasileiro, indicando padrões sociolinguísticos estabilizados que favorecem a manutenção de ambas as formas [230].

Os resultados por capitais mostram contrastes significativos. Em Fortaleza e Natal, a variante "asso[b]io" predomina amplamente, com 75% das respostas. Esse padrão reflete uma resistência local à alternância do [b] e do [v], possivelmente associada a fatores históricos ou culturais específicos.

Em Maceió, a situação se inverte, com "asso[v]io" sendo usado em 87,5% das respostas, o maior índice para esta forma. Isso pode indicar uma maior aceitação dessa intercambialidade ou uma norma regional consolidada em favor do uso de [v]. Capitais como São Luís e Salvador apresentam uma divisão mais equilibrada, com uma leve predominância de "asso[v]io" (57,14% e 66,67%, respectivamente) [226].

Os dados revelam uma leve diferença entre homens e mulheres. Entre os homens, 63,64% optaram por "asso[v]io" e 36,36% por "asso[b]io". Entre as mulheres, as variantes estão quase igualmente distribuídas, com 51,43% para "asso[v]io" e 48,57% para "asso[b]io" [229]. Essa diferença sugere que os homens podem estar mais inclinados a adotar a variante [v], enquanto as mulheres apresentam maior equilíbrio entre as formas. Essa tendência pode estar associada à percepção de normas linguísticas padronizadas ou à identidade sociolinguística específica de cada sexo.

A variação etária aponta para diferenças significativas: (i) na faixa de 18 a 30 anos, a distribuição é quase equilibrada, com "asso[v]io" registrado em 51,52% das respostas e "asso[b]io" em 48,48%; (ii) na faixa de 50 a 65 anos, observa-se uma

maior preferência por "asso[v]io", que aparece em 62,86%, enquanto "asso[b]io" diminui para 37,14% [228].

Esses dados sugerem que a forma com [v] está se consolidando entre as gerações mais velhas, enquanto os jovens mantêm uma coexistência mais evidente entre as variantes. Essa diferença pode ser reflexo de mudanças linguísticas em andamento ou da influência de normas padrão em gerações mais jovens.

O nível educacional dos participantes também revela padrões contrastantes. Entre aqueles com ensino fundamental completo, "asso[v]io" foi registrado em 66,67% das respostas, enquanto "asso[b]io" aparece em 33,33%. Para falantes com ensino superior completo, a diferença é muito menor, com "asso[b]io" sendo usado em 51,43% das vezes e "asso[v]io" em 48,57% [227]. Esse padrão sugere que a variante com [b] pode estar associada a contextos formais ou à preservação de normas históricas entre indivíduos com maior escolaridade, enquanto a variante com [v] é mais frequente entre aqueles com níveis de instrução mais básicos.

Os dados analisados indicam que a alternância do [b] e do [v] na palavra "assobio" reflete tanto variações regionais quanto dinâmicas sociais e educacionais. O equilíbrio observado entre "asso[v]io" e "asso[b]io" aponta para uma coexistência estável das variantes, com predomínios específicos dependendo de fatores locais, demográficos e educacionais. Capitais como Maceió e Salvador destacam-se como áreas de forte aceitação da alternância, enquanto locais como Fortaleza e Natal mantêm padrões mais conservadores.

Esse equilíbrio ressalta a complexidade e a riqueza do português brasileiro, especialmente no Nordeste, onde fatores históricos e culturais moldam o uso linguístico de maneira única. Estudos futuros podem explorar como esses padrões se correlacionam com outros fenômenos linguísticos e socioculturais, ampliando a compreensão sobre as variações do português em diferentes contextos.

4.4. Vagem (Questão 49 – QSL)

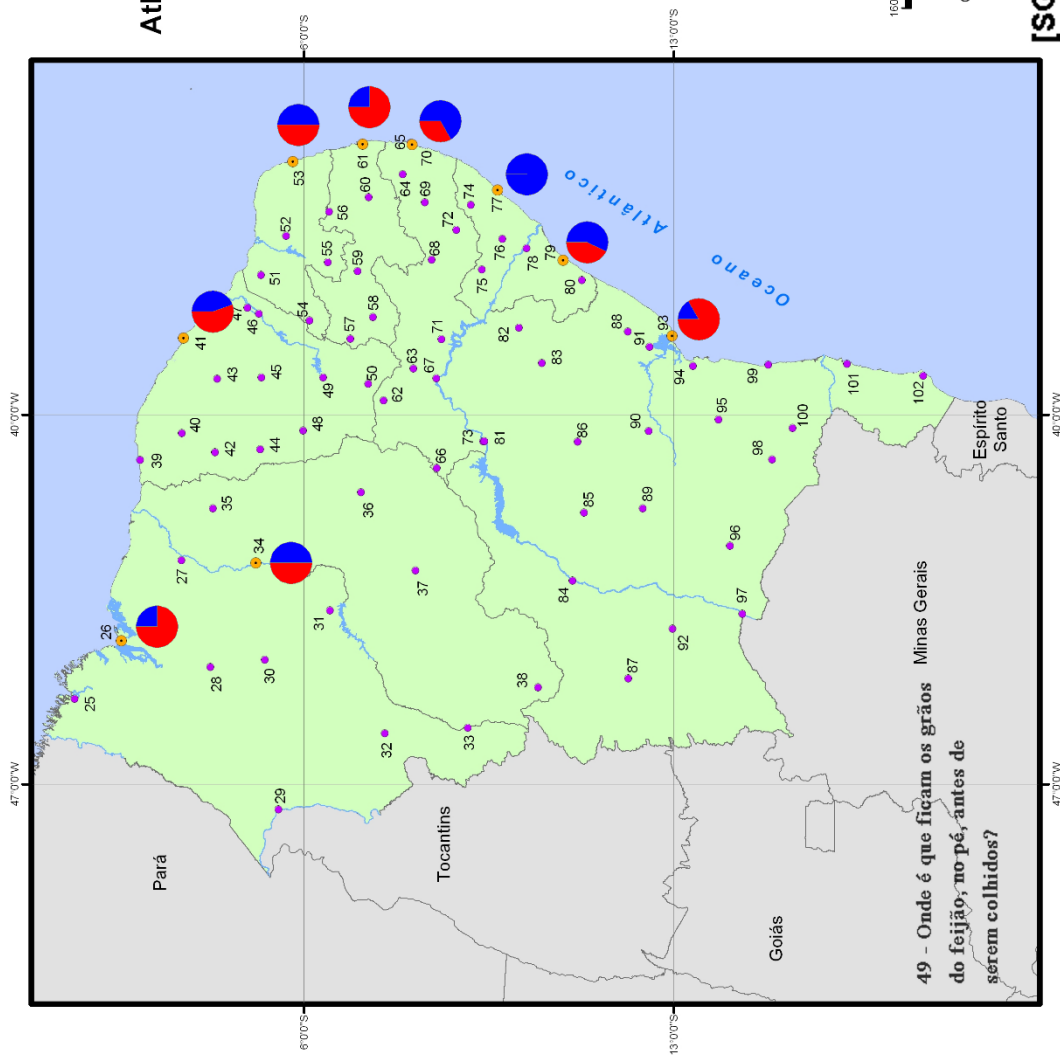
Na questão 049 do questionário semântico-lexical do ALiB, parte "Atividades Agropastoris", pergunta-se: "Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?". A resposta esperada inclui os termos "vagem" e "bainha", que refletem variações lexicais importantes na designação dessa parte do feijão. O foco da análise recai sobre a alternância entre as formas "vagem" e "bagem", relacionadas a esse fenômeno nas capitais do Nordeste brasileiro.

A palavra "vagem" remonta ao latim *vagīna*, que significa "bainha", e compartilha raízes com palavras como *vagina* e *bainha* no português moderno. Segundo Houaiss (2001), "vagem" teria derivado de uma forma popular divergente de *bainha*, resultando nas variantes nasais *vagem/bagem* e nas formas desnasalizadas *vage/bage*. Do proto-itálico *wāg-īnā*, a origem pode estar associada ao protoindo-europeu *wag*. Correspondências em Outras Línguas Românicas: Italiano: *guaina*; Espanhol: *vaina*; Francês: *gaîne*; Provençal: *guaina*. Essas correspondências apontam para uma mudança comum das línguas românicas a partir de *vagīna*, enquanto as formas divergentes observadas no português estão intimamente ligadas à dinâmica da alternância do [b] e do [v] em contextos regionais.

Os dados analisados a seguir examinam a distribuição de "vagem" e "bagem" nas capitais do Nordeste, considerando fatores geográficos, idade, sexo e escolaridade. A variante "vagem" predomina em capitais como São Luís (75%) e Salvador (83,33%), enquanto "bagem" é mais frequente em Maceió (100%) e Recife (66,67%).

Diferenças geracionais são evidentes, com "bagem" sendo mais comum em pessoas de 50 a 65 anos (58,33%), enquanto "vagem" predomina entre jovens de 18 a 30 anos (71,43%). A escolaridade também desempenha um papel importante, com "vagem" sendo amplamente usada por indivíduos com ensino superior completo (76,47%) e "bagem" aparecendo mais frequentemente entre aqueles com ensino fundamental completo (70%).

Carta 4 - Vagem



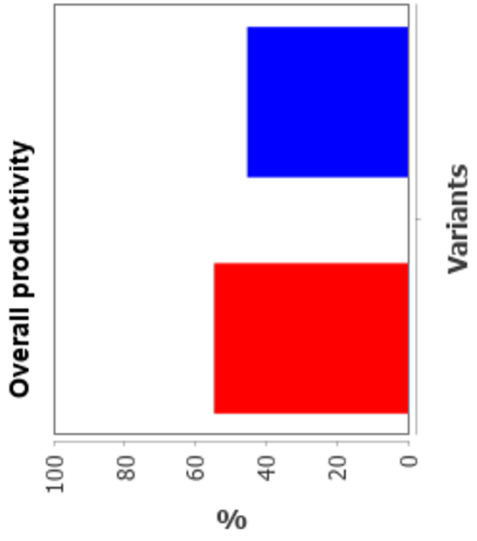
Label

[v]agem ■

[b]agem ■

Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Número	Localidade
25	Belém
26	Marabá
27	Belém
28	Altamira
29	Imbaubim
30	Imbaubim
31	Imbaubim
32	Belém
33	Belém
34	Belém
35	Belém
36	Belém
37	Belém
38	Belém
39	Belém
40	Belém
41	Belém
42	Belém
43	Belém
44	Belém
45	Belém
46	Belém
47	Belém
48	Belém
49	Belém
50	Belém
51	Belém
52	Belém
53	Belém
54	Belém
55	Belém
56	Belém
57	Belém
58	Belém
59	Belém
60	Belém
61	Belém
62	Belém
63	Belém
64	Belém
65	Belém
66	Belém
67	Belém
68	Belém
69	Belém
70	Belém
71	Belém
72	Belém
73	Belém
74	Belém
75	Belém
76	Belém
77	Belém
78	Belém
79	Belém
80	Belém
81	Belém
82	Belém
83	Belém
84	Belém
85	Belém
86	Belém
87	Belém
88	Belém
89	Belém
90	Belém
91	Belém
92	Belém
93	Belém
94	Belém
95	Belém
96	Belém
97	Belém
98	Belém
99	Belém
100	Belém
101	Belém
102	Belém

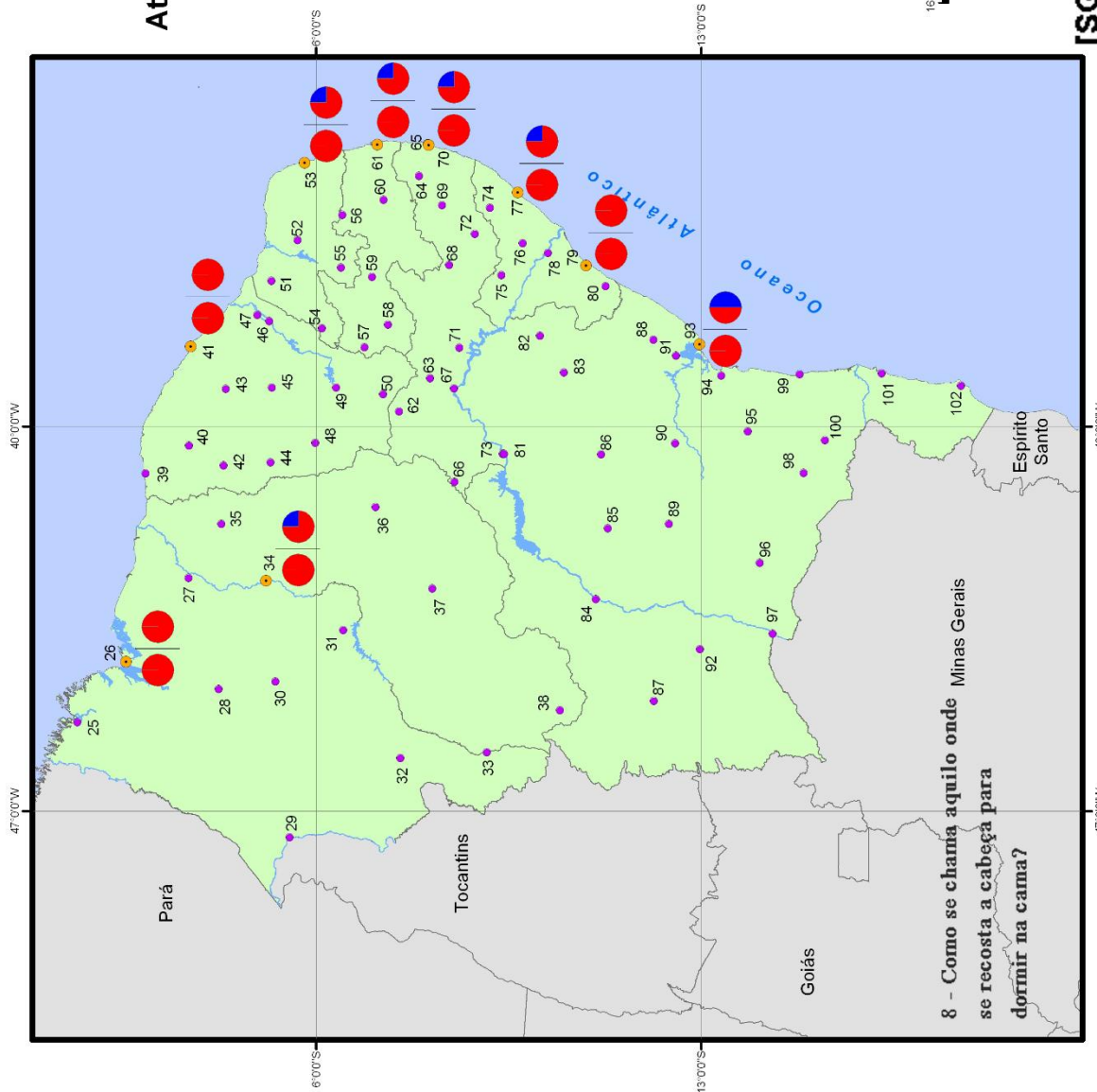


GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: IBGE/IBGE v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

49 - Onde é que ficam os grãos
 do feijão, no pé, antes de
 serem colhidos?

Carta 4a - Vagem (sexo)



Label

tra[y]esseiro

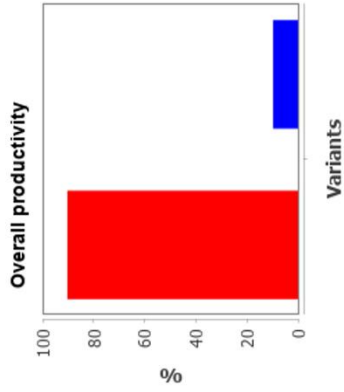
tra[b]esseiro

① ②

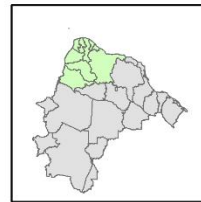
1: Feminino

2: Masculino

Número	Localidade
25	Alto do Rio
26	Alto do Rio
27	Alto do Rio
28	Alto do Rio
29	Alto do Rio
30	Alto do Rio
31	Alto do Rio
32	Alto do Rio
33	Alto do Rio
34	Alto do Rio
35	Alto do Rio
36	Alto do Rio
37	Alto do Rio
38	Alto do Rio
39	Alto do Rio
40	Alto do Rio
41	Alto do Rio
42	Alto do Rio
43	Alto do Rio
44	Alto do Rio
45	Alto do Rio
46	Alto do Rio
47	Alto do Rio
48	Alto do Rio
49	Alto do Rio
50	Alto do Rio
51	Alto do Rio
52	Alto do Rio
53	Alto do Rio
54	Alto do Rio
55	Alto do Rio
56	Alto do Rio
57	Alto do Rio
58	Alto do Rio
59	Alto do Rio
60	Alto do Rio
61	Alto do Rio
62	Alto do Rio
63	Alto do Rio
64	Alto do Rio
65	Alto do Rio
66	Alto do Rio
67	Alto do Rio
68	Alto do Rio
69	Alto do Rio
70	Alto do Rio
71	Alto do Rio
72	Alto do Rio
73	Alto do Rio
74	Alto do Rio
75	Alto do Rio
76	Alto do Rio
77	Alto do Rio
78	Alto do Rio
79	Alto do Rio
80	Alto do Rio
81	Alto do Rio
82	Alto do Rio
83	Alto do Rio
84	Alto do Rio
85	Alto do Rio
86	Alto do Rio
87	Alto do Rio
88	Alto do Rio
89	Alto do Rio
90	Alto do Rio
91	Alto do Rio
92	Alto do Rio
93	Alto do Rio
94	Alto do Rio
95	Alto do Rio
96	Alto do Rio
97	Alto do Rio
98	Alto do Rio
99	Alto do Rio
100	Alto do Rio
101	Alto do Rio
102	Alto do Rio



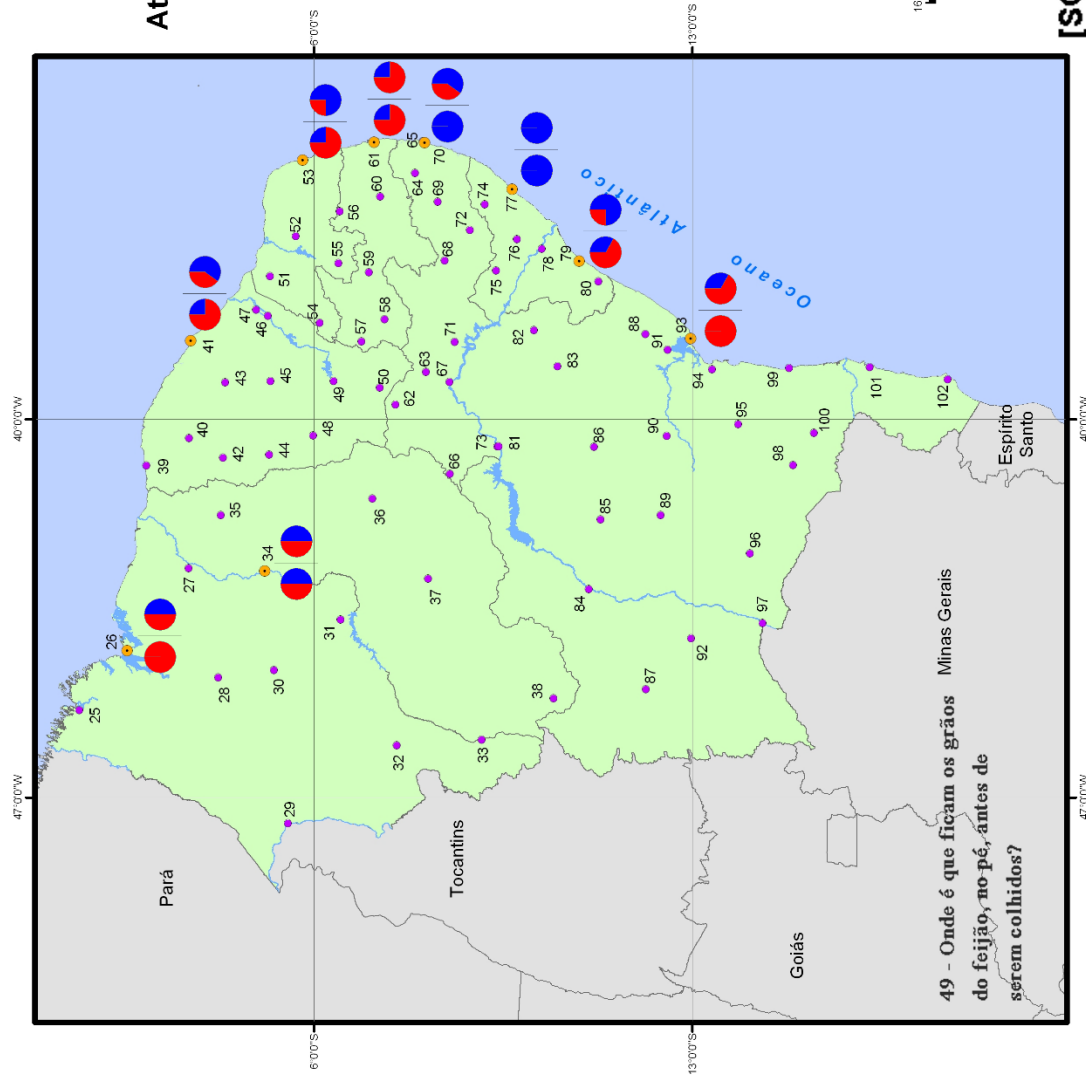
Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: IBGE v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

8 - Como se chama aquilo onde
se recosta a cabeça para
dormir na cama?

Carta 4b - Vagem (idade)



49 - Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?



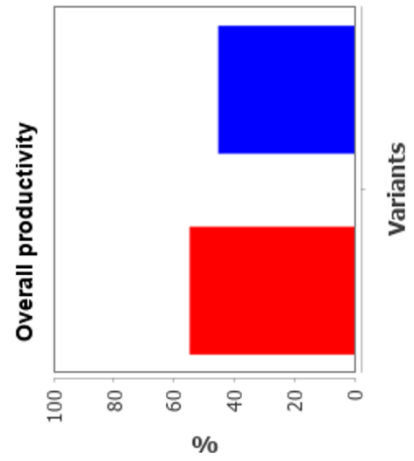
Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE

Município	Estado
14	Alagoas
15	Alagoas
16	Alagoas
17	Alagoas
18	Alagoas
19	Alagoas
20	Alagoas
21	Alagoas
22	Alagoas
23	Alagoas
24	Alagoas
25	Alagoas
26	Alagoas
27	Alagoas
28	Alagoas
29	Alagoas
30	Alagoas
31	Alagoas
32	Alagoas
33	Alagoas
34	Alagoas
35	Alagoas
36	Alagoas
37	Alagoas
38	Alagoas
39	Alagoas
40	Alagoas
41	Alagoas
42	Alagoas
43	Alagoas
44	Alagoas
45	Alagoas
46	Alagoas
47	Alagoas
48	Alagoas
49	Alagoas
50	Alagoas
51	Alagoas
52	Alagoas
53	Alagoas
54	Alagoas
55	Alagoas
56	Alagoas
57	Alagoas
58	Alagoas
59	Alagoas
60	Alagoas
61	Alagoas
62	Alagoas
63	Alagoas
64	Alagoas
65	Alagoas
66	Alagoas
67	Alagoas
68	Alagoas
69	Alagoas
70	Alagoas
71	Alagoas
72	Alagoas
73	Alagoas
74	Alagoas
75	Alagoas
76	Alagoas
77	Alagoas
78	Alagoas
79	Alagoas
80	Alagoas
81	Alagoas
82	Alagoas
83	Alagoas
84	Alagoas
85	Alagoas
86	Alagoas
87	Alagoas
88	Alagoas
89	Alagoas
90	Alagoas
91	Alagoas
92	Alagoas
93	Alagoas
94	Alagoas
95	Alagoas
96	Alagoas
97	Alagoas
98	Alagoas
99	Alagoas
100	Alagoas
101	Alagoas
102	Alagoas

Label

- [v]agem
- [b]agem

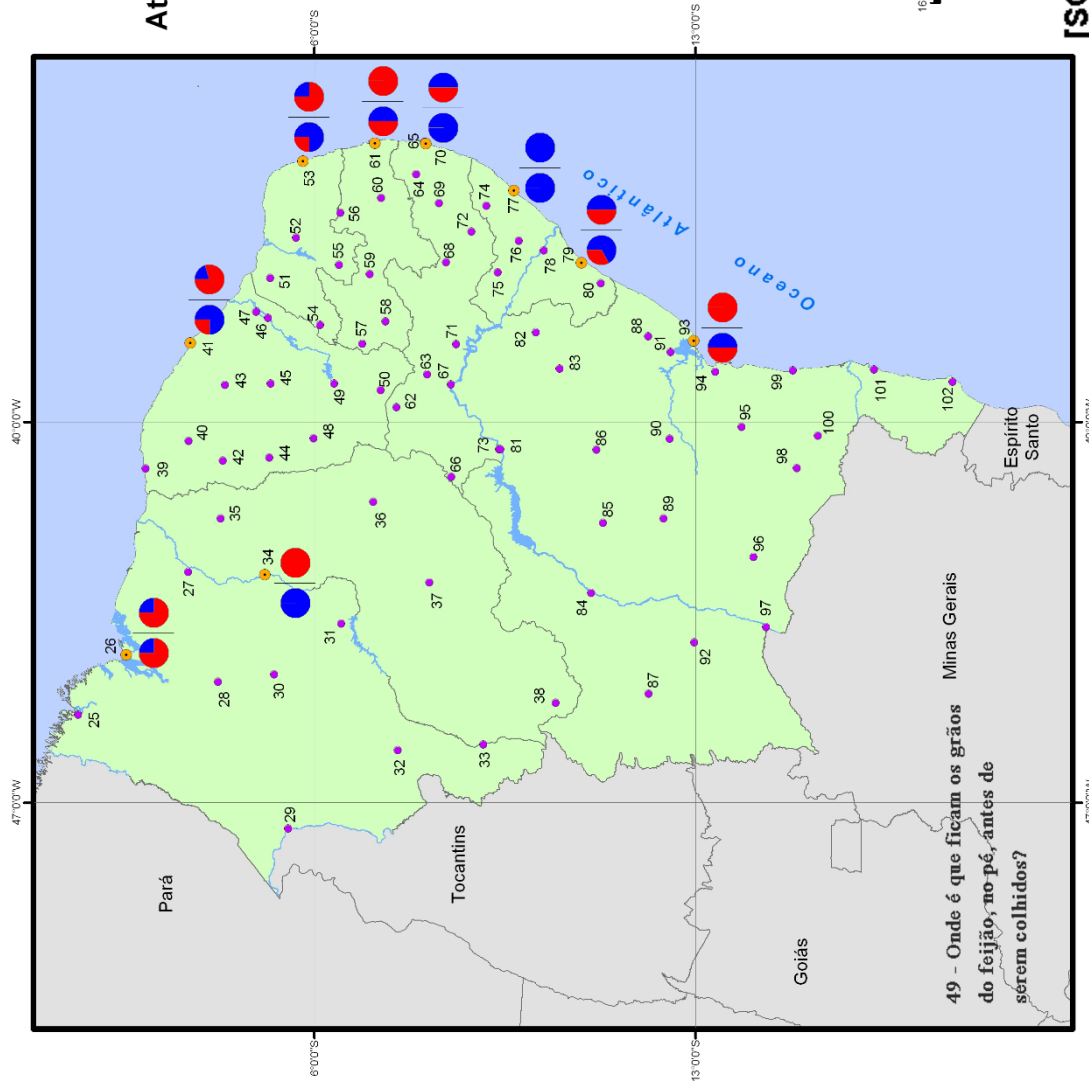
- ①
- ②
- 1: 18 a 30 anos
- 2: 50 a 65 anos



CCS SAD 09
Carta Base - Fonte: DCIM v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLIN]® - 2015

Carta 4c - Vagem (escolaridade)



Atlas Linguístico do Brasil
 Rede de Pontos
 NORDESTE

Índice	Localidade
25	Tucuruí
26	Altamira
27	Altamira
28	Castro
29	Castro
30	Castro
31	Castro
32	Castro
33	Castro
34	Castro
35	Castro
36	Castro
37	Castro
38	Castro
39	Castro
40	Castro
41	Castro
42	Castro
43	Castro
44	Castro
45	Castro
46	Castro
47	Castro
48	Castro
49	Castro
50	Castro
51	Castro
52	Castro
53	Castro
54	Castro
55	Castro
56	Castro
57	Castro
58	Castro
59	Castro
60	Castro
61	Castro
62	Castro
63	Castro
64	Castro
65	Castro
66	Castro
67	Castro
68	Castro
69	Castro
70	Castro
71	Castro
72	Castro
73	Castro
74	Castro
75	Castro
76	Castro
77	Castro
78	Castro
79	Castro
80	Castro
81	Castro
82	Castro
83	Castro
84	Castro
85	Castro
86	Castro
87	Castro
88	Castro
89	Castro
90	Castro
91	Castro
92	Castro
93	Castro
94	Castro
95	Castro
96	Castro
97	Castro
98	Castro
99	Castro
100	Castro
101	Castro
102	Castro

Label

[v]agem

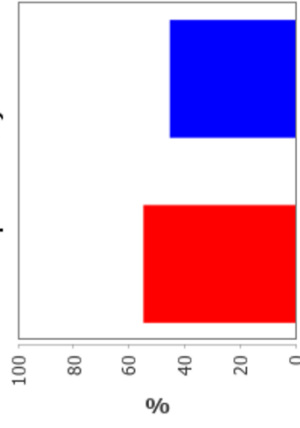
[b]agem

① ②

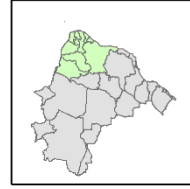
1: Ensino Fundamental Completo

2: Ensino Superior Completo

Overall productivity



Variants



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: BCIMd v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

49 - Onde é que ficam os grãos
 do feijão, no pé, antes de
 serem colhidos?

A análise da palavra "vagem", com base nos dados coletados nas capitais do Nordeste brasileiro, revela um equilíbrio notável entre as variantes "vagem" e "bagem". Os mapas que seguem a análise ilustram cartograficamente a distribuição dessas formas, oferecendo uma base visual para entender a relação entre a alternância do [b] e do [v] e as variáveis sociais, históricas e regionais.

Os dados gerais indicam uma ligeira predominância de "vagem", com 54,69% das ocorrências, enquanto "bagem" aparece em 45,31%. Este equilíbrio reflete a coexistência das variantes em um contexto de variação linguística estável e amplamente compartilhada entre as capitais do Nordeste brasileiro, indicando uma interação entre normas locais e padrões mais amplos do português brasileiro

Os resultados por capitais mostram padrões regionais distintos: "Vagem" domina em Salvador (83,33%), São Luís (75%) e João Pessoa (75%), indicando uma preferência consolidada pela forma com [v] nessas regiões. "Bagem" predomina em Maceió, com 100% das respostas, e apresenta uma proporção maior em Recife (66,67%) e Aracaju (57,14%).

A análise por sexo revela diferenças equilibradas. Entre as mulheres, "vagem" aparece em 60% das respostas, enquanto "bagem" registra 40%. Entre os homens, ambas as formas são igualmente distribuídas, com 50% para cada uma. Essa distribuição equilibrada entre os homens reflete uma maior tolerância à variação, enquanto a leve predominância de "vagem" entre as mulheres pode estar associada a um alinhamento maior às normas linguísticas percebidas como prestigiadas.

Os resultados por faixa etária mostram uma variação significativa. Na faixa de 18 a 30 anos, "vagem" é usada em 71,43% das respostas, enquanto "bagem" aparece em 28,57%. Entre os indivíduos de 50 a 65 anos, "bagem" predomina com 58,33%, em contraste com 41,67% para "vagem"

Essa diferença etária sugere uma mudança em andamento, com a forma "vagem" ganhando espaço entre as gerações mais jovens, enquanto "bagem" mantém relevância entre os mais velhos, possivelmente devido à transmissão de padrões linguísticos tradicionais.

Os dados educacionais destacam a relação entre escolaridade e variação linguística: Entre falantes com ensino fundamental completo, "bagem" predomina com 70%, enquanto "vagem" aparece em 30%. Entre os indivíduos com ensino superior completo, a situação se inverte, com "vagem" representando 76,47% e "bagem" 23,53%. Essa correlação indica que o nível de escolaridade desempenha um papel

significativo na adoção de normas padrão, com "vagem" sendo mais frequente entre aqueles com maior nível educacional.

Os mapas que acompanham esta análise permitem visualizar essas dinâmicas de forma clara e detalhada, reforçando a importância de integrar abordagens cartográficas em estudos sociolinguísticos. A compreensão da alternância no contexto do Nordeste brasileiro contribui para um entendimento mais amplo das interações entre variação linguística e fatores sociais no português brasileiro, destacando a riqueza e a complexidade da língua em suas múltiplas manifestações regionais.

4.5. Sovaco (Questão 108 – QSL)

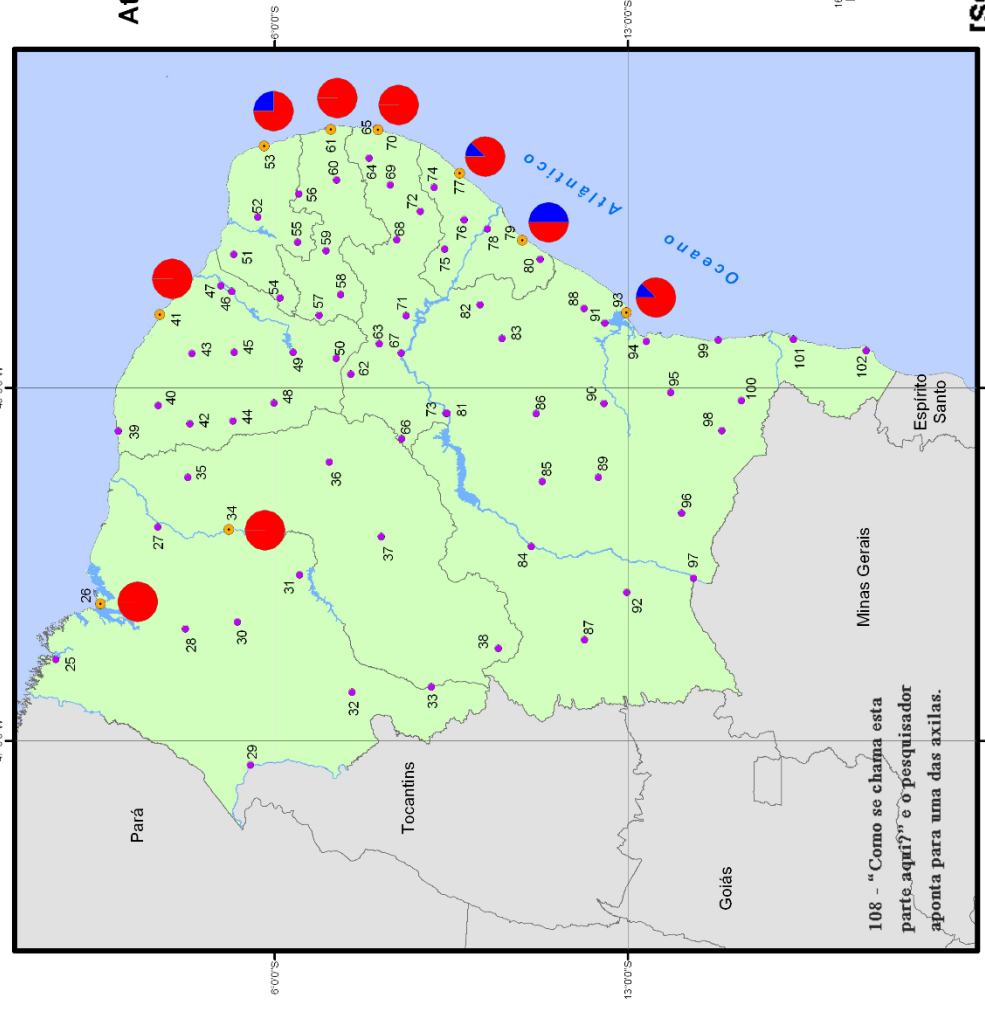
Nas questões 108 e 109 do questionário semântico-lexical do ALiB, pergunta-se: "Como se chama esta parte aqui?", enquanto o pesquisador aponta para as axilas e em seguida "qual o nome do cheiro ruim debaixo do braço", para a questão 109. Essas questões integram a seção "corpo-humano" e tem como objetivo registrar as variações linguísticas na denominação dessa parte do corpo em diferentes contextos sociogeográficos no Nordeste brasileiro.

A palavra "sovaco" remonta ao galego-português antigo, cuja origem etimológica é considerada obscura. De acordo com Meyer-Lübke (*Romanisches etymologisches Wörterbuch*, 1911), é possível que "sovaco" tenha se originado de um cruzamento entre o latim vulgar ou tardio *subala* (*sub* + *āla*, significando "abaixo da asa"), também observado no romeno *subsuoră*, e *subhirucs* (derivado de *hircus*, "bode", em referência ao odor das axilas). Outra hipótese, menos provável, sugere uma relação com o latim vulgar *subbracchium* ou *sub-bracchium* (literalmente, "sob o braço"). Essa palavra encontra correspondentes exclusivamente nas línguas iberorromânicas, como o espanhol *sobaco* e o asturiano *sobacu*, destacando a regionalidade de sua formação.

A análise do uso das variantes "sovaco" e "sobaco" é fundamental para compreender o fenômeno da alternância entre os sons [v] e [b], que não apenas reflete mudanças fonéticas históricas, mas também está profundamente conectada a fatores sociolinguísticos, como prestígio, escolaridade e identidade regional. A predominância de [v] em "sovaco" sugere a consolidação de normas linguísticas hegemônicas, enquanto a ocorrência residual de [b] pode indicar substratos locais ou resistências à padronização.

A seguir, são apresentados os resultados da pesquisa, que evidenciam a distribuição das variantes "sovaco" e "sobaco" em diferentes grupos demográficos, como idade, sexo e escolaridade, além de uma análise por localidades. Esses dados revelam padrões significativos que ampliam a compreensão das dinâmicas linguísticas no português brasileiro e sua interação com fatores históricos e regionais. As cartas linguísticas 5, 5a, 5b e 5c mostram os dados registrados nas localidades para a questão 108 ("Como se chama esta parte aqui?" e o pesquisador aponta para uma das axilas.)

Carta 5 - Sovaco



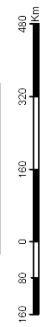
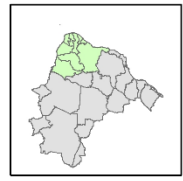
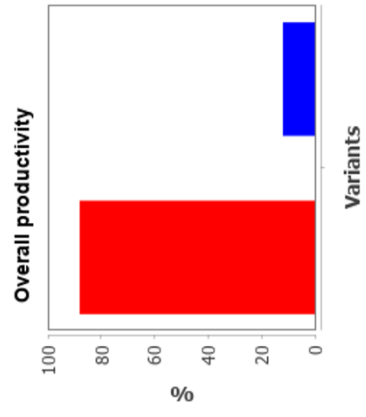
108 - "Como se chama esta parte aqui?" e o pesquisador aponta para uma das axilas.

Label

- so[v]aco
- so[b]aco

Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

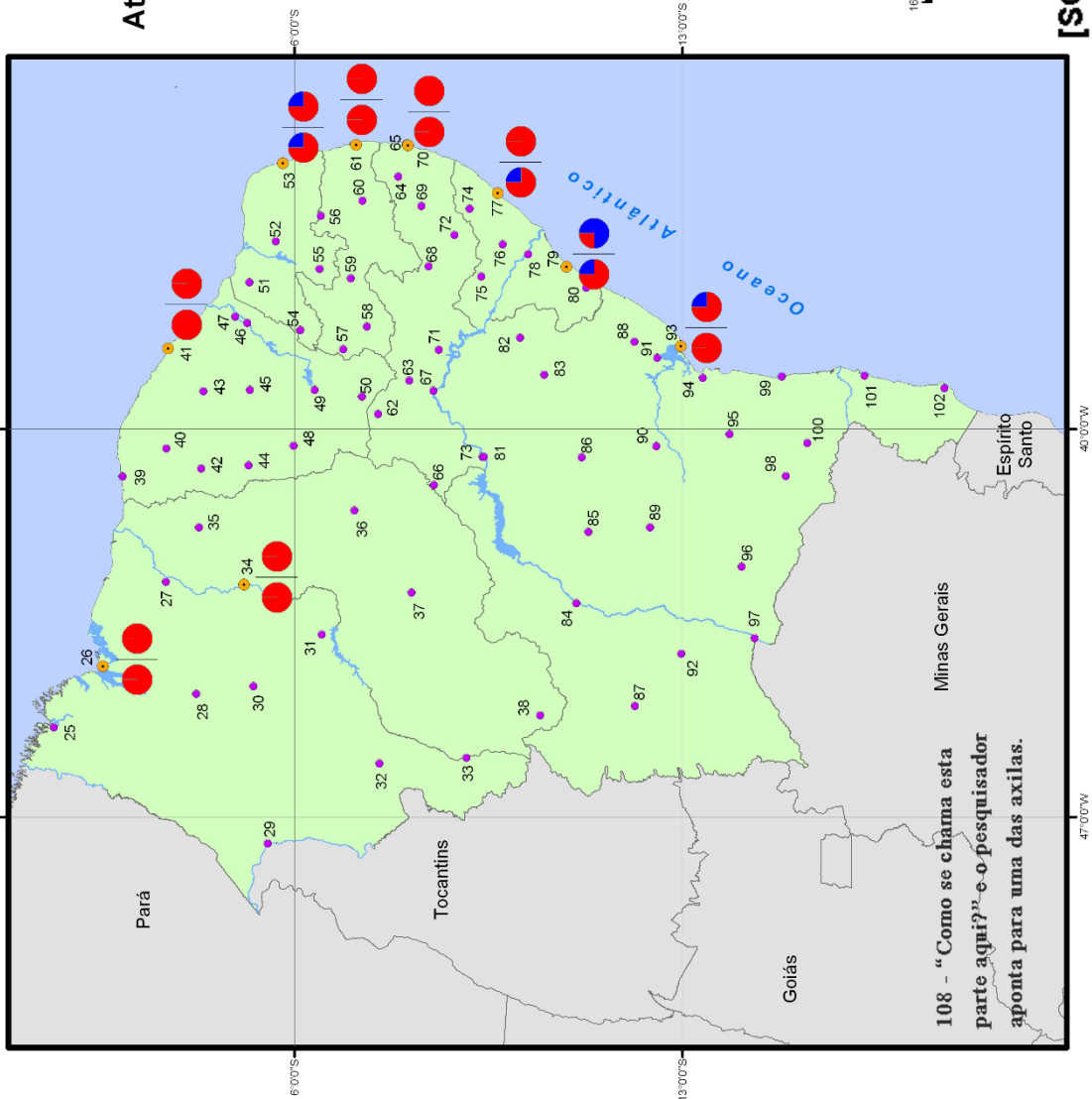
Id	Nome	Id	Nome
25	Alagoas	75	Paraná
26	Bahia	76	Pernambuco
27	Brasília	77	Piauí
28	Distrito Federal	78	Pernambuco
29	Maranhão	79	Pernambuco
30	Paraná	80	Pernambuco
31	Pernambuco	81	Pernambuco
32	Pernambuco	82	Pernambuco
33	Pernambuco	83	Pernambuco
34	Pernambuco	84	Pernambuco
35	Pernambuco	85	Pernambuco
36	Pernambuco	86	Pernambuco
37	Pernambuco	87	Pernambuco
38	Pernambuco	88	Pernambuco
39	Pernambuco	89	Pernambuco
40	Pernambuco	90	Pernambuco
41	Pernambuco	91	Pernambuco
42	Pernambuco	92	Pernambuco
43	Pernambuco	93	Pernambuco
44	Pernambuco	94	Pernambuco
45	Pernambuco	95	Pernambuco
46	Pernambuco	96	Pernambuco
47	Pernambuco	97	Pernambuco
48	Pernambuco	98	Pernambuco
49	Pernambuco	99	Pernambuco
50	Pernambuco	100	Pernambuco



Carta Base - Fonte: IBGE v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLIN]® - 2015

Carta 5a - Sovaco (sexo)



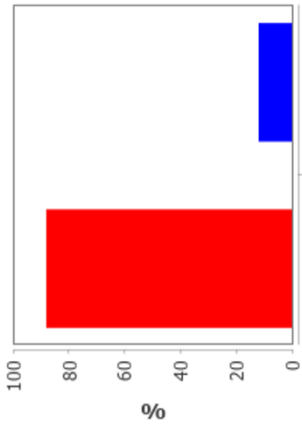
Label

- so[v]aco
- so[b]aco

- ①
- ②

- 1: Feminino
- 2: Masculino

Overall productivity



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

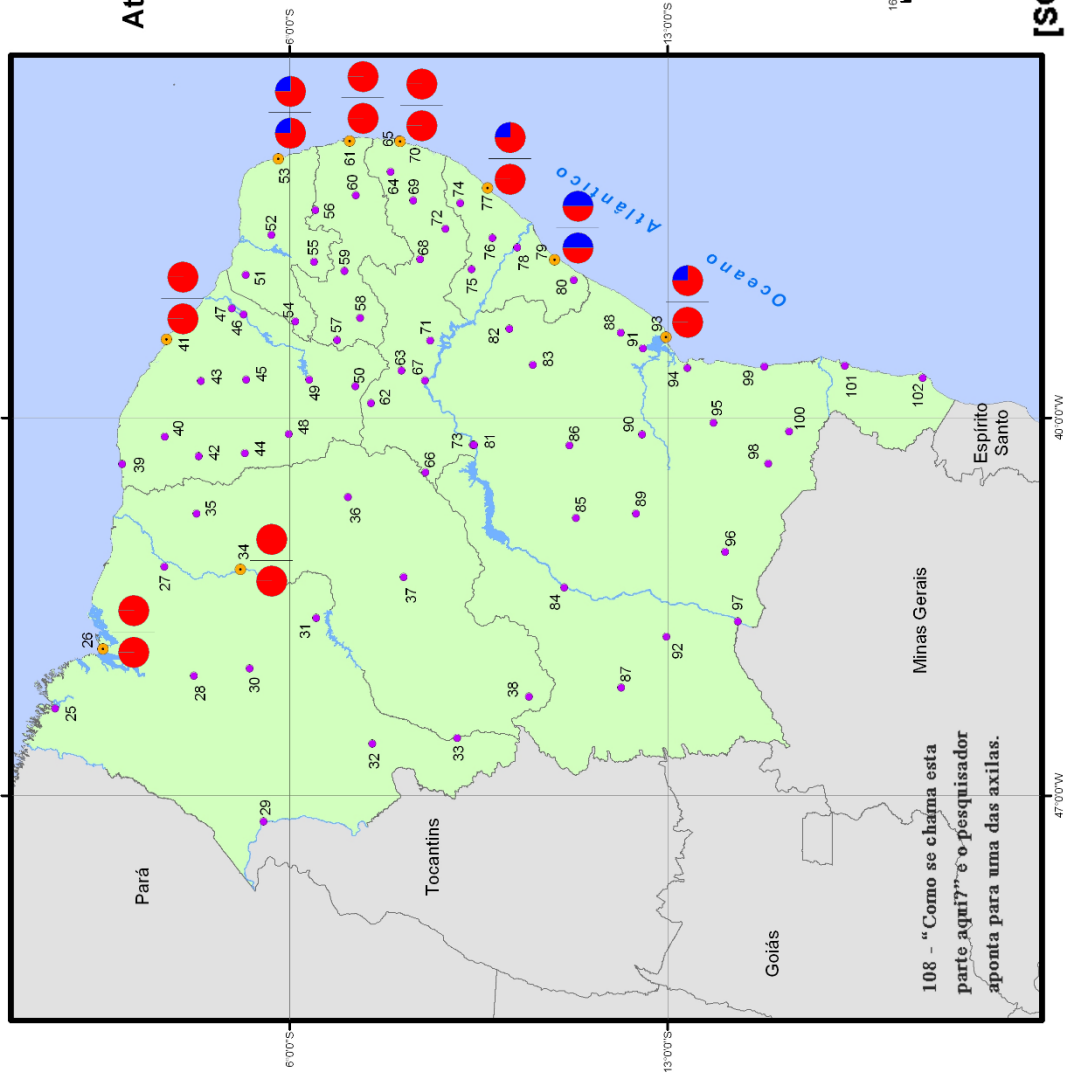
Nordeste	
25	Alagoas
26	Alagoas
27	Alagoas
28	Alagoas
29	Alagoas
30	Alagoas
31	Alagoas
32	Alagoas
33	Alagoas
34	Alagoas
35	Alagoas
36	Alagoas
37	Alagoas
38	Alagoas
39	Alagoas
40	Alagoas
41	Alagoas
42	Alagoas
43	Alagoas
44	Alagoas
45	Alagoas
46	Alagoas
47	Alagoas
48	Alagoas
49	Alagoas
50	Alagoas
51	Alagoas
52	Alagoas
53	Alagoas
54	Alagoas
55	Alagoas
56	Alagoas
57	Alagoas
58	Alagoas
59	Alagoas
60	Alagoas
61	Alagoas
62	Alagoas
63	Alagoas
64	Alagoas
65	Alagoas
66	Alagoas
67	Alagoas
68	Alagoas
69	Alagoas
70	Alagoas
71	Alagoas
72	Alagoas
73	Alagoas
74	Alagoas
75	Alagoas
76	Alagoas
77	Alagoas
78	Alagoas
79	Alagoas
80	Alagoas
81	Alagoas
82	Alagoas
83	Alagoas
84	Alagoas
85	Alagoas
86	Alagoas
87	Alagoas
88	Alagoas
89	Alagoas
90	Alagoas
91	Alagoas
92	Alagoas
93	Alagoas
94	Alagoas
95	Alagoas
96	Alagoas
97	Alagoas
98	Alagoas
99	Alagoas
100	Alagoas
101	Alagoas
102	Alagoas
103	Alagoas
104	Alagoas
105	Alagoas
106	Alagoas
107	Alagoas
108	Alagoas



GCS SAD 89
 Carta Base - Fonte: bCIMA v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 5b - Sovaco (idade)

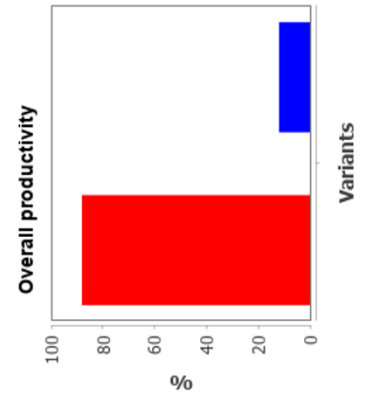


Label

- so[v]jaco
- so[b]jaco

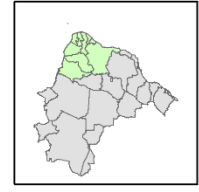
- ①
- ②

- 1: 18 a 30 anos
- 2: 50 a 65 anos



Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE

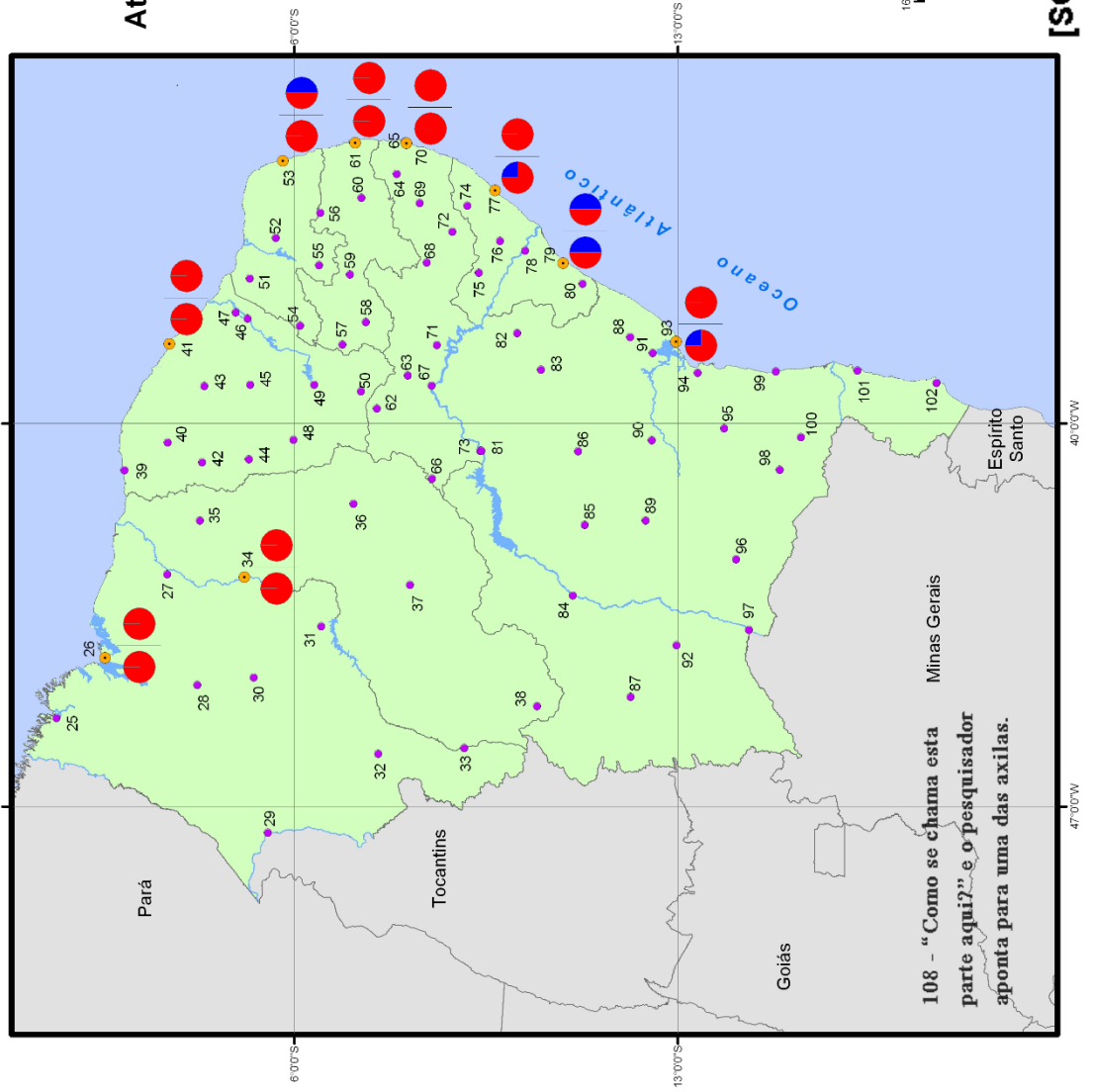
Município	UF
25	Pará
26	Pará
27	Pará
28	Pará
29	Pará
30	Pará
31	Pará
32	Pará
33	Tocantins
34	Pará
35	Pará
36	Tocantins
37	Tocantins
38	Tocantins
39	Pará
40	Pará
41	Pará
42	Pará
43	Pará
44	Pará
45	Pará
46	Pará
47	Pará
48	Pará
49	Pará
50	Pará
51	Pará
52	Pará
53	Pará
54	Pará
55	Pará
56	Pará
57	Pará
58	Pará
59	Pará
60	Pará
61	Pará
62	Tocantins
63	Tocantins
64	Tocantins
65	Tocantins
66	Tocantins
67	Tocantins
68	Tocantins
69	Tocantins
70	Tocantins
71	Tocantins
72	Tocantins
73	Tocantins
74	Tocantins
75	Tocantins
76	Tocantins
77	Tocantins
78	Tocantins
79	Tocantins
80	Tocantins
81	Tocantins
82	Tocantins
83	Tocantins
84	Tocantins
85	Tocantins
86	Tocantins
87	Tocantins
88	Tocantins
89	Tocantins
90	Tocantins
91	Tocantins
92	Tocantins
93	Tocantins
94	Tocantins
95	Minas Gerais
96	Minas Gerais
97	Minas Gerais
98	Minas Gerais
99	Minas Gerais
100	Minas Gerais
101	Minas Gerais
102	Minas Gerais



CGCS SAD 69
Carta Base - Fonte: bCIMA V. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

108 - "Como se chama esta parte aqui?" e o pesquisador aponta para uma das axilas.

Carta 5c - Sovaco (escolaridade)



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

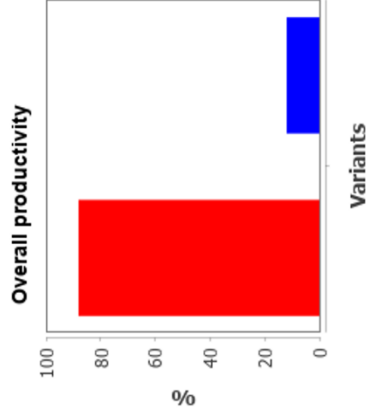
Nordeste	
26	Maranhão
27	Pernambuco
28	Pernambuco
29	Pernambuco
30	Pernambuco
31	Pernambuco
32	Pernambuco
33	Pernambuco
34	Pernambuco
35	Pernambuco
36	Pernambuco
37	Pernambuco
38	Pernambuco
39	Pernambuco
40	Pernambuco
41	Pernambuco
42	Pernambuco
43	Pernambuco
44	Pernambuco
45	Pernambuco
46	Pernambuco
47	Pernambuco
48	Pernambuco
49	Pernambuco
50	Pernambuco
51	Pernambuco
52	Pernambuco
53	Pernambuco
54	Pernambuco
55	Pernambuco
56	Pernambuco
57	Pernambuco
58	Pernambuco
59	Pernambuco
60	Pernambuco
61	Pernambuco
62	Pernambuco
63	Pernambuco
64	Pernambuco
65	Pernambuco
66	Pernambuco
67	Pernambuco
68	Pernambuco
69	Pernambuco
70	Pernambuco
71	Pernambuco
72	Pernambuco
73	Pernambuco
74	Pernambuco
75	Pernambuco
76	Pernambuco
77	Pernambuco
78	Pernambuco
79	Pernambuco
80	Pernambuco
81	Pernambuco
82	Pernambuco
83	Pernambuco
84	Pernambuco
85	Pernambuco
86	Pernambuco
87	Pernambuco
88	Pernambuco
89	Pernambuco
90	Pernambuco
91	Pernambuco
92	Pernambuco
93	Pernambuco
94	Pernambuco
95	Pernambuco
96	Pernambuco
97	Pernambuco
98	Pernambuco
99	Pernambuco
100	Pernambuco
101	Pernambuco
102	Pernambuco

Label

- so[y]aco
- so[b]aco

- ①
- ②

- 1: Ensino Fundamental Completo
- 2: Ensino Superior Completo



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: bC/Id v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

Os dados apresentados no mapa revelam uma predominância significativa da variante "sovaco" em todas as capitais analisadas no Nordeste brasileiro. As regiões de São Luís, Teresina, Fortaleza, Recife, João Pessoa e Salvador apresentam um uso exclusivo ou quase exclusivo de "sovaco" (100% ou próximo disso). No entanto, capitais como Natal (75%), Maceió (87,50%) e Aracaju (50%) apresentam maior variação, com presença considerável de "sobaco".

A alta concentração da variante do item "sovaco" nas capitais de forte influência urbana pode indicar a consolidação de normas linguísticas prestigiadas, enquanto a ocorrência de "sobaco" em locais como Aracaju pode estar relacionada a substratos regionais ou tradições locais que resistem à uniformização linguística.

Quanto a variável idade, na faixa etária de 18 a 30 anos, "sovaco" aparece em 91,43% das respostas, enquanto "sobaco" é registrado em 8,57%. Entre indivíduos de 50 a 65 anos, o uso de "sovaco" diminui para 84,38%, e "sobaco" sobe para 15,62%. Essa variação etária sugere uma tendência geracional em direção à adoção de "sovaco", alinhada a normas linguísticas padronizadas. A presença maior de "sobaco" entre os mais velhos pode refletir padrões linguísticos históricos que estão sendo gradualmente substituídos.

Sobre a variável sexo, entre mulheres, "sovaco" é usado em 91,18% dos casos, enquanto "sobaco" aparece em 8,82%. Já entre homens, "sovaco" é registrado em 84,85% das respostas, e "sobaco" em 15,15%. A maior adesão das mulheres a "sovaco" pode ser atribuída à associação entre sexo e uso de normas linguísticas prestigiadas, conforme sugerem estudos sociolinguísticos. Por outro lado, a maior frequência de "sobaco" entre homens pode refletir uma conexão com usos informais ou regionais.

Quando se trata de escolaridade, entre aqueles com Ensino Fundamental Completo, "sovaco" aparece em 88,24%, enquanto "sobaco" ocorre em 11,76%. Para indivíduos com Ensino Superior Completo, os valores são semelhantes, com 87,88% para "sovaco" e 12,12% para "sobaco". Embora a escolaridade influencie outras variáveis sociolinguísticas, neste caso específico, a diferença é mínima, sugerindo que fatores históricos e regionais desempenham um papel mais significativo do que o nível educacional.

No contexto do português brasileiro, "sovaco" é amplamente associado a normas urbanas e ao prestígio linguístico, enquanto "sobaco" carrega uma conotação regional ou informal.

As regiões onde "sobaco" ocorre com mais frequência, como Aracaju, podem estar resistindo a essa uniformização linguística devido a fatores culturais locais. Isso reflete uma interação complexa entre o prestígio associado a "sovaco" e as identidades linguísticas regionais representadas por "sobaco".

4.6. Sovaqueira (Questão 109)

Na questão 109, perguntou-se qual o nome do cheiro ruim debaixo do braço. 'Apenas foram computadas as respostas que apresentam [v] ou [b]. No caso específico das variantes "sovaqueira" e "sobaqueira", observa-se uma variação lexical que pode estar associada tanto a aspectos fonéticos quanto a influências sociolinguísticas.

Este estudo tem como objetivo analisar a distribuição e a preferência pelo uso dessas duas formas em diferentes contextos, a partir de um conjunto de dados coletado em diversas regiões do Brasil. A pesquisa considera variáveis como localização geográfica, nível de escolaridade, faixa etária e sexo dos participantes, permitindo uma compreensão abrangente dos padrões de uso. Os dados foram obtidos por meio de questionários aplicados a falantes nativos, e a análise estatística das ocorrências permite identificar tendências significativas na adoção de uma variante em detrimento da outra.

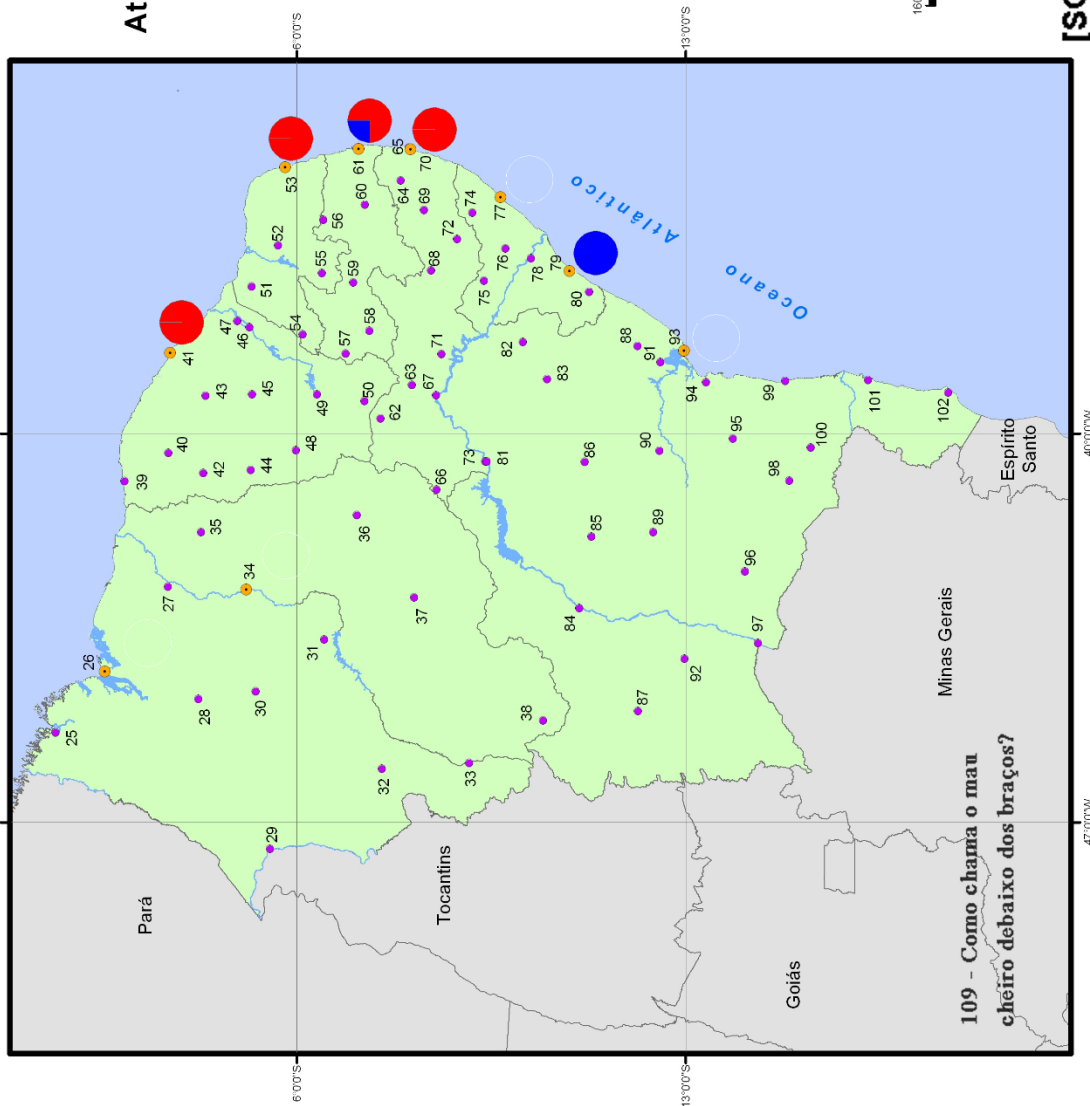
Os resultados preliminares indicam que a variante "sovaqueira" tem uma maior aceitação geral, correspondendo a 62,5% das ocorrências, enquanto "sobaqueira" é utilizada por 37,5% dos falantes. No entanto, essa distribuição não é homogênea. A análise por escolaridade revela que falantes com ensino superior tendem a utilizar mais "sovaqueira" (66,67%), enquanto entre aqueles com ensino fundamental completo essa diferença é menor (57,14% para "sovaqueira" e 42,86% para "sobaqueira"). Do ponto de vista etário, a faixa de 18 a 30 anos apresenta uma preferência maior por "sovaqueira" (63,64%), mas entre os mais velhos (50 a 65 anos), a diferença entre as variantes diminui (60% para "sovaqueira"). Já na divisão por sexo, os homens mostram uma tendência um pouco maior ao uso de "sovaqueira" (66,67%) em comparação às mulheres (57,14%).

Além disso, a distribuição geográfica sugere padrões regionais distintos. Em cidades como Fortaleza, Natal e Recife, "sovaqueira" predomina amplamente, sendo

a única forma registrada em alguns pontos. Já em Aracaju, o cenário se inverte, com 100% dos entrevistados utilizando "sobaqueira", demonstrando um forte traço dialetal. Esses resultados reforçam a hipótese de que variações lexicais podem ser fortemente influenciadas por fatores regionais e sociais.

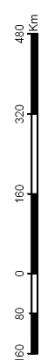
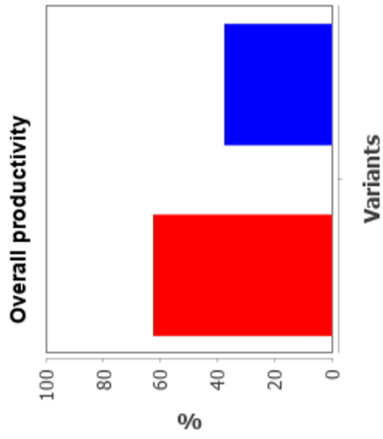
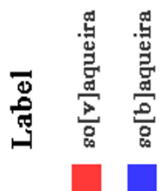
A análise detalhada dos dados a seguir busca aprofundar essas observações, identificando os fatores que contribuem para a escolha de cada variante e discutindo suas implicações para a sociolinguística do português brasileiro.

Carta 6 - Sovaqueira



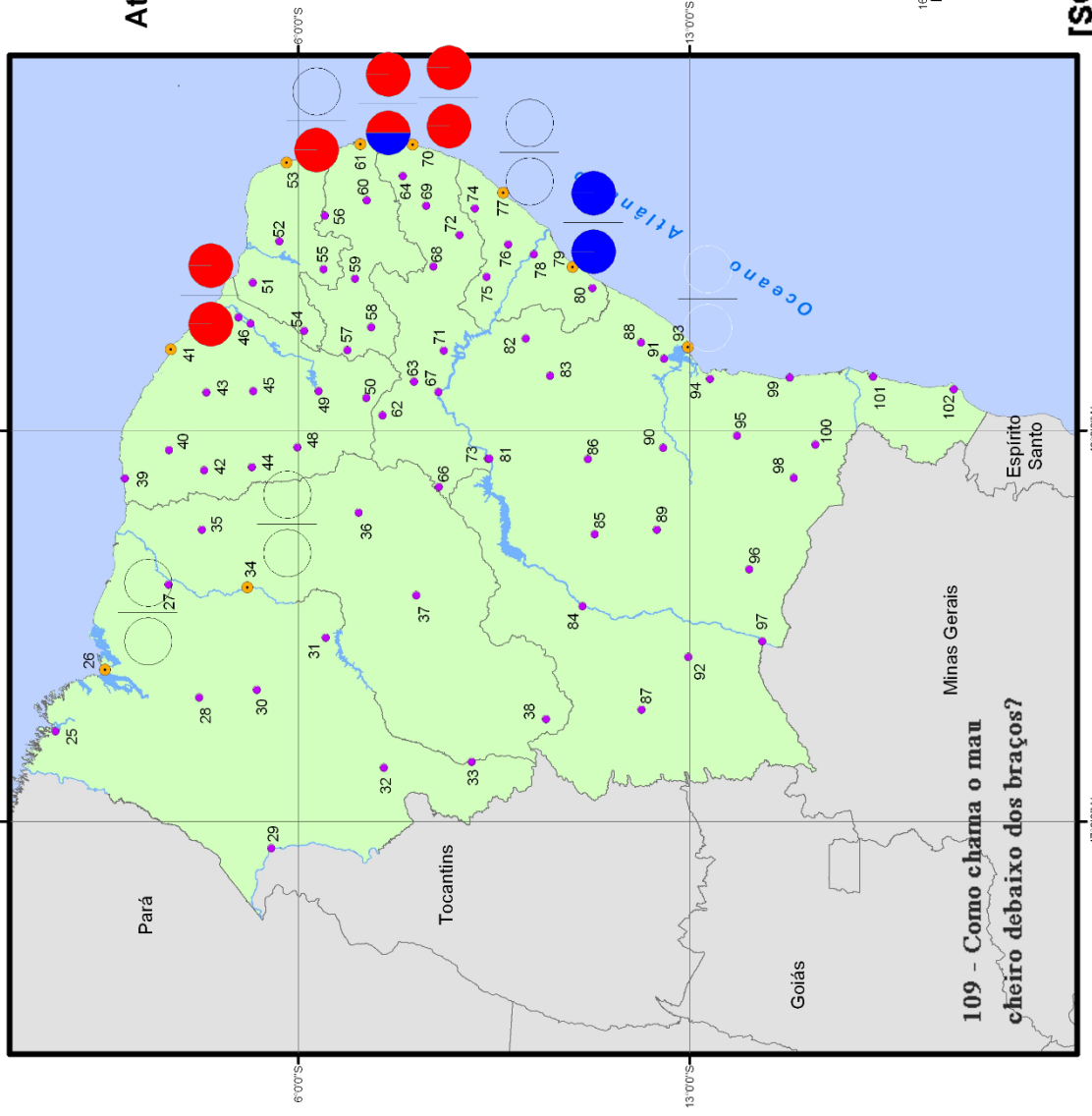
Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Municípios	
01	Alto Araguaia
02	Alto Boa Vista
03	Alto Paraguai
04	Alto Taquari
05	Alvarães
06	Alvorada
07	Alvorada d'Oeste
08	Alvorada do Sul
09	Alvorinha
10	Alvorinha dos Índios
11	Alvorinha do Sul
12	Alvorinha do Tuiuti
13	Alvorinha do Vale
14	Alvorinha do Vale do Rio Negro
15	Alvorinha do Vale do Rio Preto
16	Alvorinha do Vale do Rio Verde
17	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
18	Alvorinha do Vale do Rio Branco
19	Alvorinha do Vale do Rio Negro
20	Alvorinha do Vale do Rio Verde
21	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
22	Alvorinha do Vale do Rio Branco
23	Alvorinha do Vale do Rio Negro
24	Alvorinha do Vale do Rio Verde
25	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
26	Alvorinha do Vale do Rio Branco
27	Alvorinha do Vale do Rio Negro
28	Alvorinha do Vale do Rio Verde
29	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
30	Alvorinha do Vale do Rio Branco
31	Alvorinha do Vale do Rio Negro
32	Alvorinha do Vale do Rio Verde
33	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
34	Alvorinha do Vale do Rio Branco
35	Alvorinha do Vale do Rio Negro
36	Alvorinha do Vale do Rio Verde
37	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
38	Alvorinha do Vale do Rio Branco
39	Alvorinha do Vale do Rio Negro
40	Alvorinha do Vale do Rio Verde
41	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
42	Alvorinha do Vale do Rio Branco
43	Alvorinha do Vale do Rio Negro
44	Alvorinha do Vale do Rio Verde
45	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
46	Alvorinha do Vale do Rio Branco
47	Alvorinha do Vale do Rio Negro
48	Alvorinha do Vale do Rio Verde
49	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
50	Alvorinha do Vale do Rio Branco
51	Alvorinha do Vale do Rio Negro
52	Alvorinha do Vale do Rio Verde
53	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
54	Alvorinha do Vale do Rio Branco
55	Alvorinha do Vale do Rio Negro
56	Alvorinha do Vale do Rio Verde
57	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
58	Alvorinha do Vale do Rio Branco
59	Alvorinha do Vale do Rio Negro
60	Alvorinha do Vale do Rio Verde
61	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
62	Alvorinha do Vale do Rio Branco
63	Alvorinha do Vale do Rio Negro
64	Alvorinha do Vale do Rio Verde
65	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
66	Alvorinha do Vale do Rio Branco
67	Alvorinha do Vale do Rio Negro
68	Alvorinha do Vale do Rio Verde
69	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
70	Alvorinha do Vale do Rio Branco
71	Alvorinha do Vale do Rio Negro
72	Alvorinha do Vale do Rio Verde
73	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
74	Alvorinha do Vale do Rio Branco
75	Alvorinha do Vale do Rio Negro
76	Alvorinha do Vale do Rio Verde
77	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
78	Alvorinha do Vale do Rio Branco
79	Alvorinha do Vale do Rio Negro
80	Alvorinha do Vale do Rio Verde
81	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
82	Alvorinha do Vale do Rio Branco
83	Alvorinha do Vale do Rio Negro
84	Alvorinha do Vale do Rio Verde
85	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
86	Alvorinha do Vale do Rio Branco
87	Alvorinha do Vale do Rio Negro
88	Alvorinha do Vale do Rio Verde
89	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
90	Alvorinha do Vale do Rio Branco
91	Alvorinha do Vale do Rio Negro
92	Alvorinha do Vale do Rio Verde
93	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
94	Alvorinha do Vale do Rio Branco
95	Alvorinha do Vale do Rio Negro
96	Alvorinha do Vale do Rio Verde
97	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
98	Alvorinha do Vale do Rio Branco
99	Alvorinha do Vale do Rio Negro
100	Alvorinha do Vale do Rio Verde
101	Alvorinha do Vale do Rio Vermelho
102	Alvorinha do Vale do Rio Branco



GCS SAD 89
 Carta Base - Fonte: IBGE/Mapa 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

Carta 6a - Sovaqueira (sexo)



Label

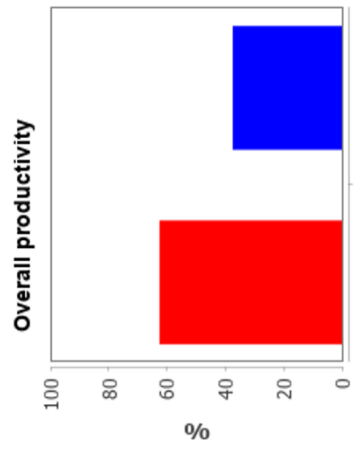
- so[v]jaqueira
- so[b]jaqueira

- ①
- ②

1: Feminino
2: Masculino

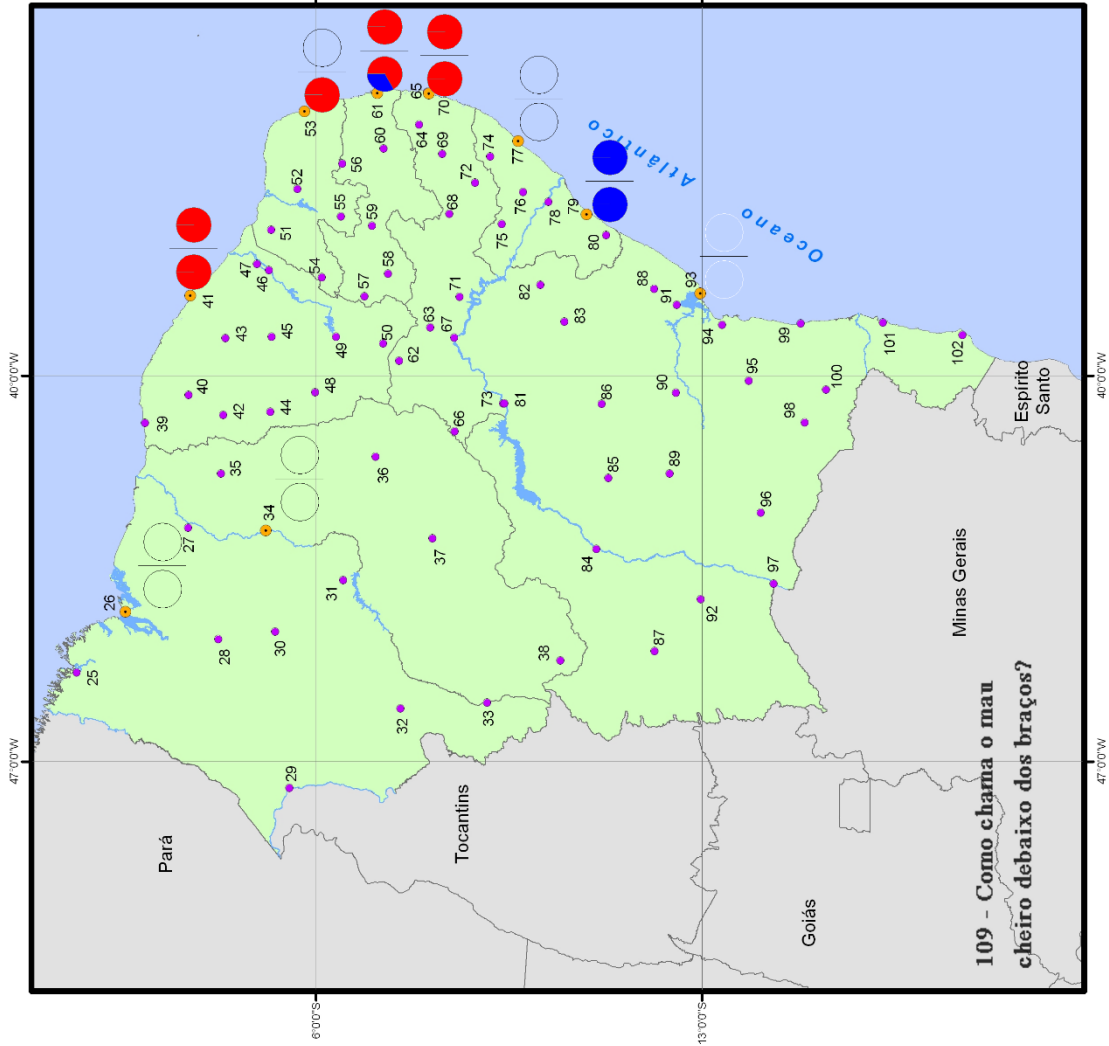
Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

Unidade	Unidade
25. Belém	91. Unid. do
26. São Luís	92. Unid. do
27. Natal	93. Unid. do
28. Salvador	94. Unid. do
29. Fortaleza	95. Unid. do
30. Recife	96. Unid. do
31. São Paulo	97. Unid. do
32. Rio de Janeiro	98. Unid. do
33. Belo Horizonte	99. Unid. do
34. Curitiba	100. Unid. do
35. Porto Alegre	101. Unid. do
36. São Paulo	102. Unid. do
37. Rio de Janeiro	103. Unid. do
38. Belo Horizonte	104. Unid. do
39. Curitiba	105. Unid. do
40. Porto Alegre	106. Unid. do
41. São Paulo	107. Unid. do
42. Rio de Janeiro	108. Unid. do
43. Belo Horizonte	109. Unid. do
44. Curitiba	110. Unid. do
45. Porto Alegre	111. Unid. do
46. São Paulo	112. Unid. do
47. Rio de Janeiro	113. Unid. do
48. Belo Horizonte	114. Unid. do
49. Curitiba	115. Unid. do
50. Porto Alegre	116. Unid. do
51. São Paulo	117. Unid. do
52. Rio de Janeiro	118. Unid. do
53. Belo Horizonte	119. Unid. do
54. Curitiba	120. Unid. do
55. Porto Alegre	121. Unid. do
56. São Paulo	122. Unid. do
57. Rio de Janeiro	123. Unid. do
58. Belo Horizonte	124. Unid. do
59. Curitiba	125. Unid. do
60. Porto Alegre	126. Unid. do
61. São Paulo	127. Unid. do
62. Rio de Janeiro	128. Unid. do
63. Belo Horizonte	129. Unid. do
64. Curitiba	130. Unid. do
65. Porto Alegre	131. Unid. do
66. São Paulo	132. Unid. do
67. Rio de Janeiro	133. Unid. do
68. Belo Horizonte	134. Unid. do
69. Curitiba	135. Unid. do
70. Porto Alegre	136. Unid. do
71. São Paulo	137. Unid. do
72. Rio de Janeiro	138. Unid. do
73. Belo Horizonte	139. Unid. do
74. Curitiba	140. Unid. do
75. Porto Alegre	141. Unid. do
76. São Paulo	142. Unid. do
77. Rio de Janeiro	143. Unid. do
78. Belo Horizonte	144. Unid. do
79. Curitiba	145. Unid. do
80. Porto Alegre	146. Unid. do
81. São Paulo	147. Unid. do
82. Rio de Janeiro	148. Unid. do
83. Belo Horizonte	149. Unid. do
84. Curitiba	150. Unid. do
85. Porto Alegre	151. Unid. do
86. São Paulo	152. Unid. do
87. Rio de Janeiro	153. Unid. do
88. Belo Horizonte	154. Unid. do
89. Curitiba	155. Unid. do
90. Porto Alegre	156. Unid. do
91. São Paulo	157. Unid. do
92. Rio de Janeiro	158. Unid. do
93. Belo Horizonte	159. Unid. do
94. Curitiba	160. Unid. do
95. Porto Alegre	161. Unid. do
96. São Paulo	162. Unid. do
97. Rio de Janeiro	163. Unid. do
98. Belo Horizonte	164. Unid. do
99. Curitiba	165. Unid. do
100. Porto Alegre	166. Unid. do
101. São Paulo	167. Unid. do
102. Rio de Janeiro	168. Unid. do
103. Belo Horizonte	169. Unid. do
104. Curitiba	170. Unid. do
105. Porto Alegre	171. Unid. do
106. São Paulo	172. Unid. do
107. Rio de Janeiro	173. Unid. do
108. Belo Horizonte	174. Unid. do
109. Curitiba	175. Unid. do
110. Porto Alegre	176. Unid. do
111. São Paulo	177. Unid. do
112. Rio de Janeiro	178. Unid. do
113. Belo Horizonte	179. Unid. do
114. Curitiba	180. Unid. do
115. Porto Alegre	181. Unid. do
116. São Paulo	182. Unid. do
117. Rio de Janeiro	183. Unid. do
118. Belo Horizonte	184. Unid. do
119. Curitiba	185. Unid. do
120. Porto Alegre	186. Unid. do
121. São Paulo	187. Unid. do
122. Rio de Janeiro	188. Unid. do
123. Belo Horizonte	189. Unid. do
124. Curitiba	190. Unid. do
125. Porto Alegre	191. Unid. do
126. São Paulo	192. Unid. do
127. Rio de Janeiro	193. Unid. do
128. Belo Horizonte	194. Unid. do
129. Curitiba	195. Unid. do
130. Porto Alegre	196. Unid. do
131. São Paulo	197. Unid. do
132. Rio de Janeiro	198. Unid. do
133. Belo Horizonte	199. Unid. do
134. Curitiba	200. Unid. do



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: BC/IMd v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

Carta 6b - Sovaqueira (idade)



Label

- so[v]jaqueira
- so[b]jaqueira

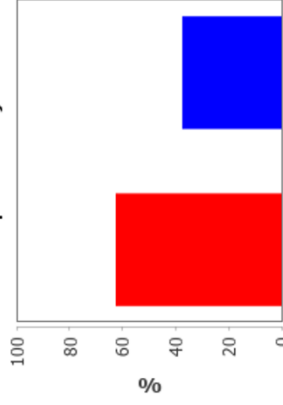
- ① ②

- 1: 18 a 30 anos
- 2: 50 a 65 anos

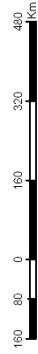
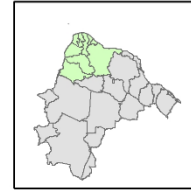
**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

UF	UF	UF	UF
1	11	21	31
2	12	22	32
3	13	23	33
4	14	24	34
5	15	25	35
6	16	26	36
7	17	27	37
8	18	28	38
9	19	29	39
10	20	30	40
11	21	31	41
12	22	32	42
13	23	33	43
14	24	34	44
15	25	35	45
16	26	36	46
17	27	37	47
18	28	38	48
19	29	39	49
20	30	40	50
21	31	41	51
22	32	42	52
23	33	43	53
24	34	44	54
25	35	45	55
26	36	46	56
27	37	47	57
28	38	48	58
29	39	49	59
30	40	50	60
31	41	51	61
32	42	52	62
33	43	53	63
34	44	54	64
35	45	55	65
36	46	56	66
37	47	57	67
38	48	58	68
39	49	59	69
40	50	60	70
41	51	61	71
42	52	62	72
43	53	63	73
44	54	64	74
45	55	65	75
46	56	66	76
47	57	67	77
48	58	68	78
49	59	69	79
50	60	70	80
51	61	71	81
52	62	72	82
53	63	73	83
54	64	74	84
55	65	75	85
56	66	76	86
57	67	77	87
58	68	78	88
59	69	79	89
60	70	80	90
61	71	81	91
62	72	82	92
63	73	83	93
64	74	84	94
65	75	85	95
66	76	86	96
67	77	87	97
68	78	88	98
69	79	89	99
70	80	90	100
71	81	91	101
72	82	92	102

Overall productivity



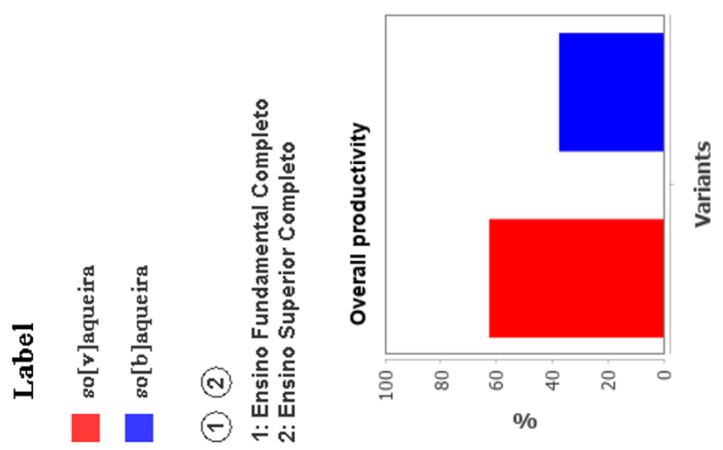
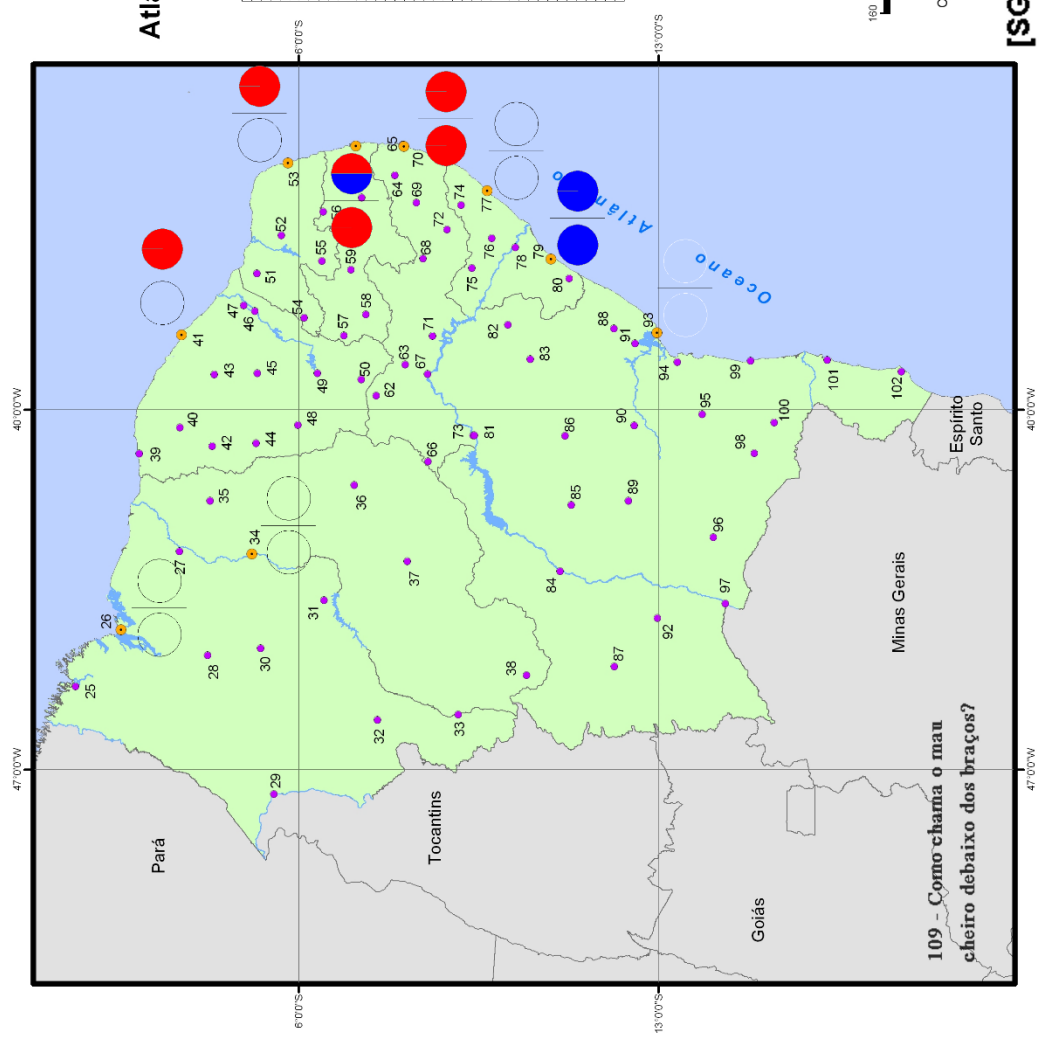
Variants



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: BCIMD v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015

Carta 6c - Sovaqueira (escolaridade)



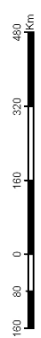
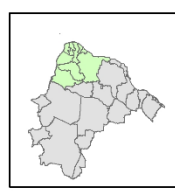
Label
■ so[v]aqueira
■ so[b]aqueira

① ②
1: Ensino Fundamental Completo
2: Ensino Superior Completo



Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE

UF	Município	UF	Município
22	Alagoas	31	Caruaru
23	Alagoano	32	Caruaru
24	Alagoano	33	Caruaru
25	Alagoano	34	Caruaru
26	Alagoano	35	Caruaru
27	Alagoano	36	Caruaru
28	Alagoano	37	Caruaru
29	Alagoano	38	Caruaru
30	Alagoano	39	Caruaru
31	Alagoano	40	Caruaru
32	Alagoano	41	Caruaru
33	Alagoano	42	Caruaru
34	Alagoano	43	Caruaru
35	Alagoano	44	Caruaru
36	Alagoano	45	Caruaru
37	Alagoano	46	Caruaru
38	Alagoano	47	Caruaru
39	Alagoano	48	Caruaru
40	Alagoano	49	Caruaru
41	Alagoano	50	Caruaru
42	Alagoano	51	Caruaru
43	Alagoano	52	Caruaru
44	Alagoano	53	Caruaru
45	Alagoano	54	Caruaru
46	Alagoano	55	Caruaru
47	Alagoano	56	Caruaru
48	Alagoano	57	Caruaru
49	Alagoano	58	Caruaru
50	Alagoano	59	Caruaru
51	Alagoano	60	Caruaru
52	Alagoano	61	Caruaru
53	Alagoano	62	Caruaru
54	Alagoano	63	Caruaru
55	Alagoano	64	Caruaru
56	Alagoano	65	Caruaru
57	Alagoano	66	Caruaru
58	Alagoano	67	Caruaru
59	Alagoano	68	Caruaru
60	Alagoano	69	Caruaru
61	Alagoano	70	Caruaru
62	Alagoano	71	Caruaru
63	Alagoano	72	Caruaru
64	Alagoano	73	Caruaru
65	Alagoano	74	Caruaru
66	Alagoano	75	Caruaru
67	Alagoano	76	Caruaru
68	Alagoano	77	Caruaru
69	Alagoano	78	Caruaru
70	Alagoano	79	Caruaru
71	Alagoano	80	Caruaru
72	Alagoano	81	Caruaru
73	Alagoano	82	Caruaru
74	Alagoano	83	Caruaru
75	Alagoano	84	Caruaru
76	Alagoano	85	Caruaru
77	Alagoano	86	Caruaru
78	Alagoano	87	Caruaru
79	Alagoano	88	Caruaru
80	Alagoano	89	Caruaru
81	Alagoano	90	Caruaru
82	Alagoano	91	Caruaru
83	Alagoano	92	Caruaru
84	Alagoano	93	Caruaru
85	Alagoano	94	Caruaru
86	Alagoano	95	Caruaru
87	Alagoano	96	Caruaru
88	Alagoano	97	Caruaru
89	Alagoano	98	Caruaru
90	Alagoano	99	Caruaru
91	Alagoano	100	Caruaru
92	Alagoano	101	Caruaru
93	Alagoano	102	Caruaru



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: IBGE v. 2.0 - IBGE 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

109 - Como chama o mau cheiro debaixo dos braços?

Os dados geográficos indicam uma variação significativa na preferência pelo uso dos termos "sovaqueira" e "sobaqueira" em diferentes regiões do Brasil. Observa-se uma predominância clara de "sovaqueira" nas cidades de Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife, onde essa forma corresponde a 100% das ocorrências nesses locais. No entanto, em Aracaju, a situação se inverte completamente, com 100% dos falantes utilizando "sobaqueira".

Essa distribuição geográfica sugere que a variante "sovaqueira" está consolidada como a forma predominante na maior parte das capitais analisadas, especialmente em centros urbanos onde há um contato maior com normas linguísticas prestigiadas. Já a alta incidência de "sobaqueira" em Aracaju pode ser explicada por um substrato linguístico regional mais resistente à padronização. Esse fenômeno pode estar relacionado a fatores históricos e culturais que influenciam a manutenção de variantes menos difundidas em âmbito nacional.

Na análise das variáveis sociolinguísticas, quanto à idade, na faixa etária de 18 a 30 anos, "sovaqueira" aparece em 63,64% das respostas, enquanto "sobaqueira" é registrada em 36,36%. Entre indivíduos de 50 a 65 anos, o uso de "sovaqueira" cai ligeiramente para 60%, enquanto "sobaqueira" aumenta para 40%. A tendência etária sugere um leve declínio no uso de "sovaqueira" entre os mais velhos, o que pode indicar que "sobaqueira" era uma forma mais comum em décadas passadas e está sendo gradualmente substituída por "sovaqueira". Esse processo pode estar relacionado à influência da mídia, da educação formal e da urbanização, fatores que frequentemente impulsionam a adoção de formas linguísticas mais padronizadas.

Entre as mulheres, "sovaqueira" aparece em 57,14% dos casos, enquanto "sobaqueira" é utilizada por 42,86%. Já entre os homens, a adesão a "sovaqueira" é um pouco maior (66,67%), enquanto "sobaqueira" aparece em 33,33%. A maior adesão masculina à variante "sovaqueira" pode sugerir uma influência de fatores sociais, como a maior exposição a ambientes urbanos ou a menor resistência à mudança linguística nesse grupo. Já a frequência relativamente maior de "sobaqueira" entre as mulheres pode estar associada a um maior apego a tradições linguísticas ou a redes de comunicação onde essa forma ainda é usada com mais frequência.

No tocante à escolaridade, para falantes com ensino fundamental, "sovaqueira" corresponde a 57,14%, enquanto "sobaqueira" aparece em 42,86% e entre aqueles com ensino superior, "sovaqueira" é ainda mais frequente (66,67%), enquanto "sobaqueira" reduz sua presença para 33,33%. Embora a escolaridade não

pareça ser o fator determinante na variação, há uma leve tendência de que falantes com maior nível educacional prefiram "sovaqueira". Esse fenômeno pode estar relacionado à influência da norma culta e da padronização ortográfica, que favorecem essa variante.

A análise dos dados revela padrões interessantes sobre a distribuição das variantes "sovaqueira" e "sobaqueira" no Brasil. Enquanto "sovaqueira" é predominante na maioria das capitais analisadas e tem uma maior aceitação entre indivíduos mais jovens e com maior escolaridade, "sobaqueira" ainda mantém presença significativa em certas regiões, especialmente em Aracaju.

No contexto do português brasileiro, "sovaqueira" parece estar se consolidando como a variante mais prestigiada e amplamente aceita, enquanto "sobaqueira" carrega uma conotação mais regional ou informal.

A resistência da forma "sobaqueira" em algumas regiões e entre determinados grupos etários pode indicar que esse processo de mudança linguística ainda está em andamento, refletindo um embate entre tendências de uniformização e a manutenção de identidades regionais na língua falada.

4.7. Sovaco e sovaqueira

A distribuição geográfica das variantes "sovaco" e "sovaqueira" apresenta contrastes significativos. A variante "sovaco" mostra ampla predominância em todas as regiões analisadas, sendo registrada em 100% dos casos em cidades como Fortaleza, João Pessoa e Recife. Em Natal, observa-se uma leve variação, com 75% dos falantes optando por "sovaco" e os demais utilizando "sobaco". Em Aracaju, ocorre uma distribuição equilibrada, com 50% das ocorrências para "sovaco" e 50% para "sobaco", sugerindo uma maior aceitação da variante com /b/ nessa localidade.

Por outro lado, "sovaqueira" aparece de maneira mais restrita, com destaque para Fortaleza, Natal, João Pessoa e Recife, onde representa 100% das ocorrências, demonstrando que essa forma é produtiva em algumas regiões específicas do Nordeste. No entanto, em Aracaju, "sovaqueira" não é registrada, indicando que a forma derivada com "-eira" não se estabeleceu nessa localidade.

Essa diferença sugere que "sovaco" tem uma aceitação mais ampla e homogênea em diversas regiões, enquanto "sovaqueira" é menos frequente e tende

a se concentrar em determinados locais. A resistência de "sovaqueira" em Aracaju pode estar relacionada a substratos linguísticos locais, que favorecem a manutenção da forma mais curta, possivelmente devido a padrões fonéticos ou influências dialetais.

A análise etária revela que "sovaco" é a forma dominante em todas as faixas etárias, mas há uma leve variação conforme a idade. Entre os falantes de 18 a 30 anos, 91,43% utilizam "sovaco", enquanto apenas 8,57% preferem "sobaco". Entre os mais velhos, na faixa de 50 a 65 anos, o uso de "sovaco" diminui ligeiramente para 84,38%, enquanto "sobaco" aumenta para 15,62%.

Já no caso de "sovaqueira", a distribuição por idade apresenta menor discrepância. Entre 18 a 30 anos, "sovaqueira" é registrada em 63,64% dos casos, enquanto "sobaqueira" aparece em 36,36%. Para os falantes de 50 a 65 anos, a diferença é menor, com 60% usando "sovaqueira" e 40% usando "sobaqueira".

Essa variação indica que "sovaco" é uma forma mais consolidada entre os falantes mais jovens, possivelmente devido à sua presença na mídia e à padronização ortográfica. No caso de "sovaqueira", a variação é menor entre gerações, sugerindo que a forma derivada ainda não atingiu um grau de uniformização tão alto quanto "sovaco".

A distribuição de "sovaco" e "sovaqueira" por sexo reforça a ideia de que a primeira variante é mais prestigiada e amplamente aceita. Entre as mulheres, 91,18% utilizam "sovaco", enquanto 8,82% preferem "sobaco". Entre os homens, essa diferença é ligeiramente menor, com 84,85% usando "sovaco" e 15,15% optando por "sobaco".

No caso de "sovaqueira", a variação por sexo apresenta padrões um pouco diferentes. Entre as mulheres, 57,14% utilizam "sovaqueira", enquanto 42,86% usam "sobaqueira". Já entre os homens, há uma preferência maior por "sovaqueira" (66,67%) em relação a "sobaqueira" (33,33%).

Esses resultados sugerem que "sovaco" tem um alto grau de aceitação entre ambos os sexos, mas há uma leve tendência de maior uso de "sobaco" entre os homens. Isso pode estar relacionado ao fato de que formas linguísticas prestigiadas tendem a ser mais adotadas por mulheres, um fenômeno frequentemente observado em estudos sociolinguísticos. A mesma lógica pode ser aplicada a "sovaqueira", cuja

preferência é mais marcante entre os homens, indicando um possível processo de variação e mudança linguística em andamento.

A influência da escolaridade no uso de "sovaco" e "sovaqueira" apresenta padrões distintos. Entre aqueles com Ensino Fundamental Completo, 88,24% utilizam "sovaco", enquanto 11,76% optam por "sobaco". Entre os falantes com Ensino Superior Completo, essa diferença é mínima: 87,88% usam "sovaco", e 12,12% preferem "sobaco".

Já em relação a "sovaqueira", a escolaridade apresenta um impacto maior. Entre os falantes com Ensino Fundamental Completo, 57,14% utilizam "sovaqueira", enquanto 42,86% usam "sobaqueira". No grupo com Ensino Superior Completo, a diferença se acentua, com 66,67% utilizando "sovaqueira" e apenas 33,33% mantendo "sobaqueira".

Essa diferença pode indicar que "sovaqueira" está se tornando uma forma mais prestigiada entre aqueles com maior nível educacional, enquanto "sovaco" já é uma forma amplamente aceita independentemente da escolaridade. A maior resistência de "sobaco" entre falantes com menor nível educacional pode estar ligada a influências regionais ou à tradição oral.

A análise comparativa entre "sovaco" e "sovaqueira" revela padrões distintos de variação sociolinguística. Enquanto "sovaco" é amplamente aceito e utilizado em diversas regiões e faixas etárias, "sovaqueira" apresenta uma distribuição mais restrita e parece estar passando por um processo de expansão.

A geografia desempenha um papel crucial nessa variação, com "sovaco" predominando em todas as capitais analisadas, enquanto "sovaqueira" aparece apenas em algumas regiões do Nordeste. A influência da idade e da escolaridade também é evidente: "sovaco" é a forma mais estável entre gerações e níveis educacionais, enquanto "sovaqueira" tem uma aceitação crescente entre falantes mais jovens e com maior nível educacional.

Do ponto de vista sociolinguístico, essa variação pode estar ligada a processos históricos e culturais. "Sovaco" é uma forma consolidada na norma urbana e acadêmica, enquanto "sovaqueira" pode estar em ascensão devido à sua morfologia mais expressiva e ao potencial prestígio que pode adquirir em determinados contextos sociais.

Os dados sugerem que ambas as formas coexistem no português brasileiro, mas com funções distintas: "sovaco" como a forma tradicionalmente aceita e

difundida, e "sovaqueira" como uma variante emergente, ainda sujeita a processos de padronização e mudança linguística.

4.8. Vaso sanitário (Questão 170)

Na pergunta 170 do questionário semântico-lexical, pergunta-se “Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?” Vaso vem do latim *vasum* (*vās, vāsis*), que por sua vez tem origem no Proto-italico **wāss*, cognato do Úmbrio *vasus*. (De Vaan, 2008). No latim, *vās* era pronunciado como /ʷa:s/, [ʷä:s]. Nas línguas românicas, temos:

Romeno > vas
 Italiano > vaso
 Abruzzês > vase
 Provençal > vas
 Catalão > vas
 Espanhol > vaso
 Francês Antigo > ves
 Reggiano > vassora

Não houve registro de consoante inicial [b] para designar a peça utilizada para receber dejetos humanos. É importante ressaltar que, dentre as palavras investigadas, não foram identificados resultados com [b] em “vaso”, ao passo que “assobio” apresentou resultados mais equilibrados, indicando uma distribuição mais uniforme na alternância ou não dos sons relacionados ao betacismo. A provável causa para a hegemonia do uso da fricativa é a mudança significativa de sentido quando pronunciado com oclusiva.

Embora não exista, em língua portuguesa, a palavra “baso”, esta pronúncia nos parece distanciar o significante do significado. Registra-se, desta maneira a inviabilidade de estudo com esta questão para esta dissertação. Por esta razão, não foram produzidas cartas linguísticas deste item.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revela tendências fonológicas significativas nas capitais do Nordeste brasileiro, especialmente no que diz respeito à alternância entre [v] e [b]. A predominância quase absoluta de [v] em palavras como vaso reforça a estabilidade dessa realização em contextos variacionais, enquanto ocorrências de [b] em varrer se mostram pontuais, sugerindo influências socioeconômicas, etárias ou estilísticas que merecem investigação mais aprofundada.

No entanto, o caso de assobiar e seus derivados (assobio/assovio) destaca-se como um fenômeno complexo, marcado por um equilíbrio quase simétrico entre [b] e [v], inclusive em variação idioletal. Esse padrão desafia noções tradicionais de hierarquia fonológica, indicando que a coexistência das formas não está necessariamente vinculada a juízos de prestígio ou estigmatização, mas sim a uma dinâmica lexical multifatorial, influenciada por contextos pragmáticos e identitários.

Quanto ao Betacismo, os dados demonstram que esse fenômeno não está em extinção, mas sim se manifesta como um traço pancrônico — presente desde as raízes do latim vulgar até a sincronia do português contemporâneo. Embora sua expressão seja variável (como no declínio de [b] em vaso), sua persistência em formas como vagem — que apresenta equilíbrio entre as variantes — e em contextos específicos (assobiar/assoviar) revela uma continuidade histórica que merece ser cartografada com atenção. Este trabalho contribui para futuros volumes ao apontar quais formas demandam análise aprofundada: enquanto vagem exige investigação detalhada devido à sua variação equilibrada, vaso carece de confirmação sobre sua quase total adesão a [v], sem relevante alternância com [b].

Para avançar nessa discussão, metodologias como a dialetologia perceptual poderiam elucidar como os falantes interpretam e selecionam essas variantes, considerando fatores identitários e situacionais. Em suma, a variação entre [v] e [b] no Nordeste não reflete um processo linear de mudança, mas sim um espectro dinâmico de coexistência, no qual formas concorrentes se mantêm estáveis, resistindo a explicações reducionistas. A continuidade dessa pesquisa promete enriquecer não apenas os estudos dialetológicos, mas também o entendimento dos mecanismos que perpetuam a variação linguística em contextos socio-históricos diversos.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **De vulgari eloquentia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- ALVES, Amanda Margarida Freire de Paula. **Hispano-hablantes em Brasília: aspectos fonético-fonológicos do português como segunda língua**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- APRILE, Marcello; RUSSO, Michela. **Posizione forte, betacismo e rotacismo nella diacronia del napoletano**. Rivista italiana di linguistica e di dialettologia, III, 2001.
- BAFILE, Laura. **Betacismo e altre alternanze in dialetti italiani meridionali. Il rafforzamento è l'opposto della lenizione?** Sezione di Lettere, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BALDE, Mamadu Baciro. **Adaptações fonético-fonológicas de empréstimos do Português para o Guineense**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- BARRETO, João Franco. **Ortografia da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1971.
- BOLLER, Fred. **Die Isoglossenstaffelung in der galicisch-portugiesisch-spanischen Kontaktzone und im Lombada-Aliste-Grenzgebiet**. Westensee-Verlag, 1995.
- BRASIL. **Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 mar. 1952. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- CAMPBELL, Lyle. **Historical linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas linguístico do Brasil**. SciELO-EDUEL, 2015.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. **Percursos da geolinguística no Brasil**. *Lingüística*, v. 29, n. 1, p. 115-142, 2013.
- CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CHESHIRE, Jenny. **Variation in an English dialect: A sociolinguistic study**. Cambridge Studies in Linguistics London, v. 37, 1982.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.
- DE VAAN, Michiel. **Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages**. Leiden, Boston, 2008.

- DO BRASIL, Atlas Linguístico. **Questionário 2001/Comitê Nacional do Projeto ALiB**. Londrina: Editora UEL, 2001.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- ECKERT, Penelope. **Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, v. 41, n. 1, p. 87-100, 2012.
- FONSECA, Antonio de Mello da. **Antídoto da Língua Portuguesa**. Amsterdam: Miguel Diaz, 1710.
- GARCÍA MOUTON, Pilar et al. **Atlas lingüístico (y etnográfico) de Castilla-La Mancha**. Madrid: Editorial Gredos, 2003."
- GAYER, Juliana Ludwig; SILVA, Thaïs Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. Colaboradoras Daniela Oliveira Guimarães e Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011, 239p. Organon, 2013.
- GENTLEMAN. **The Laws of Etiquette: or, Short Rules and Reflections for Conduct in Society**. Philadelphia: Lindsay & Blakiston, 1844.
- GRIERA, Antonio; PLADEVALL, Antoni. **Atlas lingüístic de Catalunya**. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1923.
- HOLMES, Janet; WILSON, Nick. **An introduction to sociolinguistics**. Londres: Routledge, 2013.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. _
Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.
- LEÃO, Duarte Nunes de et al. **Orthographia da lingoa portuguesa**. Lisboa: Antonio Gonçalves, 1576.
- MANS, M. J. **The problematic verb allentabit in the anonymous hymn Psalmus Responsorius**. Acta Patristica et Byzantina, 1993.
- MARCELINO CARDOSO, Suzana Alice; ANDRADE MOTA, Jacyra. Percursos da geolinguística no Brasil. **Lingüística**, v. 29, n. 1, p. 115-142, 2013.
- MENDEZ, Eva Nunez. **Theoretical Approach in a Case in Diachronic Phonetism: Betacism and its Repercussions in Modern Spanish (Acercamiento teórico a un caso de fonetismo diacrónico: el betacismo y sus repercusiones)**. International Journal of the Linguistic Association of the Southwest, Austin, v. 41, n. 2, p. 123-145, 2014.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signes**. Paris : Folio Essais, 2001.
- MESTHRIE, Rajend. **Introducing sociolinguistics**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2009.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. **Romanisches etymologisches Wörterbuch**. Heidelberg: C. Winter, 1911.
- MILROY, Lesley. **Language and social networks**. 1980.
- MORAN I OCERINJAUREGUI, Josep. **Notes sobre la confluència de «v» i «b» en català**. 1994.

- MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. **Documentos 5 - Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Avaliação e Perspectivas**. Salvador: Quarteto, 2015.
- MOUTON, Pilar García. **Lenguas y dialectos de España**. Madrid: Arco Libros, 1994.
- NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca em 1922**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.
- PAIVA, M. da C. de. **Introdução à Sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004
- PELKEY, Jamin R. **Dialectology as dialectic: Interpreting Phula variation**. Berlin: Walter de Gruyter, 2011.
- PERDIH, Anton. **Betacism in the dialect of Tolmin region, Slovenia**. Liubliana, 2007.
- POP, Sever. **La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques**. Paris: Klincksieck, 1950.
- POSSENTI, Sírio. **A cor da língua e outras crônicas de lingüista**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2001.
- REIS, Ana Cléa dos; KAILER, Dircel Aparecida. **Alternância entre [v] e [b] nas capitais do sul do Brasil**. Londrina, 2019.
- RIBEIRO, Gisele Aparecida. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- ROMAINE, Suzanne. **Language in society: An introduction to sociolinguistics**. Oxford: OUP Oxford, 2000.
- RUSSO, Michela; ULFSBJORNINN, Shanti. **Initial lenition and strength alternations (v/b) in Neapolitan: A laryngeal Branchingness condition**. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 5, n. 1, 2020.
- SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1964.
- SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de linguística geral**. Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.
- SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1957.
- SOUZA, Vander Lúcio de. **Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas-Norte de Minas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. **Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2014.
- STURTEVANT, Edgar H. **An introduction to linguistic science**. New Haven: Yale University Press, 1947.
- TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Paul Teyssier; tradução Celso Cunha. - 2a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- THUN, Harald. **A Dialectologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.63-92.

_____ La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. Ati del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

VERA, Álvaro Ferreira de. **Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua portuguesa: com hum Trattado de memoria artificial : outro da muita semelhança, que tem a lingua portuguesa com a latina**. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

WINKELMANN, Otto. **Untersuchungen zur Sprachvariation des Gaskognischen im Val d'Aran (Zentralpyrenäen)**. Walter de Gruyter, 2011.

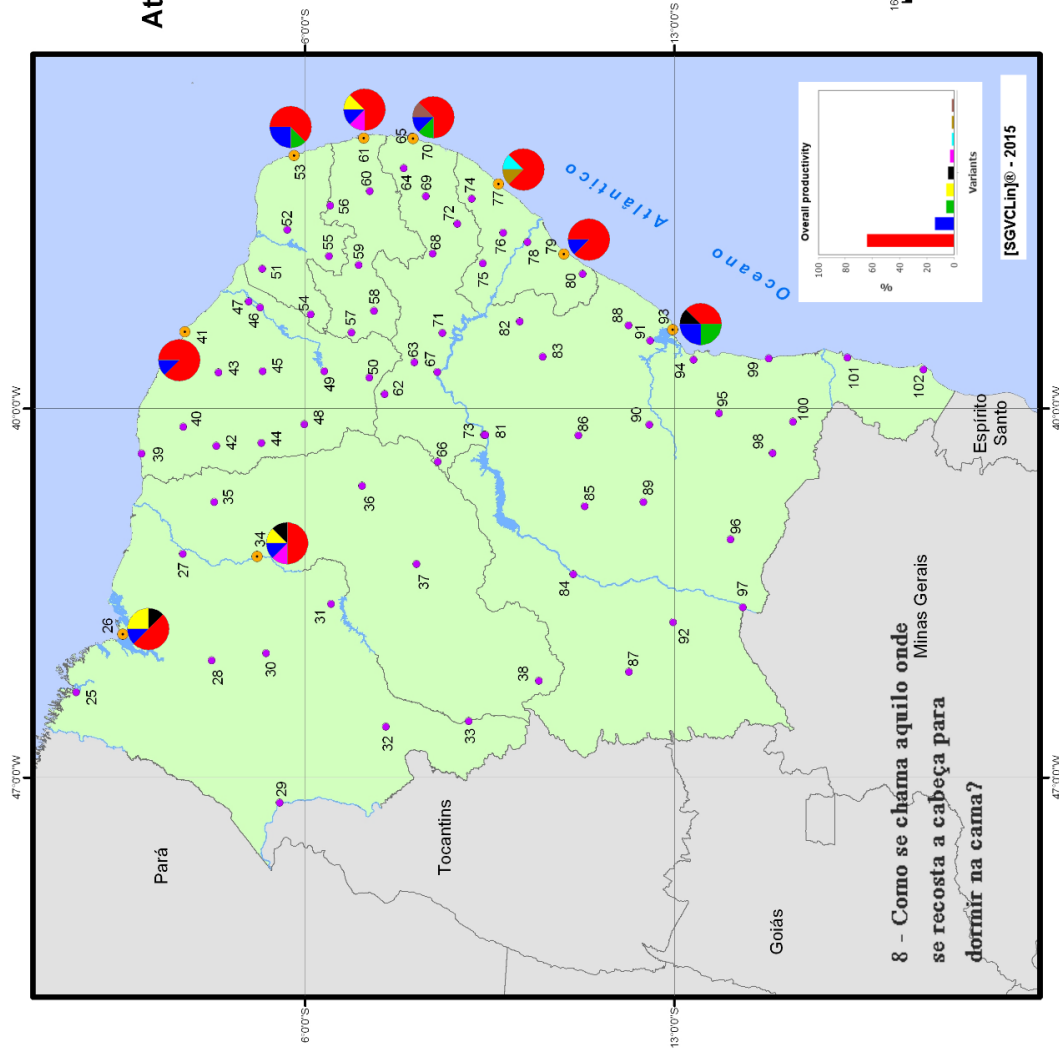
ANEXOS

As cartas linguísticas anexas nesta dissertação oferecem um detalhamento das transcrições fonéticas das respostas coletadas nas capitais do Nordeste, fornecendo uma visão abrangente e precisa das variantes linguísticas observadas na região. Essas cartas representam uma ferramenta indispensável para a análise fonética e sociolinguística, permitindo observar as nuances do português brasileiro em um contexto regional diversificado.

Embora o foco central desta dissertação seja o betacismo, os dados apresentados nos mapas vão além, possibilitando a investigação de outros fenômenos linguísticos relevantes. A riqueza de informações contida nas transcrições fonéticas e a visualização de sua distribuição geográfica tornam esses mapas uma base sólida para estudos adicionais que explorem as interações entre fatores históricos, sociais e linguísticos.

Esses materiais são essenciais para compreender a complexidade e a diversidade do português brasileiro, especialmente no que diz respeito à variação fonética e suas implicações regionais. A seguir, as cartas linguísticas apresentadas fornecerão o suporte visual necessário para contextualizar os resultados detalhados da pesquisa.

Carta 1 - Travesseiro



Atlas Linguístico do Brasil Rede de Pontos NORDESTE

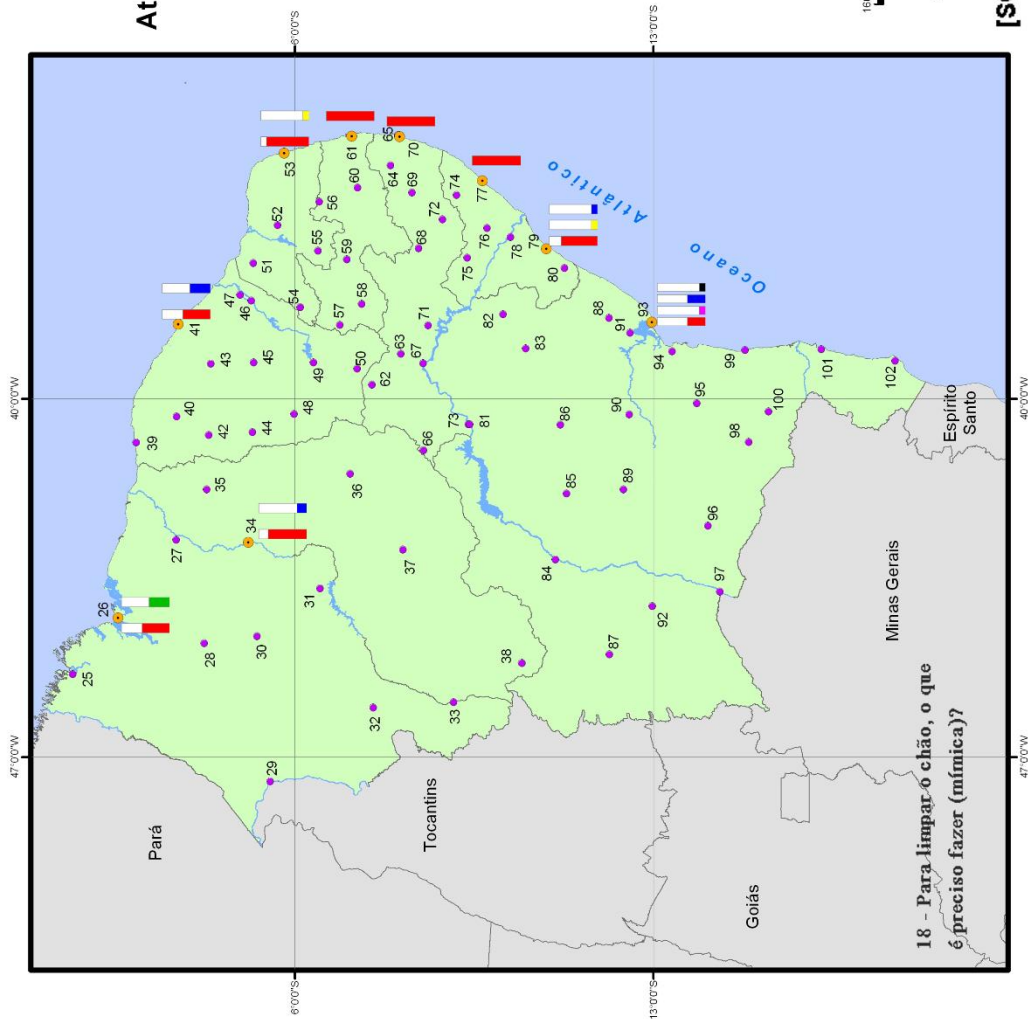
Região	Estado	Município
1	Alagoas	Alagoano
2	Alagoas	Alagoano
3	Alagoas	Alagoano
4	Alagoas	Alagoano
5	Alagoas	Alagoano
6	Alagoas	Alagoano
7	Alagoas	Alagoano
8	Alagoas	Alagoano
9	Alagoas	Alagoano
10	Alagoas	Alagoano
11	Alagoas	Alagoano
12	Alagoas	Alagoano
13	Alagoas	Alagoano
14	Alagoas	Alagoano
15	Alagoas	Alagoano
16	Alagoas	Alagoano
17	Alagoas	Alagoano
18	Alagoas	Alagoano
19	Alagoas	Alagoano
20	Alagoas	Alagoano
21	Alagoas	Alagoano
22	Alagoas	Alagoano
23	Alagoas	Alagoano
24	Alagoas	Alagoano
25	Alagoas	Alagoano
26	Alagoas	Alagoano
27	Alagoas	Alagoano
28	Alagoas	Alagoano
29	Alagoas	Alagoano
30	Alagoas	Alagoano
31	Alagoas	Alagoano
32	Alagoas	Alagoano
33	Alagoas	Alagoano
34	Alagoas	Alagoano
35	Alagoas	Alagoano
36	Alagoas	Alagoano
37	Alagoas	Alagoano
38	Alagoas	Alagoano
39	Alagoas	Alagoano
40	Alagoas	Alagoano
41	Alagoas	Alagoano
42	Alagoas	Alagoano
43	Alagoas	Alagoano
44	Alagoas	Alagoano
45	Alagoas	Alagoano
46	Alagoas	Alagoano
47	Alagoas	Alagoano
48	Alagoas	Alagoano
49	Alagoas	Alagoano
50	Alagoas	Alagoano
51	Alagoas	Alagoano
52	Alagoas	Alagoano
53	Alagoas	Alagoano
54	Alagoas	Alagoano
55	Alagoas	Alagoano
56	Alagoas	Alagoano
57	Alagoas	Alagoano
58	Alagoas	Alagoano
59	Alagoas	Alagoano
60	Alagoas	Alagoano
61	Alagoas	Alagoano
62	Alagoas	Alagoano
63	Alagoas	Alagoano
64	Alagoas	Alagoano
65	Alagoas	Alagoano
66	Alagoas	Alagoano
67	Alagoas	Alagoano
68	Alagoas	Alagoano
69	Alagoas	Alagoano
70	Alagoas	Alagoano
71	Alagoas	Alagoano
72	Alagoas	Alagoano
73	Alagoas	Alagoano
74	Alagoas	Alagoano
75	Alagoas	Alagoano
76	Alagoas	Alagoano
77	Alagoas	Alagoano
78	Alagoas	Alagoano
79	Alagoas	Alagoano
80	Alagoas	Alagoano
81	Alagoas	Alagoano
82	Alagoas	Alagoano
83	Alagoas	Alagoano
84	Alagoas	Alagoano
85	Alagoas	Alagoano
86	Alagoas	Alagoano
87	Alagoas	Alagoano
88	Alagoas	Alagoano
89	Alagoas	Alagoano
90	Alagoas	Alagoano
91	Alagoas	Alagoano
92	Alagoas	Alagoano
93	Alagoas	Alagoano
94	Alagoas	Alagoano
95	Alagoas	Alagoano
96	Alagoas	Alagoano
97	Alagoas	Alagoano
98	Alagoas	Alagoano
99	Alagoas	Alagoano
100	Alagoas	Alagoano
101	Alagoas	Alagoano
102	Alagoas	Alagoano
103	Alagoas	Alagoano
104	Alagoas	Alagoano
105	Alagoas	Alagoano
106	Alagoas	Alagoano
107	Alagoas	Alagoano
108	Alagoas	Alagoano
109	Alagoas	Alagoano
110	Alagoas	Alagoano
111	Alagoas	Alagoano
112	Alagoas	Alagoano
113	Alagoas	Alagoano
114	Alagoas	Alagoano
115	Alagoas	Alagoano
116	Alagoas	Alagoano
117	Alagoas	Alagoano
118	Alagoas	Alagoano
119	Alagoas	Alagoano
120	Alagoas	Alagoano

- Label**
- [travi'seru]
 - [travi'sejru]
 - [trabi'seru]
 - [trave'sejru]
 - [trave'seru]
 - [trabi'seru]
 - [tavi'seru]
 - [trabiseru 'ziw]
 - [breve'sejru]



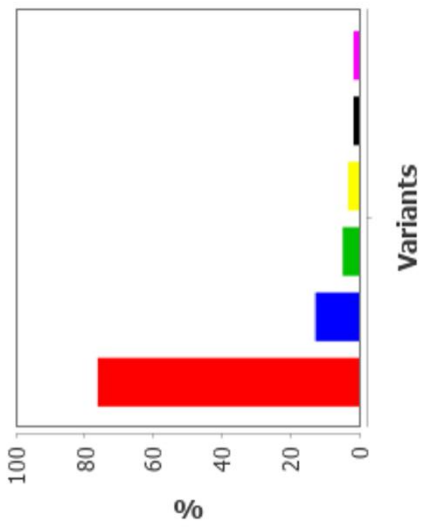
GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: bCIMd v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

Carta 2a - Varrer



- Label**
- [va'xe]
 - [va'xeh]
 - [va'xex]
 - [ba'xe]
 - [va'he]
 - ['väh]

Overall productivity



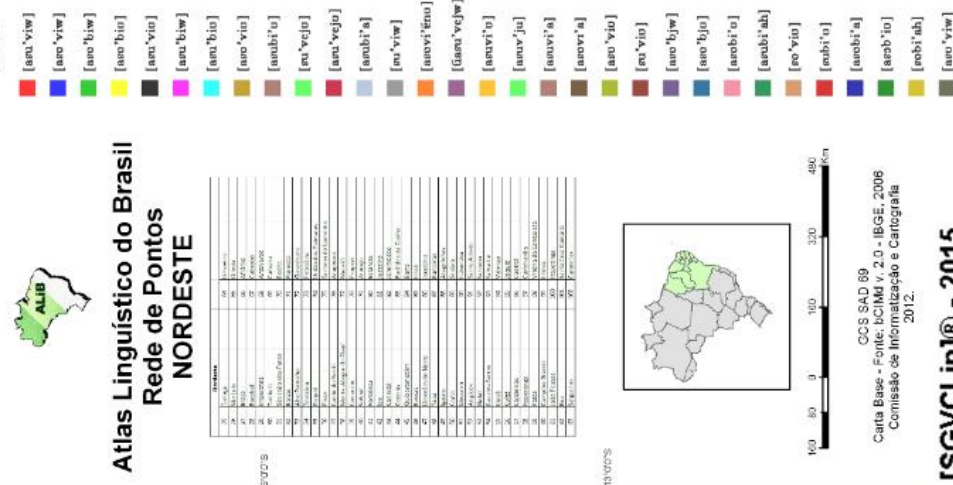
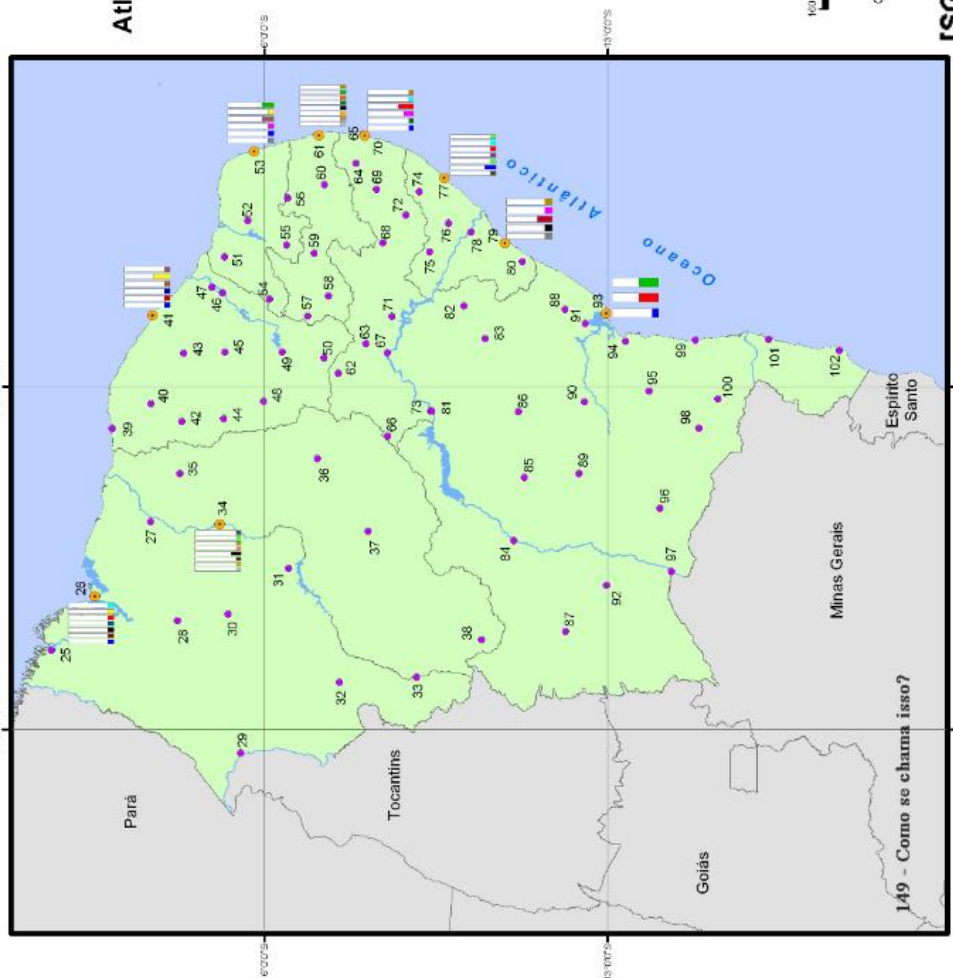
**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

Nome	Coordenadas
1. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
2. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
3. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
4. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
5. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
6. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
7. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
8. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
9. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
10. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
11. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
12. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
13. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
14. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
15. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
16. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
17. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
18. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
19. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
20. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
21. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
22. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
23. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
24. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
25. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
26. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
27. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
28. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
29. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
30. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
31. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
32. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
33. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
34. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
35. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
36. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
37. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
38. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
39. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
40. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
41. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
42. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
43. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
44. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
45. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
46. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
47. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
48. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
49. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
50. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
51. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
52. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
53. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
54. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
55. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
56. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
57. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
58. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
59. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
60. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
61. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
62. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
63. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
64. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
65. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
66. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
67. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
68. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
69. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
70. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
71. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
72. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
73. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
74. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
75. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
76. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
77. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
78. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
79. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
80. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
81. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
82. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
83. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
84. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
85. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
86. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
87. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
88. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
89. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
90. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
91. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
92. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
93. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
94. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
95. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
96. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
97. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
98. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
99. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
100. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
101. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
102. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
103. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
104. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
105. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
106. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
107. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
108. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
109. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
110. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
111. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
112. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
113. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
114. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
115. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
116. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
117. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
118. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
119. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
120. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
121. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
122. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
123. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
124. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
125. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
126. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
127. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
128. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
129. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
130. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
131. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
132. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
133. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
134. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
135. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
136. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
137. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
138. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
139. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
140. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
141. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
142. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
143. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
144. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
145. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
146. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
147. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
148. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
149. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
150. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
151. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
152. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
153. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
154. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
155. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
156. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
157. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
158. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
159. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
160. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
161. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
162. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
163. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
164. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
165. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
166. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
167. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
168. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
169. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
170. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
171. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
172. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
173. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
174. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
175. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
176. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
177. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
178. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
179. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
180. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
181. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
182. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
183. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
184. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
185. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
186. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
187. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
188. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
189. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
190. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
191. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
192. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
193. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
194. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
195. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
196. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
197. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
198. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
199. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
200. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
201. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
202. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
203. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
204. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
205. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
206. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
207. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
208. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
209. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
210. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
211. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
212. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
213. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
214. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
215. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
216. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
217. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
218. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
219. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
220. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
221. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
222. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
223. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
224. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
225. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
226. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
227. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
228. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
229. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
230. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
231. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W
232. Rio Grande do Norte	5° 15' S, 35° 45' W
233. Paraíba	7° 15' S, 35° 45' W
234. Pernambuco	8° 15' S, 35° 45' W
235. Alagoas	9° 45' S, 35° 45' W
236. Sergipe	10° 45' S, 35° 45' W
237. Bahia	12° 45' S, 35° 45' W
238. Espírito Santo	15° 45' S, 48° 15' W
239. Minas Gerais	17° 45' S, 48° 15' W
240. Goiás	15° 45' S, 48° 15' W
241. Tocantins	10° 45' S, 48° 15' W
242. Mato Grosso do Sul	15° 45' S, 50° 15' W
243. Mato Grosso	15° 45' S, 50° 15' W
244. Rondônia	10° 45' S, 50° 15' W
245. Acre	5° 45' S, 50° 15' W
246. Roraima	5° 45' S, 50° 15' W
247. Pará	5° 45' S, 48° 15' W
248. Maranhão	5° 45' S, 48° 15' W
249. Piauí	5° 15' S, 48° 15' W
250. Ceará	3° 45' S, 48° 15' W

GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: bCIMd v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

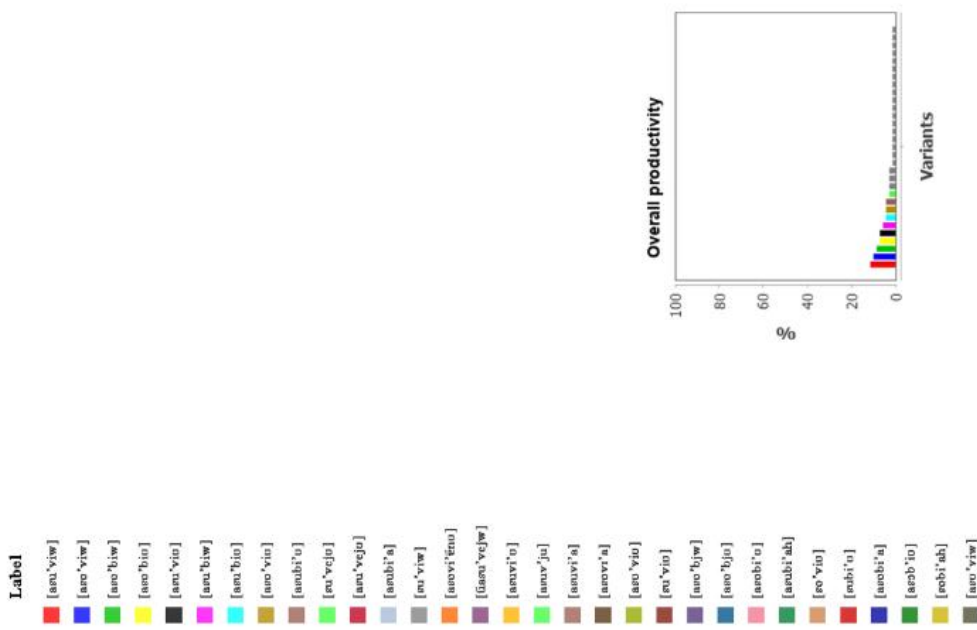
[SGVCLin]® - 2015

Carta 6a - Assobiar

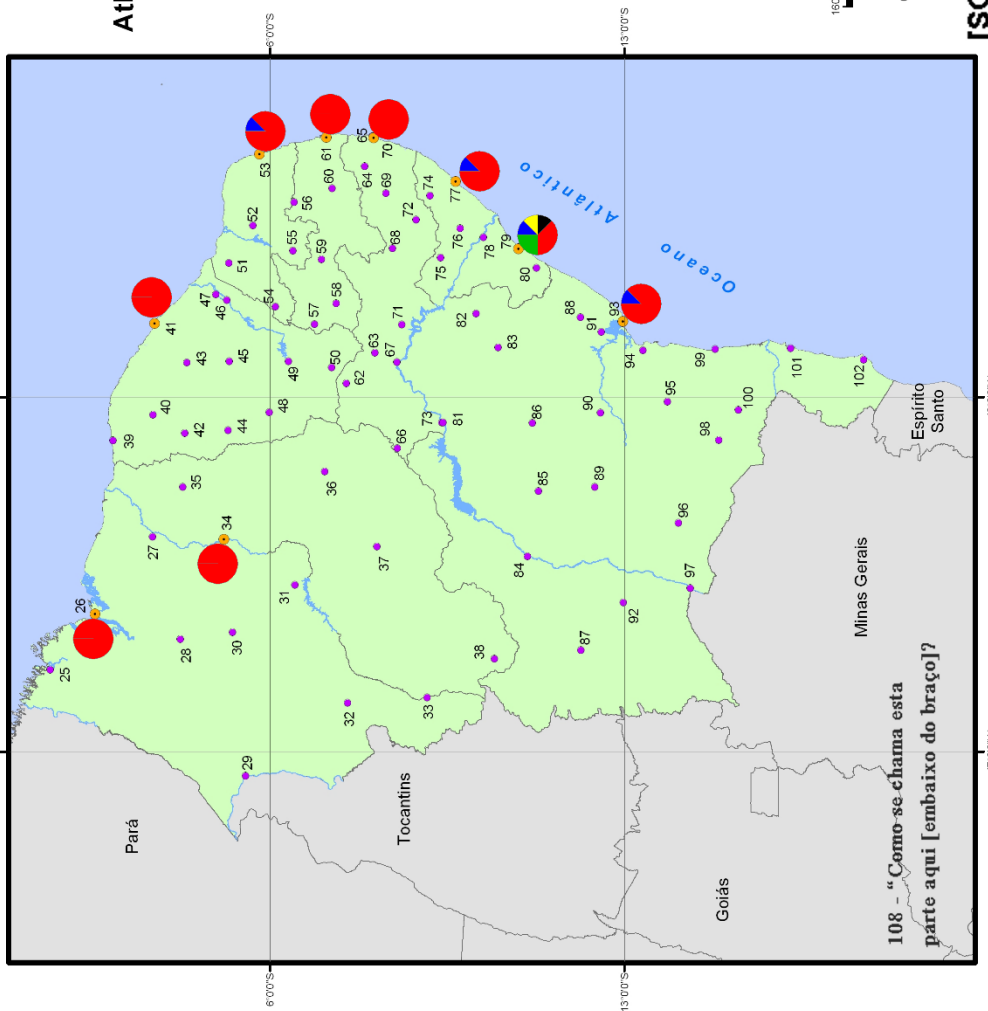


GCES SAD R9
Carta Base - Fonte: IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015



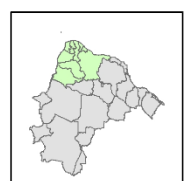
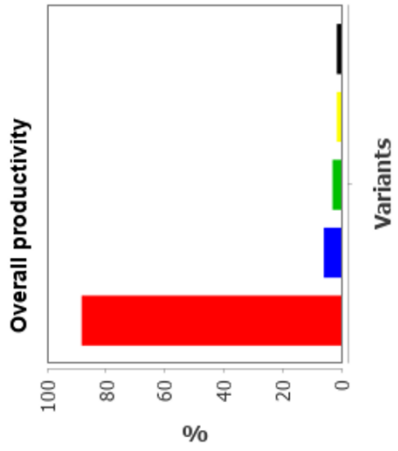
Carta 4 - Sovaco



Atlas Linguístico do Brasil
 Rede de Pontos
 NORDESTE

Municípios	
25	Alto Rio Negro
26	Alto Rio Pardo
27	Alto Verde
28	Alto do Capão
29	Alto do Cruzeiro
30	Alto do Iguaçu
31	Alto do Lobo
32	Alto do Paranaíba
33	Alto do Rio Negro
34	Alto do Rio Vermelho
35	Alto do São Francisco
36	Alto do Sincora
37	Alto do Taboão
38	Alto do Tietê
39	Alto do Uruguai
40	Alto do Vale do Rio Preto
41	Alto do Vale do Rio Verde
42	Alto do Vale do São Francisco
43	Alto do Vale do São João
44	Alto do Vale do São Miguel
45	Alto do Vale do São Pedro
46	Alto do Vale do São Sebastião
47	Alto do Vale do São Vicente
48	Alto do Vale do São Zé
49	Alto do Vale do São Zé do Sul
50	Alto do Vale do São Zé do Norte
51	Alto do Vale do São Zé do Oeste
52	Alto do Vale do São Zé do Leste
53	Alto do Vale do São Zé do Centro
54	Alto do Vale do São Zé do Sul
55	Alto do Vale do São Zé do Norte
56	Alto do Vale do São Zé do Oeste
57	Alto do Vale do São Zé do Leste
58	Alto do Vale do São Zé do Centro
59	Alto do Vale do São Zé do Sul
60	Alto do Vale do São Zé do Norte
61	Alto do Vale do São Zé do Oeste
62	Alto do Vale do São Zé do Leste
63	Alto do Vale do São Zé do Centro
64	Alto do Vale do São Zé do Sul
65	Alto do Vale do São Zé do Norte
66	Alto do Vale do São Zé do Oeste
67	Alto do Vale do São Zé do Leste
68	Alto do Vale do São Zé do Centro
69	Alto do Vale do São Zé do Sul
70	Alto do Vale do São Zé do Norte
71	Alto do Vale do São Zé do Oeste
72	Alto do Vale do São Zé do Leste
73	Alto do Vale do São Zé do Centro
74	Alto do Vale do São Zé do Sul
75	Alto do Vale do São Zé do Norte
76	Alto do Vale do São Zé do Oeste
77	Alto do Vale do São Zé do Leste
78	Alto do Vale do São Zé do Centro
79	Alto do Vale do São Zé do Sul
80	Alto do Vale do São Zé do Norte
81	Alto do Vale do São Zé do Oeste
82	Alto do Vale do São Zé do Leste
83	Alto do Vale do São Zé do Centro
84	Alto do Vale do São Zé do Sul
85	Alto do Vale do São Zé do Norte
86	Alto do Vale do São Zé do Oeste
87	Alto do Vale do São Zé do Leste
88	Alto do Vale do São Zé do Centro
89	Alto do Vale do São Zé do Sul
90	Alto do Vale do São Zé do Norte
91	Alto do Vale do São Zé do Oeste
92	Alto do Vale do São Zé do Leste
93	Alto do Vale do São Zé do Centro
94	Alto do Vale do São Zé do Sul
95	Alto do Vale do São Zé do Norte
96	Alto do Vale do São Zé do Oeste
97	Alto do Vale do São Zé do Leste
98	Alto do Vale do São Zé do Centro
99	Alto do Vale do São Zé do Sul
100	Alto do Vale do São Zé do Norte
101	Alto do Vale do São Zé do Oeste
102	Alto do Vale do São Zé do Leste

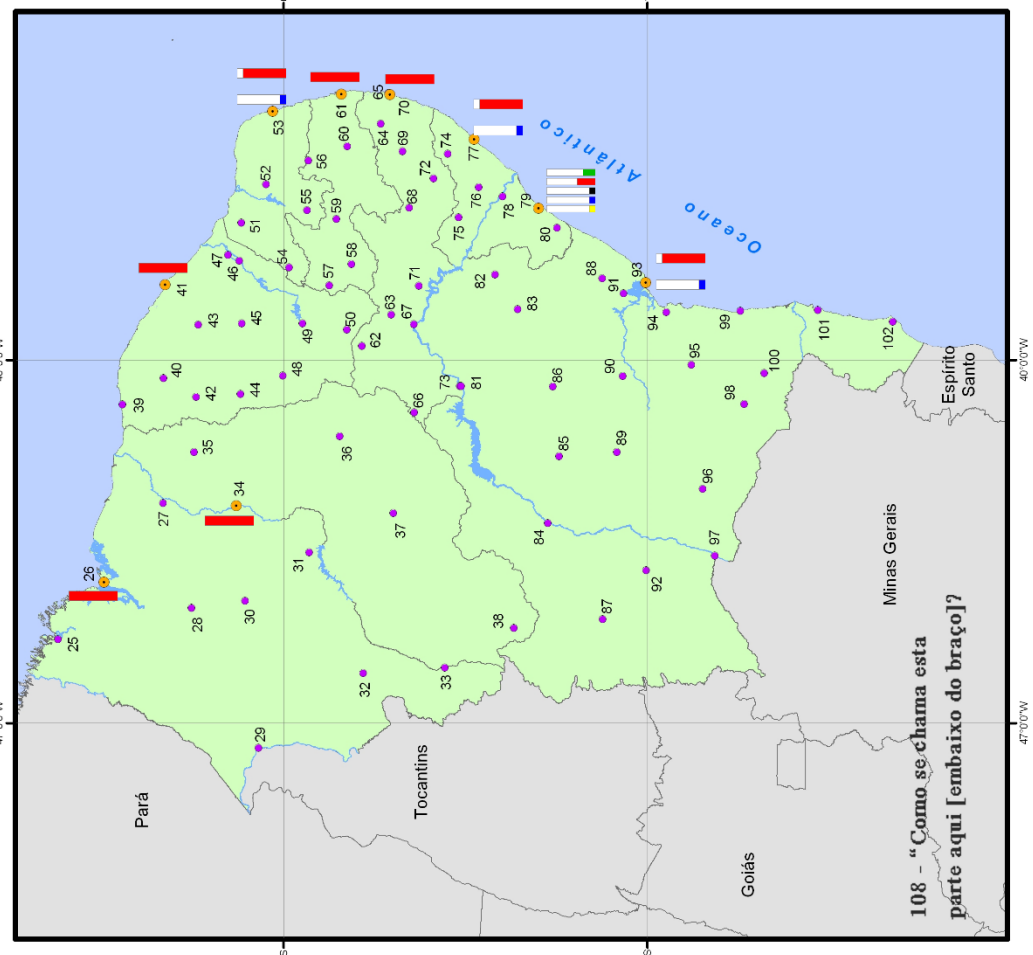
- Label**
- [su'vaku]
 - [su'baku]
 - [suba'ku]
 - ['baku]
 - [so'vaku]



GCS SAD 69
 Carta Base - Fonte: bCIMG v. 2.0 - IBGE, 2006
 Comissão de Informatização e Cartografia
 2012.

[SGVCLin]® - 2015

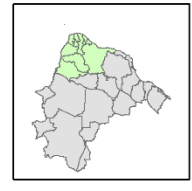
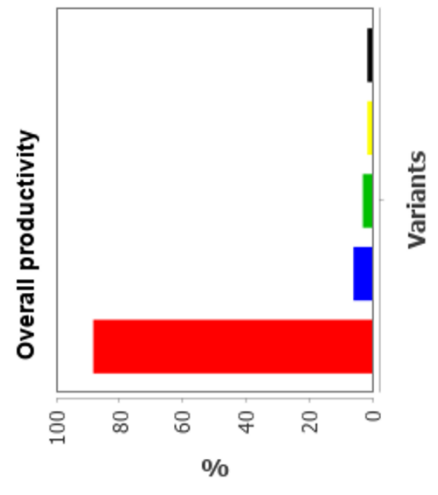
Carta 4a - Sovaco



**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

UF	Município
25	Lucas
26	Alto do Lobo
27	Alto do Rodrigues
28	Barra
29	Barra do Rio Preto
30	Barra do Tapanui
31	Barra do Tapanui
32	Barra do Tapanui
33	Barra do Tapanui
34	Barra do Tapanui
35	Barra do Tapanui
36	Barra do Tapanui
37	Barra do Tapanui
38	Barra do Tapanui
39	Barra do Tapanui
40	Barra do Tapanui
41	Barra do Tapanui
42	Barra do Tapanui
43	Barra do Tapanui
44	Barra do Tapanui
45	Barra do Tapanui
46	Barra do Tapanui
47	Barra do Tapanui
48	Barra do Tapanui
49	Barra do Tapanui
50	Barra do Tapanui
51	Barra do Tapanui
52	Barra do Tapanui
53	Barra do Tapanui
54	Barra do Tapanui
55	Barra do Tapanui
56	Barra do Tapanui
57	Barra do Tapanui
58	Barra do Tapanui
59	Barra do Tapanui
60	Barra do Tapanui
61	Barra do Tapanui
62	Barra do Tapanui
63	Barra do Tapanui
64	Barra do Tapanui
65	Barra do Tapanui
66	Barra do Tapanui
67	Barra do Tapanui
68	Barra do Tapanui
69	Barra do Tapanui
70	Barra do Tapanui
71	Barra do Tapanui
72	Barra do Tapanui
73	Barra do Tapanui
74	Barra do Tapanui
75	Barra do Tapanui
76	Barra do Tapanui
77	Barra do Tapanui
78	Barra do Tapanui
79	Barra do Tapanui
80	Barra do Tapanui
81	Barra do Tapanui
82	Barra do Tapanui
83	Barra do Tapanui
84	Barra do Tapanui
85	Barra do Tapanui
86	Barra do Tapanui
87	Barra do Tapanui
88	Barra do Tapanui
89	Barra do Tapanui
90	Barra do Tapanui
91	Barra do Tapanui
92	Barra do Tapanui
93	Barra do Tapanui
94	Barra do Tapanui
95	Barra do Tapanui
96	Barra do Tapanui
97	Barra do Tapanui
98	Barra do Tapanui
99	Barra do Tapanui
100	Barra do Tapanui
101	Barra do Tapanui
102	Barra do Tapanui

- Label**
- [su'vaku]
 - [su'baku]
 - [suba'ku]
 - ['baku]
 - [so'vaku]

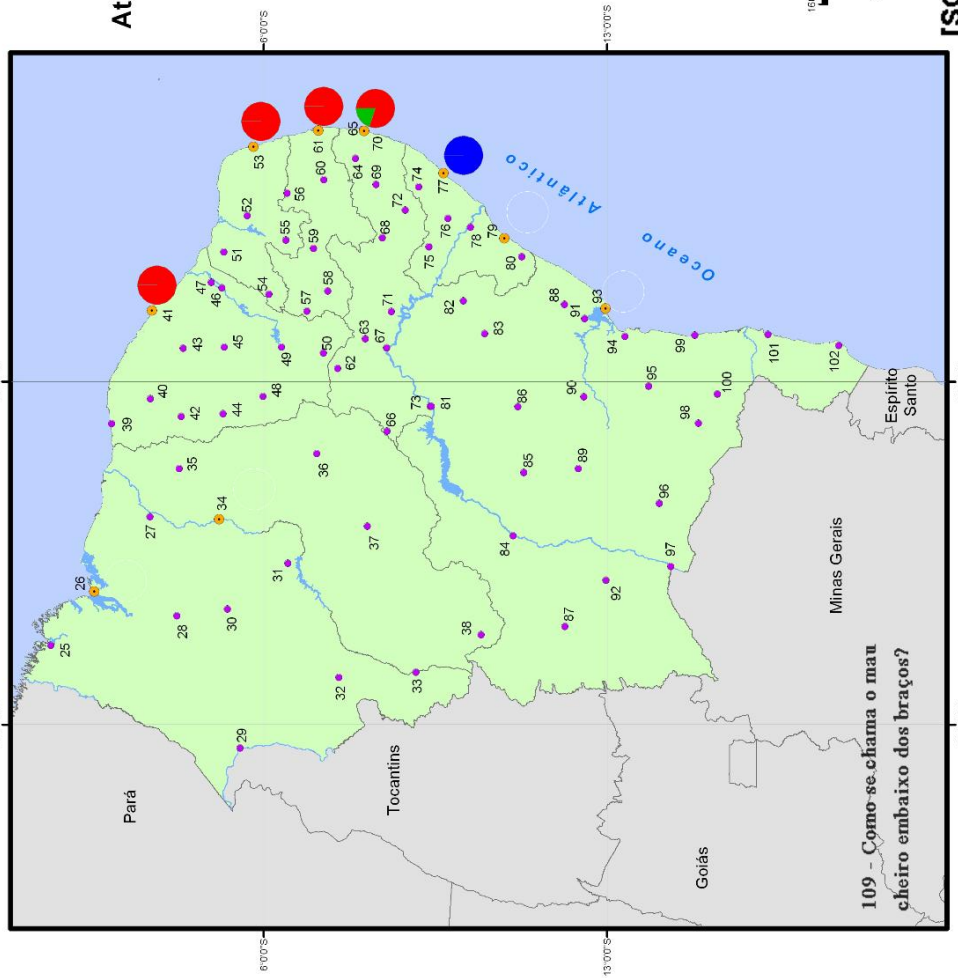


Carta Base - Fonte: bCIMO v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLIN]® - 2015

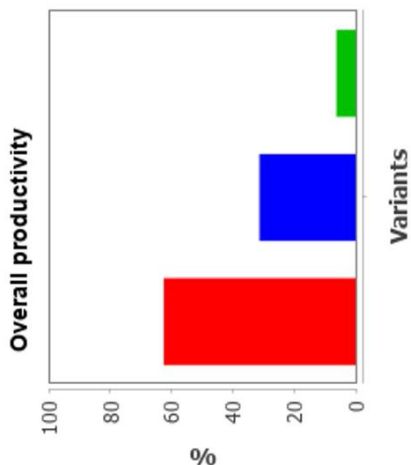
108 - "Como se chama esta parte aqui [embaixo do braço]?"

Carta 5 - Sovaqueira



Label

- [suva'kere]
- [suba'kere]
- [suva'kejre]



**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

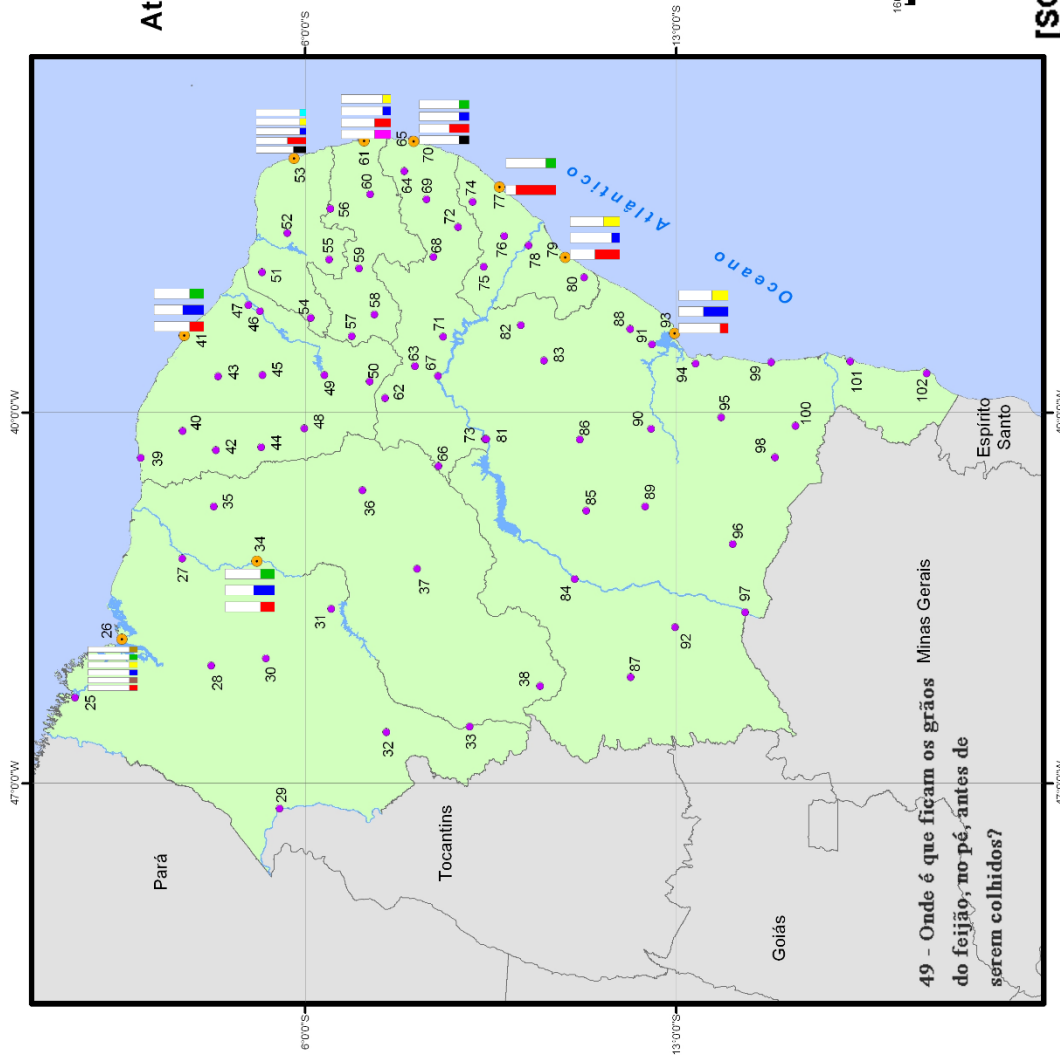


UF	UF	UF	UF
22	14	14	14
23	15	15	15
24	16	16	16
25	17	17	17
26	18	18	18
27	19	19	19
28	20	20	20
29	21	21	21
30	22	22	22
31	23	23	23
32	24	24	24
33	25	25	25
34	26	26	26
35	27	27	27
36	28	28	28
37	29	29	29
38	30	30	30
39	31	31	31
40	32	32	32
41	33	33	33
42	34	34	34
43	35	35	35
44	36	36	36
45	37	37	37
46	38	38	38
47	39	39	39
48	40	40	40
49	41	41	41
50	42	42	42
51	43	43	43
52	44	44	44
53	45	45	45
54	46	46	46
55	47	47	47
56	48	48	48
57	49	49	49
58	50	50	50
59	51	51	51
60	52	52	52
61	53	53	53
62	54	54	54
63	55	55	55
64	56	56	56
65	57	57	57
66	58	58	58
67	59	59	59
68	60	60	60
69	61	61	61
70	62	62	62
71	63	63	63
72	64	64	64
73	65	65	65
74	66	66	66
75	67	67	67
76	68	68	68
77	69	69	69
78	70	70	70
79	71	71	71
80	72	72	72
81	73	73	73
82	74	74	74
83	75	75	75
84	76	76	76
85	77	77	77
86	78	78	78
87	79	79	79
88	80	80	80
89	81	81	81
90	82	82	82
91	83	83	83
92	84	84	84
93	85	85	85
94	86	86	86
95	87	87	87
96	88	88	88
97	89	89	89
98	90	90	90
99	91	91	91
100	92	92	92
101	93	93	93
102	94	94	94
103	95	95	95
104	96	96	96
105	97	97	97
106	98	98	98
107	99	99	99
108	100	100	100
109	101	101	101

CCS SADI 69
Carta Base - Fonte: IBGE V. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLIN]® - 2015

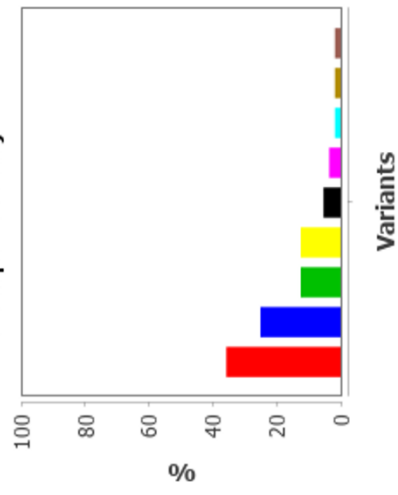
Carta 3a - Vagem



49 - Onde é que ficam os grãos Minas Gerais do feijão, no pé, antes de serem colhidos?

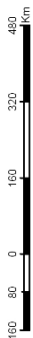
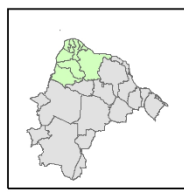
- Label**
- [ˈbaʒi]
 - [ˈvaʒɛ]
 - [ˈbaʒɛ]
 - [ˈvaʒi]
 - [ˈvahʒɛ]
 - [ˈvahʒi]
 - [ˈbahʒɛ]
 - [ˈvaʒɛ]
 - [ˈfave]

Overall productivity



**Atlas Linguístico do Brasil
Rede de Pontos
NORDESTE**

Localidade	Coordenadas
1. Alagoas	06
2. Alagoas	06
3. Alagoas	06
4. Alagoas	06
5. Alagoas	06
6. Alagoas	06
7. Alagoas	06
8. Alagoas	06
9. Alagoas	06
10. Alagoas	06
11. Alagoas	06
12. Alagoas	06
13. Alagoas	06
14. Alagoas	06
15. Alagoas	06
16. Alagoas	06
17. Alagoas	06
18. Alagoas	06
19. Alagoas	06
20. Alagoas	06
21. Alagoas	06
22. Alagoas	06
23. Alagoas	06
24. Alagoas	06
25. Alagoas	06
26. Alagoas	06
27. Alagoas	06
28. Alagoas	06
29. Alagoas	06
30. Alagoas	06
31. Alagoas	06
32. Alagoas	06
33. Alagoas	06
34. Alagoas	06
35. Alagoas	06
36. Alagoas	06
37. Alagoas	06
38. Alagoas	06
39. Alagoas	06
40. Alagoas	06
41. Alagoas	06
42. Alagoas	06
43. Alagoas	06
44. Alagoas	06
45. Alagoas	06
46. Alagoas	06
47. Alagoas	06
48. Alagoas	06
49. Alagoas	06
50. Alagoas	06
51. Alagoas	06
52. Alagoas	06
53. Alagoas	06
54. Alagoas	06
55. Alagoas	06
56. Alagoas	06
57. Alagoas	06
58. Alagoas	06
59. Alagoas	06
60. Alagoas	06
61. Alagoas	06
62. Alagoas	06
63. Alagoas	06
64. Alagoas	06
65. Alagoas	06
66. Alagoas	06
67. Alagoas	06
68. Alagoas	06
69. Alagoas	06
70. Alagoas	06
71. Alagoas	06
72. Alagoas	06
73. Alagoas	06
74. Alagoas	06
75. Alagoas	06
76. Alagoas	06
77. Alagoas	06
78. Alagoas	06
79. Alagoas	06
80. Alagoas	06
81. Alagoas	06
82. Alagoas	06
83. Alagoas	06
84. Alagoas	06
85. Alagoas	06
86. Alagoas	06
87. Alagoas	06
88. Alagoas	06
89. Alagoas	06
90. Alagoas	06
91. Alagoas	06
92. Alagoas	06
93. Alagoas	06
94. Alagoas	06
95. Alagoas	06
96. Alagoas	06
97. Alagoas	06
98. Alagoas	06
99. Alagoas	06
100. Alagoas	06
101. Alagoas	06
102. Alagoas	06



GCS SAD 69
Carta Base - Fonte: bCIMA v. 2.0 - IBGE, 2006
Comissão de Informatização e Cartografia
2012.

[SGVCLin]® - 2015